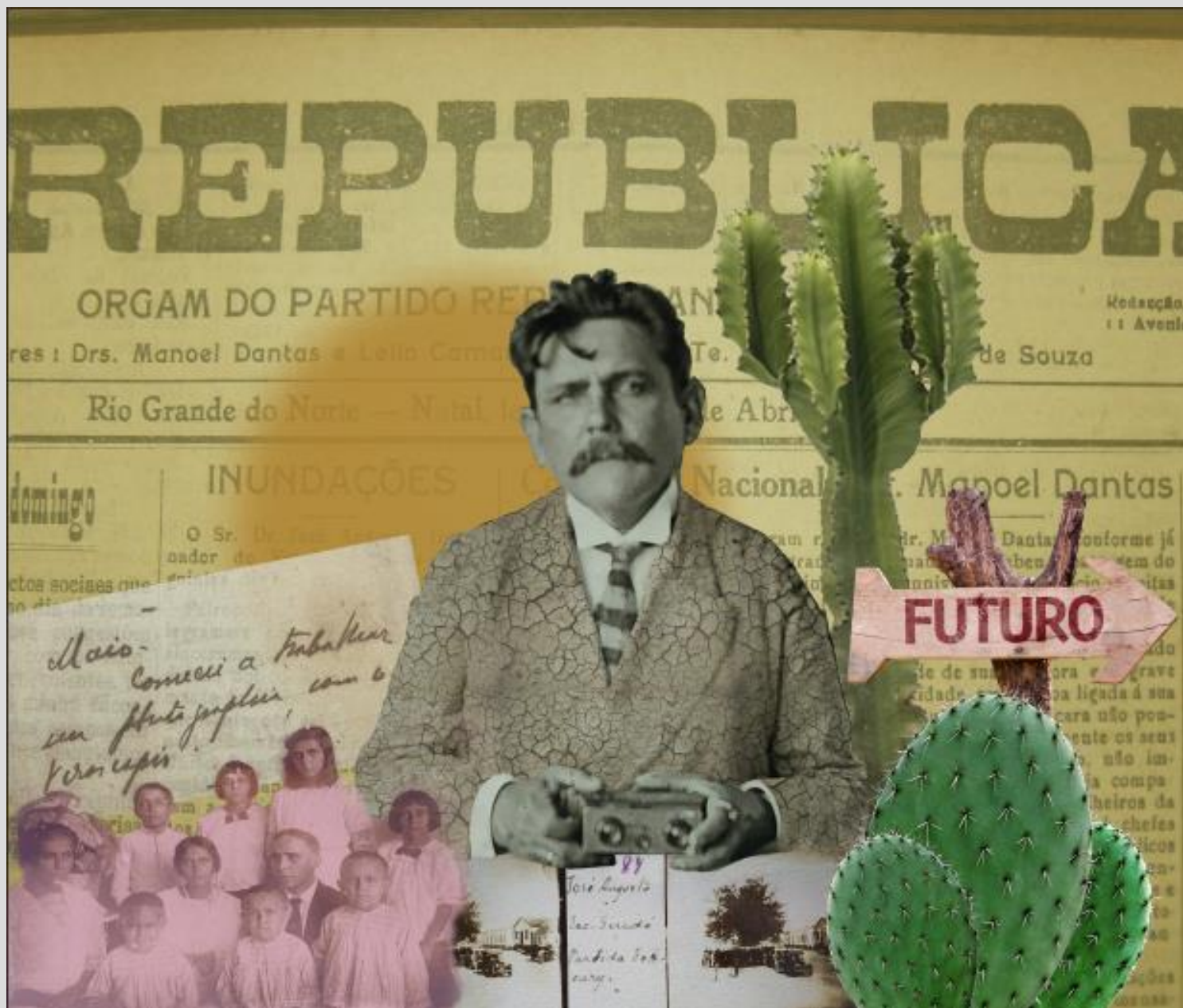


AS FOTOGRAFIAS ESTEREOSCÓPICAS SECULARES DO POTIGUAR MANOEL DANTAS



Renata Luz Passos



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA
MESTRADO EM ESTUDOS DA MÍDIA**

RENATA LUZ PASSOS

**AS FOTOGRAFIAS ESTEREOSCÓPICAS SECULARES DO POTIGUAR
MANOEL DANTAS**

**NATAL/RN
2021**

RENATA LUZ PASSOS

**AS FOTOGRAFIAS ESTEREOSCÓPICAS SECULARES DO POTIGUAR
MANOEL DANTAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, área de concentração: Comunicação Midiática.

Linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais

Orientador: Prof. Dr. Itamar de Moraes Nobre (PPgEM/ UFRN)

Coorientadora: Olívia Moraes de Medeiros Neta (PPgED/ UFRN)

**NATAL/RN
2021**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA

Passos, Renata Luz.

As fotografias estereoscópicas seculares do potiguar Manoel Dantas / Renata Luz Passos. - 2022.
114f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2022.
Orientador: Prof. Dr. Itamar de Moraes Nobre.
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Olívia Moraes de Medeiros Neta.

1. Fotografia Estereoscópica - Dissertação. 2. História da Mídia - Dissertação. 3. Dantas, Manoel, 1867-1924 - Dissertação. I. Nobre, Itamar de Moraes. II. Medeiros Neta, Olívia Moraes de. III. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 77

RENATA LUZ PASSOS

**AS FOTOGRAFIAS ESTEREOSCÓPICAS SECULARES DO POTIGUAR MANOEL
DANTAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Área de concentração: Comunicação Midiática.

Linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais

Aprovação: 16 / 12 / 2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Itamar de Moraes Nobre
Presidente

Profa. Dra. Maria Angela Pavan
Examinadora interna – PPgEM/UFRN

Prof. Dr. Bertrand de Souza Lira
Examinador externo – UFPB

AGRADECIMENTOS

Ao longo desta jornada, descobri ser possível medir o tamanho e o peso de uma empreitada pelo número de pessoas que precisamos mobilizar para concluí-la. Essa foi uma das minhas maiores. Inúmeros foram os “anjos” que cruzaram o meu caminho, dos mínimos auxílios, às tarefas mais hercúleas. De toda forma, todas as ajudas foram imprescindíveis. Assim, os meus agradecimentos não obedecem a uma ordem, cronológica ou de importância. Decidi assumir o risco de nominar algumas dessas pessoas, ainda que sob pena de, ao esquecer alguém, cometer uma grande injustiça.

O primeiro agradecimento vai para o próprio Manoel Dantas, que, em vida, jamais poderia supor que suas fotos dariam um significado tão especial para a minha vida. Não se trata de um título, mas de todo um resgate de propósito que permeará meus caminhos de agora em diante. Em seguida para a sua nora, D. Sylvia Dantas, por quem redobrei a admiração, após perceber o carinho com que trouxe o acervo para o século XXI. Essa gratidão é extensa a toda Família Dantas, começando pelo patriarca, Osório Dantas, a quem tive o privilégio de conhecer. Aos seus filhos e atuais guardiões do acervo, Edgard, Sylvia Maria, Ana Maria e Maria de Carmo, que acreditaram na minha capacidade de realizar este trabalho. Espero ter, ainda que minimamente, correspondido a tanta confiança.

O próximo agradecimento é ao meu marido, Henrique, que durante esse percurso foi tão protagonista desta pesquisa quanto eu. Não há palavras para retribuir todo o encorajamento e a parceria desses últimos dois anos. Você é o elo que une esse passado, o presente e o futuro; logo, nada disso existiria sem você!

Discurso semelhante precisa ser feito sobre os meus filhos, Gabriel e Arthur, minha mãe, Élcia, e minha irmã Paula. Aos amigos (as) diletos (as), que precisaram exercitar a paciência em situações em que precisei me fazer ausente, especialmente Juliska, que me apontou, indiretamente, para esse caminho acadêmico.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Itamar Nobre, e a minha coorientadora, Olívia Medeiros, por partilharem comigo não apenas as suas expertises acadêmicas, mas a paixão que impulsionou cada descoberta da pesquisa. Minha gratidão pelos muitos (e queridos) amigos da UFRN que contribuíram sobremaneira com esse projeto. Do ingresso ao PPgEM, nas pessoas de Manu, Alice e Mulatinho, até aqueles com quem dividi a dor e a delícia de ser uma mestrandia. Gratidão aos professores e funcionários do PPgEM, em especial à Ana Comissário, aos colaboradores dos meus SOD's, ao professor Daniel Meirinho e sua

valiosa participação na qualificação, ao professor Bertrand Lira, que me deu a honra de participar das minhas bancas de qualificação e defesa, e a professora Angela Pavan, pela alegria de tê-la como uma grande incentivadora nas bancas dos seminários e na de defesa deste trabalho.

Um obrigado especial também para o historiador seridoense William Pinheiro, com toda a sua disponibilidade de me fornecer dados que foram imprescindíveis, Joab Alves, do Arquivo Público, por toda a sua presteza, aos professores Gavim Adams e Maria Isabela, que responderam os meus e-mails cheios de solicitude. Vocês foram essenciais!

Por fim, dedico o meu apreço em forma de gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta pesquisa fosse concretizada. Jamais poderia imaginar que esse recomeço de rota profissional seria marcado pela oportunidade de me descobrir uma pesquisadora diletante, apaixonada por essa arqueologia dos extratos do tempo.

BALANÇO DO SÉCULO

Eis aqui o deve e o haver
do século próximo passado,
conforme balanço feito por
uma revista americana:
O século XIX recebeu de seus
predecessores o cavallo e
legou ao século presente a locomotiva,
a bicycleta e o automóvel.
Encontrou a penna de pato
e deixou o mecanographo.
Encontrou o gadanho e deixou
a machina regadora.
Recebeu a prensa de escrever
e deixa a machina rotativa.
Encontrou a pintura em tela
e deixa a photographia.
Transportou o operário que
tecia á mão para os teáres mechanicos.
Em troca da pólvora que
recebeu, inventou extraordinarios explosivos.
Do bacamarte de pederneira
subiu ás armas de tiro rapido.
Restituiu a vela de sêbo
transformada em fôcos incandescentes
e voltaicos.
Na tosca pilha electrica encontrou
as bases do moderno dynamo.
Veiu em barco á vela e retirou-se
em transatlanticos e submarinos.
Recebeu o telegrapho optico e
restitui-o transformado em telephone e telegrapho
sem fios.
Nasceu com a luz do dia e, ao retirar-se,
nos dá os raios X.

RESUMO

Neste Estudo de Caso, nos propomos a investigar a prática da fotografia estereoscópica pelo jornalista e jurista brasileiro, nascido no sertão do Rio Grande do Norte, Manoel Dantas (1867-1924). Em seu acervo inédito, constam 2.146 imagens que resistiram ao tempo, produzidas entre os anos de 1900 e 1924, em caráter amador. Por meio dessas fontes primárias, compostas por fotos, diário pessoal, entre outros documentos, bem como utilizando fontes secundárias, como jornais da época e aportes bibliográficos, realizamos um levantamento histórico acerca dos usos, funções e mapeamento do acesso a equipamentos e insumos da fotografia estereoscópica por Manoel Dantas. Nesse sentido, buscamos em autores como Boris Kossoy (2002, 2007, 2014), Gisèle Freund (1995) e Ana Maria Mauad (2008), os aportes teóricos referentes ao estudo histórico da fotografia. Enquanto nos aspectos relacionados ao uso da fotografia estereoscópica, nos embasamos nas obras de Maria Inez Turazzi (1995) e Inácio Parente (1999). Observando a aproximação dos objetivos da pesquisa com a metodologia da Análise Iconográfica de Kossoy (2014), nos debruçamos nas imagens para identificar os aspectos constitutivos de uma fotografia: o fotógrafo, a tecnologia utilizada por ele e os assuntos que foram registrados. Diante do elevado número de imagens, efetuamos uma categorização feita a partir de temas, subtemas e legendas (KOSSOY, 2014). Após esse levantamento, delimitamos um recorte para que fosse possível, a partir do exemplar mais bem conservado, exemplificar cada uma dessas categorias. Ao longo da pesquisa exploratória, percebemos a aproximação da atividade de fotógrafo amador com os demais aspectos profissionais e pessoais da vida de Manoel Dantas. O levantamento de sua biografia, realizado à luz da contextualização histórica, nos auxiliou na compreensão da forma como esse sertanejo foi elevado a uma restrita elite intelectual e econômica do início do século XX, dando pistas sobre como custeou a fotografia e onde obtinha informações acerca da tecnologia escolhida. Apesar do estudo se inserir no âmbito da história da mídia visual, embasando-se na necessidade de estabelecermos, ao longo da história, os marcos midiáticos que explicam em grande medida o nosso consumo de dispositivos, visuais e táteis, vislumbramos sua contribuição focada no presente. Isso porque os aparelhos de efeito tridimensional permanecem incorporados em nossas vidas, em razão da demanda humana de experimentar o mundo de forma, cada vez mais, sensorial.

Palavras-chave: Fotografia estereoscópica. História da Mídia. Manoel Dantas.

ABSTRACT

In this Case Study we propose to investigate the practice of stereoscopic photography by the Brazilian journalist and jurist, born in the interior of Rio Grande do Norte, Manoel Dantas (1867-1924). In its unprecedented collection, there are 2,146 images that have withstood time, produced between 1900 and 1924, with an amateur character. Through these primary sources, consisting of photos, personal diary, among other documents, as well as using secondary sources, such as periodicals and bibliographic contributions, we carried out a historical survey about the uses, functions, and mapping of access to equipment and supplies of photography stereoscopic by Manoel Dantas. In this sense, we searched in authors such as Boris Kossoy (2002, 2007, 2014), Gisèle Freund (1995) and Ana Maria Mauad (2008) for theoretical contributions regarding the historical study of photography. As for aspects related to the use of stereoscopic photography, we base ourselves on the works of Maria Inez Turazzi (1995) and In cio Parente (1999). Observing the approximation of the research objectives with the methodology of Iconographic Analysis by Kossoy (2014), we focused on the images to identify the constitutive aspects of a photograph: the photographer, the technology used by him and the subjects that were registered. Given the high number of images, we performed a categorization based on themes, subthemes, and captions (KOSSOY, 2014). After this survey, we delimited a cut so that it would be possible, from the best-preserved specimen, to exemplify each of these categories. During the exploratory research, we noticed the approximation of the amateur photographer activity with the other professional and personal aspects of Manoel Dantas' life. The survey of his biography, carried out in the light of historical contextualization, helped us to understand the way in which this countryman was elevated to a restricted intellectual and economic elite of the beginning of the 20th century, giving clues about how he paid for photography and where he obtained information about the chosen technology. Despite the study being inserted in the scope of the history of visual media, based on the need to establish, throughout history, the media milestones that largely explain our consumption of devices, visual and tactile, we envision its contribution focused on gift. This is because three-dimensional effect devices remain incorporated in our lives, due to the human demand to experience the world in an increasingly sensory way.

Key words: Stereoscopic photography. Media History. Manoel Dantas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Câmera Verascopio de Richard – modelo de 1908	30
Figura 2 – Anúncio do Glyphoscope em 1912	31
Figura 3 – Le Taxiphote produzido pela Maison Richard.....	32
Figura 4 – Manual do Le Taxiphote – Maison Richard 1917	32
Figura 5 – Revelador e Fixador - 1911	34
Figura 6 – Anúncio dos produtos fotográficos de Marc Ferrez em 1905.....	35
Figura 7 – Anúncio de venda de estereoscópios no <i>Pequeno Jornal</i> , Recife/ PE, em 1899	36
Figura 8 – Família desfrutando do lazer junto ao Le Taxiphote	40
Figura 9 – Nota sobre a visita do Presidente Afonso Pena à “secção” do RN durante a Exposição Nacional	43
Figura 10 – Nota na imprensa sobre a conferência de Domingos Barros	44
Figura 11 – Material sobre a participação do RN na Exposição de 1908, produzido por Domingos Barros.....	44
Figura 12 – Nota informativa sobre o uso do cinematógrafo	45
Figura 13 – Anúncio de venda de vistas estereoscópicas para exibição pública.....	46
Figura 14 – Anúncio no <i>Jornal do Brasil</i> - 09/01/1903 - p. 5.....	46
Figura 15 – Anúncio venda de Verascope de Richard	47
Figura 16 – Foto nº 280 – Pretória – Garibaldi e Christovam, conforme legenda de Manoel Dantas	49
Figura 17 – Diário pessoal de Manoel Dantas.....	51
Figura 18 – Edição ilustrada d' <i>A República</i> do dia 15/11/1911 – Pg. 1 e 2	61
Figura 19 – Matéria sobre a comemoração do aniversário da República em <i>A República</i> de 15/11/1911 – Pg. 3.....	61
Figura 20 – Foto do Congresso Estadual.....	62
Figura 21 – Foto do Congresso Estadual.....	62
Figura 22 – Nota sobre a motivação das imagens na edição de <i>A República</i> de 15/11/1911 – Pg. 3.....	63
Figura 23 – Nota em <i>A República</i> do dia 16/11/1911 – Pg. 1	64
Figura 24 – Relação de Caixas Postais no RN (em ordem alfabética), em 1911	67
Figura 25 – Nº 129 e 179 tirada por ocasião do aniversário do casamento de Manoel Dantas	72

Figura 26 – Fotografia com Manoel Dantas e sua esposa, D. Francisca. Ele utilizando seu Verascópio.....	78
Figura 27 – Ampliação do tamanho em pixels da foto.....	78
Figura 28 – Catálogo de venda do Verascope de 1899	79
Figura 29 – Verascope Modelo 1	80
Figura 30 – Manoel Dantas com a câmera na mão e a bolsa no ombro	80
Figura 31 – Cassetes do Le Taxiphote.....	81
Figura 32 – Os três visores estereoscópios pertencentes ao acervo de Manoel Dantas	82
Figura 33 – Caixas de lâminas pertencentes ao acervo de Manoel Dantas	82
Figura 34 – Caixas para guardar lâminas pertencentes ao acervo de Manoel Dantas	83
Figura 35 – Caixa de madeira para guardar estereoscópio e lâminas.....	83
Figura 36 – Suporte de papelão para inserir lâminas.....	83
Figura 37 – Fotos da família reveladas em papel	84
Figura 38 – Anotação no verso da fotografia do quarto do casal	85
Figura 39 – Anúncio venda de materiais fotográficos em Natal	86
Figura 40 – Parte Comercial publicada no jornal	87
Figura 41 – Exemplo de lâmina quebrada	88
Figura 42 – Exemplo de lâmina manchada	88
Figura 43 – Exemplo de lâmina descascada.....	88
Figura 44 – Exemplo de lâmina escura	89
Figura 45 – Exemplo de lâmina clara.....	89
Figura 46 – Lâmina totalmente danificada.....	89
Figura 47 – Armazenamento das lâminas em envelope de papel apropriado.....	102
Figura 48 – Separação de lâminas conforme catalogação temática	103
Figura 49 – Lâminas catalogadas, armazenadas em arquivo.....	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Demonstração acerca da catalogação das lâminas	21
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias, subcategorias e quantitativo das lâminas	22
Tabela 2 – Categorias, subcategorias e quantitativo das lâminas do acervo	73
Tabela 3 – Categorias e suas respectivas quantidades	75
Tabela 4 – Categorias, subcategorias, legendas técnica e contextual e amostra de fotografias	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 FOTOGRAFIAS ESTEREOSCÓPICAS: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CONCEITOS TÉCNICOS	28
2.1 ASPECTOS DA DIFUSÃO DA FOTOGRAFIA ESTEREOSCÓPICA NO BRASIL E NO RN.....	35
2.2 USOS, FUNÇÕES E LIMITAÇÕES	38
3 A TRAJETÓRIA DE MANOEL DANTAS RUMO À FOTOGRAFIA	49
3.1 UMA VIDA DEDICADA AO JORNALISMO	57
3.2 MANOEL DANTAS E SEU PERFIL FUTURISTA.....	67
4 AS VISTAS ESTEREOSCÓPICAS E DEMAIS CONTEÚDOS DO ACERVO	71
4.1 O RECORTE DA PESQUISA	87
4.2 O PASSADO E O FUTURO DESTE LEGADO	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	108

1 INTRODUÇÃO

A história da sociedade midiaticizada, em seu processo de evolução, não seria a mesma se a fotografia não tivesse sido inventada. Para isso, basta observarmos como ela é parte constitutiva da história da mídia – qual seja, da mídia impressa, do cinema, da televisão, da literatura ou das artes visuais – para vislumbrarmos a importância da fotografia em nossa sociedade, por vezes denominada de “civilização da imagem” (KOSSOY, 2014, p. 150). Seu papel narrativo está em se apresentar como um atestado do que Barthes (2017, p. 74) denominou “isto foi” de uma cena passada.

Admitindo que “uma nova mídia sempre vem complexificar as que existiram antes” (BARBOSA, 2013, p. 193), percebemos a necessidade de nos debruçarmos sobre a historicidade desse regime de visualidade, a fim de compreendermos a necessidade humana de capturar suas experiências em suportes capazes de armazená-las e compartilhá-las para além do espaço e do tempo em circunstâncias tanto públicas quanto privadas. Nesse sentido, a investigação da evolução tecnológica das câmeras com seus respectivos processos e o protagonismo dos fotógrafos ensejam em estudos capazes de restaurar não apenas os acontecimentos em suas cronologias, mas, principalmente, o contexto que as justificaram na trajetória linear da história.

É de se esperar que ao nos encontrarmos distantes (mais de 180 anos) da invenção da fotografia (1839), muito já tenha sido descoberto sobre o percurso dessa mídia. Entretanto, novos capítulos são sempre passíveis de serem escritos, especialmente no que diz respeito ao que Boris Kossoy (2007, p. 66) denominou de “fotógrafos anônimos”, isto é, pessoas comuns cujos registros representam “avanços significativos tanto na área da fotografia em sua história própria como no que toca à memória histórica e fotográfica do país, proporcionando, em suma, novos dados para o conhecimento do passado”.

Acreditando estarmos diante da descoberta de um fotógrafo amador anônimo e seu legado imagético, é que desenvolvemos esta pesquisa na seara dos estudos da história da mídia visual. O que possibilitou este trabalho foi o acesso recente ao que nos parece ser o maior acervo de fotografias estereoscópicas¹ do Rio Grande do Norte, produzidas no início do século XX, pelo fotógrafo amador potiguar Manoel Gomes de Medeiros Dantas (1867-1924). Sua obra, composta por 2.146 fotografias (entre diapositivos e negativos) reveladas em

¹ Imagem obtida a partir de uma câmera com duas lentes situadas no mesmo eixo. Reproduzia um par de imagens ligeiramente distintas de um mesmo objeto, com efeito tridimensional, precisamente como ocorre com o olho humano, quando observada com um visor estereoscópico (KOSSOY, 1980, p. 58).

lâminas de vidro, apresenta e representa cenários naturais e urbanos de municípios não apenas potiguares, mas dos Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Bahia entre outros. Documenta, ainda, aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos de um período histórico marcado por significativas mudanças vivenciadas com o final do século XIX e início do século XX, a exemplo da instauração da República no Brasil. Defende Kossoy (2007, p. 18):

[...] abordamos a necessidade de promover-se um amplo rastreamento regional e nacional dos fotógrafos anônimos do passado, enquanto tarefa inadiável para se estabelecer marcos referenciais, tendo em vista a compreensão dos processos históricos específicos às origens e desenvolvimento da fotografia em suas diferentes manifestações. Perseguir os rastros dos fotógrafos pioneiros – que tão raros vestígios deixaram de suas passagens e cuja obra é, também praticamente desconhecida, ainda ausente da história – parece-nos ser compromisso básico, por propiciar um real conhecimento da expansão da fotografia pelo interior do Brasil.

A importância desse material deve-se ao fato de que acervos de pares estereoscópicos, em lâminas de vidro, serem ainda mais raros (PARENTE, 1999). Podemos aferir isso, ao consultar as bases históricas no tocante aos registros que documentam o uso dessa tecnologia no Brasil, onde nos deparamos com a escassez de produções fotográficas, que em sua maioria foram realizadas nas cidades do Rio de Janeiro (então capital federal), São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador e Recife.

Muito precária foi, portanto, a documentação estereoscópica dessas cidades brasileiras. A documentação feita por amadores suplementava esta falta, mas suas famílias não previam o valor histórico e artístico que estas peças um dia iriam adquirir, abandonando-as como curiosidades dos mais velhos (PARENTE, 1999, p. 65).

Diante dessa realidade, podemos inferir que a descoberta de um acervo de fotografias seculares cede aos apelos por novas e importantes contribuições à iconografia, especialmente, por ser um estudo sobre fotografias estereoscópicas tiradas no Rio Grande do Norte. Afinal, trata-se do levantamento de dados relativos à “trajetória temporal e espacial deste suporte fotográfico” (MAUAD, 2013, p. 12). O campo de investigações se torna ainda mais fértil quando consideramos o caráter amador, que pode ter possibilitado uma maior liberdade temática (BARTHES, 1984).

Enquanto Manoel Dantas, como fotógrafo amador, ainda é desconhecido pela historiografia do desenvolvimento da fotografia brasileira, não se pode dizer o mesmo dele como intelectual de atuação diversa e destacada que foi, em seus 57 anos de vida, no Rio

Grande do Norte. Um exemplo disso pode ser observado no resgate da abertura do discurso do então governador do Estado, Juvenal Lamartine de Faria² (1874-1956), no ano de 1943, durante uma conferência em sessão pública da Academia Norte-rio-grandense de Letras, em que enfatizou a relevância do patrono da cadeira de número 26, o sertanejo potiguar Manoel Dantas:

A palestra que vão ouvir é apenas um esboço rápido e incompleto da personalidade interessante e complexa de Manoel Dantas. Esse saudoso conterrâneo, que todos ou quase todos os que se acham nesta sala conheceram e estimaram, merece bem um estudo demorado e honesto de sua individualidade e de suas atividades intelectuais³.

Conforme apontou Juvenal Lamartine, o perfil polimático de Manoel Dantas, em razão de sua atuação como jornalista, advogado, gestor público, geógrafo, educador, orador e como político no período histórico conhecido como República Velha (1889-1930), suscitou o interesse de pesquisadores acadêmicos que realizaram seus estudos em nível de pós-graduação, dando destaque a algumas dessas atividades profissionais. Como exemplo, podemos citar as dissertações: “Ser(tão) Seridó em suas cartografias espaciais” (MEDEIROS NETA, 2007); “Em nome(s) dos interesses imaginários toponímicos do Rio Grande do Norte na Primeira República” (BRITO, 2012); “A atuação de Manoel Dantas na instrução pública norte-rio-grandense” (MORAIS, 2018), além da tese “Contribuições do intelectual Manoel Dantas para a instrução pública no Rio Grande do Norte” (ARAÚJO, 2016).

Observando que o protagonismo político e social de Manoel Dantas se configurou como um insumo frutífero para essas teses e dissertações, além de vários outros artigos publicados, inferimos que o mesmo pode acontecer em razão de seu acervo fotográfico, que reúne farta documentação iconográfica de pelo menos 24 anos⁴ ininterruptos de registros ligados as suas áreas de interesses pessoais e atuações profissionais. Associamo-nos a Mauad (2013, p. 12) ao defender uma abordagem sobre “a história social das práticas fotográficas que, sem negligenciar a força da representação visual, volta-se para o mapeamento das condições históricas da experiência fotográfica”.

Não obstante as fotografias originais, o acervo também contempla documentos particulares, a exemplo de diário pessoal, assessórios fotográficos como visores

² Juvenal Lamartine foi conterrâneo, concunhado e correligionário de Manoel Dantas.

³ Este discurso foi proferido em uma sessão pública da Academia Norte-rio-grandense de Letras em homenagem póstuma a Manoel Dantas, seu amigo e conterrâneo, patrono da cadeira nº 26 daquela instituição. LAMARTINE, Juvenal. **Revista das Academias de Letras** – Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil, Rio de Janeiro, ano VII, n. 45, maio-jun. 1943.

⁴ Estimamos que ele tenha fotografado entre os anos de 1900 e 1924.

estereoscópicos, caixas de lâminas e envelopes de armazenamento, além de outros objetos que serão posteriormente inventariados.

São nesses materiais, em especial nas fotos seculares, que esperamos encontrar as respostas para o questionamento: Quem foi Manoel Dantas enquanto fotógrafo estereoscópico amador?

Afinal, estamos de acordo com Samain (1998, p. 179) ao concluir que, enquanto “resíduo do passado, toda fotografia constitui-se numa fonte histórica que reúne um inventário de informações que desperta a curiosidade e suscita a busca de respostas”. Nesse sentido, pretendemos investigar as relações da fotografia com as demais atividades, em especial a jornalística, que Manoel Dantas desempenhou por 41 anos; o acesso logístico e financeiro para desenvolver esta prática enquanto amador; a relação do uso da estereoscopia e seu efeito tridimensional com aspectos intrínsecos e extrínsecos ao fotógrafo; os usos e funções dessas imagens a partir do conteúdo desses registros. Ao final, aspiramos sermos capazes de preencher algumas lacunas sobre a prática fotográfica de Manoel Dantas.

No tocante à metodologia, enquadrámos esta pesquisa como um Estudo de Caso, uma vez que realizaremos a análise de um indivíduo, com vistas a desvendar sua trajetória, na qual admite-se a possibilidade de haver um certo ineditismo, já que Manoel Dantas ainda se configura como um fotógrafo anônimo. Almejamos conhecer o seu “como” e os seus “porquês” (GIL, 2002), especialmente em se confirmando a hipótese de que pode ter sido um dos fotógrafos potiguares precursores do uso da estereoscopia no Rio Grande do Norte. Utilizamos também os critérios de investigação qualitativa, de caráter indutivo, uma vez que nos propomos a construir e elaborar respostas para as questões que se fazem presentes no cerne do objeto deste estudo, que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 14).

Na prática, partimos de uma pesquisa exploratória, não apenas no acervo fotográfico, bem como nas demais fontes documentais primárias⁵ e secundárias⁶ que nos auxiliaram sobremaneira na apreensão das características únicas do fenômeno estudado (GONZÁLES REY, 2005, p. 54).

À pesquisa bibliográfica somaram-se as contribuições e contextualizações a partir de

⁵ Documentos pessoais como diário, cartas e manuscritos.

⁶ Jornais e colagens pessoais.

uma abordagem histórica, que atua “solicitando a apreensão de estruturas complexas e singulares, que não serão ‘explicadas’ em termos de causa e efeito, mas sim ‘compreendidas’ em seu devir” (BRAGA, 2011, p. 8). Estamos de acordo com Kossoy (2014, p. 156) quando este afirma que, para se ter uma compreensão mais abrangente da história da fotografia é preciso vinculá-la à história particular, dentro dos contextos a que se referem.

São os componentes econômicos, sociais, políticos, culturais, estéticos, tecnológicos que direcionaram e influíram decisivamente para que a fotografia, desde sua descoberta e em suas diferentes manifestações, tivesse uma evolução determinada em cada espaço específico (KOSSOY, 2014, p. 156).

Por essa razão, realizamos um levantamento biográfico do fotógrafo, procurando compreender as transformações socioeconômicas advindas do novo regime republicano. Almir Bueno (2016), Luís da Câmara Cascudo (1965) e Augusto Tavares de Lira (1921) são alguns dos nossos referenciais para a contextualização histórica do início do século XX.

Para o estudo histórico da fotografia, recorreremos a Boris Kossoy (2002, 2007, 2014), Gisèle Freund (1995) e Ana Maria Mauad (2008). Nos aspectos relacionados ao uso da fotografia estereoscópica, nos embasamos nas obras de Maria Inez Turazzi (1995) e Inácio Parente (1999). Apesar do nosso escopo não se ater à história da mídia impressa, utilizamos as obras de Paulo César Boni e Michel de Oliveira (2016) e Marialva Barbosa (2013) para apreendermos sobre o uso das imagens em periódicos da época. Também nos associamos ao conceito de fotografia pública adotado por Ana Maria Mauad (2013), em razão de percebermos o uso estratégico dessas imagens, na construção de sentidos de viés político. Os demais aportes teóricos da pesquisa encontram-se devidamente relacionados nas referências desta dissertação.

Trabalhar com um material secular nos impôs uma série de desafios. Após a permissão formal dos familiares de Manoel Dantas, guardiões legais e afetivos do acervo, por meio da aprovação pelo Conselho Ético de Pesquisas da UFRN (CEP), iniciamos o primeiro estudo acadêmico desse acervo fotográfico.

Em razão de o conteúdo ser secular e, portanto, delicado, o seu manejo ensejou uma preparação técnica atinente à conservação, manipulação e digitalização dos documentos, especialmente, os fotográficos. Para atender a essa demanda, realizamos viagens aos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro – feitas em julho de 2019 – onde, por meio de contatos pessoais relevantes com técnicos e pesquisadores de entidades de renome como o Museu da Imagem e do Som (RJ), Instituto Moreira Sales (SP e RJ) e a Biblioteca Nacional (RJ),

podemos nos capacitar no que diz respeito aos cuidados práticos com o material. Semelhante visita foi feita no início de 2020 à Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, rendendo ótimos frutos no que diz respeito a contatos com pesquisadores, visando à troca de dados históricos, relativos ao objeto do estudo.

Já em contato com o acervo, a primeira etapa de trabalho foi a de classificação/catalogação das imagens. Isso implicou na visualização de cada uma das 2.146 lâminas por meio de um aparelho visor estereoscópico para a sua decupagem⁷, isto é, o registro do conteúdo das imagens feitas pelo fotógrafo, tendo em vista que ele efetuou anotações apenas em parte das lâminas de vidro. E, ainda assim, algumas delas se encontram ilegíveis. Para efeito de registro, utilizamos o roteiro proposto por Kossoy (2014, p. 96-101):

Os roteiros que se seguem definem um modelo de sistema de informações cuja finalidade é o registro e a recuperação de dados referentes à procedência, à conservação e à identificação do documento fotográfico, além das concernentes aos seus elementos constitutivos. O conjunto destes roteiros reúne os tópicos essenciais para o exame técnico-iconográfico.

Como todas as fotografias constam das mesmas especificações em relação à revelação (em placas de vidro) e todas contêm a mesma dimensão, 45 x 107 mm, nos ativemos a classificar as suas variações temáticas, ano de produção (nos casos em que foi possível determinar), estado de conservação, localidade, natureza do material e descrição visual (quando da ausência de legendas). As compilações temáticas seguiram os próprios apontamentos do fotógrafo, como: família, personalidades, arquitetura e urbanismo, eventos etc. Um exemplo pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 1- Demonstração acerca da catalogação das lâminas

Categoria	Subcategoria	Data	Descrição	Numeração MD	Conservação	Localização	Diap/ Neg
Natal 01	Porto e Navios		No Cais Alfândega	66	Descascada	Natal	Diapositivo
Natal 01	Porto e Navios		No Cais Alfândega	67	Descascada	Natal	Diapositivo
Natal 01	Porto e Navios		O Porto	201/196	Escuro	Natal	Diapositivo
Natal 01	Porto e Navios		(Porto)	118	Quebrada	Natal	Diapositivo
Natal 01	Porto e Navios		Destroyer Paraná - A oficialidade	183	Boa	Natal	Diapositivo
Natal 01	Porto e Navios		Destroyer Paraná - Meninos no canhão	184	Boa	Natal	Diapositivo
Natal 01	Porto e Navios		Esquadra no Ceará-Mirim	46/21	Quebrada	Natal	Diapositivo
Natal 01	Porto e Navios		Esquadra no Ceará-Mirim	48 e 23	Quebrada	Natal	Diapositivo
Natal 01	Porto e Navios		Congresso de Geografia - Obras no Porto		Descascada	Natal	Diapositivo
Natal 01	Porto e Navios		Esquadra - Pic Nic - Pitimbu	41/16	Descascada	Natal	Diapositivo
Natal 01	Porto e Navios		(Chegada de barcos)	1284	Boa	Natal	Negativo
Natal 01	Porto e Navios		Ponte no Curimataú - Great Western	8	Manchada	Natal	Diapositivo
Natal 01	Porto e Navios	Após 1907	Bordo do Pará	268	Boa	Natal	Diapositivo
Natal 01	Porto e Navios	Após 1907	Bordo do Pará	292	Manchada	Natal	Diapositivo
Natal 01	Porto e Navios		Descarga do Navio	116	Descascada	Natal	Diapositivo

⁷ Procedimento que consiste na partição e reorganização de um material, com vistas a torná-lo mais compreensível e fácil de utilizá-lo. (Nota da pesquisadora).

Fonte: Elaborado pela autora.

Uma vez que as lacunas informacionais a serem preenchidas eram sobre a biografia específica da atividade de fotógrafo, a escolha e uso da fotografia estereoscópica e o que a sua câmera registrou, nos aproximamos da metodologia da Análise Iconográfica desenvolvida por Boris Kossoy (2014), decidindo adotá-la neste estudo para abarcar os elementos constitutivos de uma fotografia, quais sejam: o fotógrafo, o assunto e a tecnologia, dentro de um referido espaço e tempo.

Detectados a trajetória desses fotógrafos no espaço e no tempo, as tecnologias por eles empregadas e os assuntos registrados, obter-se-á um levantamento que será certamente útil como referência aos historiadores e outros pesquisadores de diferentes áreas das ciências e das artes [...]. Por outro lado, os dados coletados trarão novos elementos para a interpretação do fenômeno da expansão deste meio de comunicação e expressão e de suas múltiplas aplicações nos diferentes países (KOSSOY, 2014, p. 65).

Por se tratar de um estudo desenvolvido na linha de pesquisa voltada para as Práticas Sociais, não nos debruçaremos sobre os aspectos ligados à recepção e interpretação das imagens. Esse conteúdo, característico da Interpretação Iconológica (KOSSOY, 2014), deverá ser tratado em pesquisas posteriores. Por essa razão, após os levantamentos referentes ao uso da tecnologia e da biografia do fotógrafo, nos ocupamos em relacionar as categorias e subcategorias, com vistas a oferecer um inventário temático sobre as coleções. Cientes da complexidade e da vastidão que essa tarefa inicialmente representou, em razão do número elevado de fotografias, nos vimos impelidos a delimitar um recorte selecionando uma mostra de cada subcategoria, catalogadas, conforme tabela a seguir:

Tabela 1 – Categorias, subcategorias e quantitativo das lâminas

Categoria	Subcategoria	Quantidade
Natal	Ruas	61
Natal	Praças	36
Natal	Paisagens	38
Natal	Portos e navios	17
Natal	Inaugurações	56
Natal	Escola Doméstica	61
Natal	Natal Clube	21

Categoria	Subcategoria	Quantidade
Natal	Missa campal	12
Natal	Bispo	21
Natal	Teatro Carlos Gomes	7
Natal	Funeral Pedro Velho	11
Natal	Festas escolares	83
Natal	Eventos	30
Natal	Personalidades	109
Natal	Centenário Padre Miguelinho	51
Natal	Centenário 1922	33
Estados	Rio de Janeiro	110
Estados	Rio de Janeiro – Exposição Nacional	111
Estados	Bahia	85
Estados	Pernambuco	43
Estados	Paraíba	52
Estados	Ceará	3
Estados	Alagoas	4
Estados	São Paulo	9
Estados	Minas Gerais	37
Estados	Rio Grande do Sul	16
Países	Argentina (Buenos Aires)	2
Países	França (Versailles)	1
Interior do RN	São José	5
Interior do RN	Santa Cruz	1
Interior do RN	Areia Branca	1
Interior do RN	Mossoró	1
Interior do RN	Parelhas	3
Interior do RN	Pau dos Ferros	1
Interior do RN	Villa Nova	3
Interior do RN	Santana do Matos	3
Interior do RN	São Gonçalo	4
Interior do RN	Assu	16
Interior do RN	Macau	8

Categoria	Subcategoria	Quantidade
Interior do RN	Angicos	9
Interior do RN	Ceará-Mirim	12
Interior do RN	Penha	10
Interior do RN	Acari	20
Interior do RN	Gargalheiras	12
Interior do RN	Excursão de José Augusto	32
Interior do RN	Fazendas de parentes no Seridó	57
Família	Fotos de Manoel Dantas	18
Família	Esposa	20
Família	Filhos e Filhas	110
Família	Netos	34
Família	Demais familiares	32
Família	Eventos	37
Pretória	Fotos de Manoel Dantas	7
Pretória	Esposa	3
Pretória	Filhos e filhas	66
Pretória	Netos	13
Pretória	Casamento de Beatriz	16
Pretória	Pretória	55
Pretória	Atividades	62
Pretória	Amigos e familiares	53
Pretória	Piquenique Dr. Chaves	9
Geral	Lâminas sem identificação	53
Negativos	Lâminas sem legenda	216
Total		2.146

Fonte: Elaborado pela autora.

O critério adotado para a seleção do exemplar foi a condição de conservação das lâminas. Afinal, aferimos que as fotografias, em sua maioria, encontram-se em cinco estados distintos: as conservadas; as quebradas; as manchadas; as descascadas e as que possuem alteração na tonalidade, isto é, muito escuras ou claras, conforme iremos diferenciar no decorrer da dissertação.

Após essa etapa, o passo seguinte foi operacionalizar a digitalização das lâminas fotográficas (também seguindo a orientação técnica condizente com o material), anexando dados denominados por Kossoy (2014, p. 108) de legendas técnicas e contextuais de cada uma dessas imagens.

Na redação, para um melhor efeito didático, optamos por estruturar os capítulos também em consonância com a Análise Iconográfica (KOSSOY, 2014, p. 109), quais sejam: a tecnologia, o fotógrafo e o assunto. Dessa forma, cada aspecto dessa tríade constitutiva da fotografia foi sendo desenvolvido em um tópico central. Essa estratégia facilitou a abordagem dos seguintes objetivos específicos:

- Perfilar as características de Manoel Dantas, manifestando sua atuação como fotógrafo a partir da sua prática como jornalista;
- Identificar e compilar os temas registrados fotograficamente por meio de recorte preestabelecido, exemplificando o conteúdo imagético do acervo;
- Descrever a tecnologia da fotografia estereoscópica que ele utilizou, com vistas a determinar os possíveis usos e funções.

A partir do conteúdo desses três capítulos principais, acreditamos ser possível realizar a investigação da prática fotográfica do potiguar Manoel Dantas, a partir de seu acervo fotográfico e documental, alcançando o objetivo geral deste estudo.

Tendo a Introdução sido o primeiro capítulo, no segundo, intitulado “Fotografias estereoscópicas: conceitos técnicos e contextualização histórica”, abordamos a tecnologia utilizada por Manoel Dantas, situando o surgimento e a utilização da estereoscopia no mundo, em especial no Brasil e no Rio Grande do Norte. Interessou-nos considerar como as facilidades de uso, o fascínio provocado pelo resultado tridimensional e as limitações impostas pela modalidade repercutiram diretamente na sua forma de produção e distribuição. Nesse contexto, investigamos as formas de mediação que essas imagens proporcionaram a uma sociedade que começava a expandir os seus horizontes sociais e geográficos também por meio da fotografia (TURAZZI, 1995).

No terceiro capítulo, apresentamos a trajetória de Manoel Dantas rumo à fotografia, onde buscamos a compreensão dos aspectos sociais, culturais, históricos e econômicos que ensejaram na prática dessa atividade. Para tanto, realizamos a contextualização histórica em que o fotógrafo esteve inserido. Pretendemos, com isso, demonstrar que cada um desses aspectos impactou diretamente o seu interesse e seu olhar enquanto fotógrafo.

Também procuramos relacionar, denotando, como essa atividade pode ter sido causa e consequência do seu perfil midiático e futurista. Interessou-nos ainda relatar como e por que suas fotos não figuraram com frequência no veículo de imprensa a que estava vinculado.

Já o quarto capítulo, “As vistas estereoscópicas e demais conteúdos do acervo”, consiste na investigação dos assuntos que compõe o acervo fotográfico. Nos debruçamos na tarefa de categorizar os principais temas relacionando-os com os assuntos que despertaram seus interesses pessoais e profissionais, a exemplo da família e da educação pública. A partir desse recorte, cujo critério adotado já foi explicitado, apresentamos uma mostra de tais registros para uma melhor compreensão da totalidade do conteúdo imagético. Por fim, refizemos o percurso logístico do acervo, desde a morte de Manoel Dantas, em 1924, até os dias de hoje, quando a família se prepara técnica e juridicamente para compartilhá-lo com a sociedade, por meio da criação de um instituto. Esta é, inclusive, uma das razões pelas quais concederam a permissão para que o material fosse objeto deste estudo acadêmico.

Por se tratar de fotografias inéditas e originais – enquanto fonte primária – esperamos ser possível inserir a produção fotográfica estereoscópica de Manoel Dantas na história da trajetória técnica da fotografia. Ao mesmo tempo, essa iconografia histórica também deverá ser empregada

[...] nos diferentes gêneros de história e mesmo em outras áreas da ciência nas quais os pesquisadores venham a utilizar-se desta fonte plástica como instrumento de apoio à pesquisa, como conhecimento visual da cena passada e, portanto, como uma possibilidade de descoberta (KOSSOY, 2014, p. 59).

Isso porque acreditamos que a fotografia enquanto produto histórico não é apenas o espelho do visível do que um dia aconteceu (BARTHES, 2017), mas um instrumento perene de informação, uma vez que permite novas maneiras de (re)conhecer e (re)interpretar os saberes e estabelecermos o nosso lugar na trajetória linear da história sociocultural, mas não só isso. De acordo com Pereira (2016, p. 17), “o exercício de ver objetos antigos é sempre um trabalho de atualização que nos permite enxergar melhor o próprio tempo em que vivemos”.

Assim sendo, podemos depreender que o estudo em um acervo secular como esse, não é apenas sobre o passado, mas especialmente sobre o entendimento do presente e até mesmo sobre a projeção do futuro. “Acervos resgatam a memória histórica preservando o passado, nele nos reconhecemos e projetamos o futuro” (CIAVATTA, 2012, p. 37). Para além da fotografia histórica centrar-se na memória, seus fins não se limitam e se extinguem em si

mesma. Como estabelece Velho (2003), tecem tramas para uma reorganização desses conteúdos, possibilitando a elaboração de projetos atemporais.

Observamos essa atemporalidade no que diz respeito ao uso da estereoscopia, haja vista que, agora no século XXI, a tridimensionalidade volta a fascinar os seus espectadores, a partir de seu senso de realidade, especialmente no cinema e nos videogames. E compreender os primórdios do uso dessa tecnologia encoraja a sua pesquisa, que ainda se ressentia de mais aportes teóricos (KOSSOY, 2014).

Por fim, como se não bastassem todas as razões práticas já citadas para a realização deste estudo, recorreremos a um texto escrito por Luís da Câmara Cascudo, que desfrutava de um convívio social estreito com Manoel Dantas (tendo o jovem Cascudo sido retratado em algumas dessas ocasiões). Cascudo, que o considerava como um tio⁸ mais velho, expressava publicamente a admiração e o carinho que nutria por ele. Em um dos artigos de sua coluna no *Diário de Natal*, em maio de 1962, clamou por mais reconhecimento à memória e a herança deixada por “Manuel Dantas” (com “u”, como ele grafava).

Há em Manuel Dantas muitos aspectos sedutores para o estudo. O tradicionalista, o etnógrafo, o historiador, o geógrafo, o divulgador da agricultura, o jornalista e acima de tudo, o polímático informando tudo porque lia tudo e tinha alegria em comunicar. [...] Manuel Dantas está merecendo justamente essa atualização. Está esperando por um movimento que o ressuscite nas memórias moças, lembrando quanto ele fez e quem, humana e culturalmente ele era.⁹

Aguardamos que esta investigação sobre Manoel Dantas, por meio de sua obra fotográfica, possa atender – minimamente – a esse apelo.

⁸ Em coluna do dia 08 de maio de 1962, Câmara Cascudo relembra Manoel Dantas, falando da amizade de infância com seus dois filhos, Garibaldi e Cristóvão Dantas. Manoel Dantas também era amigo e advogado de seu pai, Coronel Francisco Cascudo.

⁹ CASCUDO, C. Lembrando Manuel Dantas. *Diário de Natal*, Natal, RN, p. 3, 08 maio 1962.

2 FOTOGRAFIAS ESTEREOSCÓPICAS: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CONCEITOS TÉCNICOS

Após o surgimento da fotografia, no ano de 1839, a possibilidade de criar formas distintas de uso dessa popular invenção, impulsionou a produção de insumos, seja para capturar as imagens, fixá-las em diferentes superfícies ou até mesmo para contemplá-las de modo inovador. Segundo Turazzi (1995, p. 38), “a fotografia foi uma das descobertas do século XIX onde as inovações técnicas se processaram de forma mais acelerada, difusa e visível”.

Uma dessas iniciativas consistiu na união dos fundamentos da estereoscopia, ou seja, a base científica do funcionamento da nossa visão binocular, ao suporte técnico da câmera fotográfica. O objetivo era criar um aparelho que pudesse dar origem a imagens semelhantes às produzidas pelo olho humano, isto é, com distância e volume. Para tanto, estudos da óptica fisiológica¹⁰ desenvolvidos ainda no século XV, pelos italianos Leonardo Da Vinci (1452-1519) e Giovanni Battista Della Porta (1542-1597), foram resgatados e aplicados, em 1830, pelo inglês Charles Wheatstone (1802-1875), originando o primeiro dispositivo estereoscópico.

Em 1844, o físico escocês David Brewster (1781-1868) – que assim como Wheatstone também se dedicava aos estudos relativos à visão subjetiva – retomou a invenção e a aprimorou a ponto de apresentá-la para o mundo no ano de 1851, durante a Exposição Universal de Londres. Nessa oportunidade, Brewster pode demonstrar a fotografia estereoscópica à Rainha Vitória da Inglaterra, que, encantada, acabou se tornando uma grande entusiasta e, conseqüentemente, divulgadora do invento (TURAZZI, 1995). Um outro grande adepto da estereoscopia, o físico norte-americano Oliver Wendell Holmes (1809-1894), maravilhado com o efeito de mimese da fotografia, teria afirmado: “O primeiro efeito que se sente ao se olhar uma boa fotografia através de um estereoscópio é uma tamanha surpresa que nenhuma pintura jamais conseguiu provocar. O espírito avança no próprio interior da profundidade da imagem” (ROCHE, 1982 citado por DUBOIS, 2004, p. 33).

A nova tecnologia consistia em uma câmera com duas lentes situadas no mesmo eixo, distantes 6,3 cm uma da outra (intervalo médio entre nossos olhos). Por essa razão, ela captava duas fotos simultâneas cujo resultado reproduzia um par de imagens ligeiramente distintas de um mesmo objeto, precisamente como ocorre com o funcionamento da visão

¹⁰ Relativo ao olho e suas capacidades sensoriais (CRARY, 2012).

humana. Depois de reveladas no formato horizontal, sejam em papel ou lâminas de vidro, os pares de imagens, ao serem observados com o auxílio de um visor estereoscópico (semelhante a um binóculo), ofereciam a contemplação da foto com um efeito tridimensional, o que certamente aumentava o senso de realidade, configurando-se como uma experiência nova e única para se conhecer pessoas, situações e lugares distantes. Era a simulação de uma “telepresença” sem precisar sair do seu lugar de observador. “A estereoscopia magicamente transportava as pessoas aos locais onde as imagens haviam sido feitas, permitindo-lhes participar da cena fotografada” (PARENTE, 1999, p. 11).

Não bastassem os apelos socioculturais, esse regime de visualidade também dispunha de facilidades tecnológicas que depunham em favor de sua implementação. Afinal, essa sensação de presença foi causa e consequência de uma época em que o binômio ciência-indústria propiciava transformações em um mundo que tinha pressa para se modernizar e implementar novas formas de experimentá-lo. Nesse sentido, as máquinas de visão atuavam como vetores de um progresso atrelado à noção de velocidade e expansão (BARBOSA, 2013).

As câmeras estereoscópicas, por exemplo, despontavam no mercado como uma opção inovadora por sua simplicidade no uso. Em razão do desenvolvimento científico, máquinas e suplementos fotográficos eram de fácil manuseio, pequenas e leves, o que as tornavam portáteis. Enquanto isso, o tradicional daguerreótipo, além de grande e pesado, também demandava mais pré-requisitos técnicos. Kossoy (1980) relatou que esses equipamentos podiam pesar quase cem quilos.

Sem falar da redução no tempo de pose, que se antes era “frequentemente superior a meia hora” (FREUND, 1995, p. 40), passou à instantaneidade com os novos aparelhos. As novas câmeras fizeram com que registrar uma cena deixasse de “ser um ritual e se tornasse um reflexo” (BERGER, 2017, p. 75). Como consequência, essas exposições mais rápidas, também garantiram mais qualidade no resultado, porque minimizavam os riscos de arrastamentos ou borrões. Além disso, a portabilidade do equipamento possibilitou a muitos fotógrafos a saída dos estúdios (FLORES, 2016).

Por todas essas vantagens, desde o seu surgimento, a fotografia estereoscópica experimentou uma imensa popularidade, tornando-se um fenômeno de vendas, especialmente na França e na Inglaterra, países pioneiros, rivais na proliferação da tecnologia na Europa.

Um exemplo do entusiasmo que causou, pode ser observado quando, em 1854, o inglês George Swan Nottage (1823-1885) fundou a London Stereoscopy Society, propagando o slogan: “No home without a stereoscope” [Nenhum lar sem estereoscópio]. A partir dessa

iniciativa, em apenas dois anos, já haviam sido vendidos mais de meio milhão de aparelhos apenas na capital inglesa e oferecidas mais de 10.000 vistas diferentes no catálogo internacional da instituição, fazendo com que sua comercialização fosse mais rentável do que a fotografia tradicional (PARENTE, 1999). Kossoy (1980, p. 58) também analisa que “foi através da fotografia estereoscópica, desde a sua introdução, que a documentação encontrou grande suporte comercial”.

Atento às oportunidades, ainda na virada para o século XX, o francês Jules Richard (1848-1930), proprietário da Maison Richard, localizada em Paris, passou a dedicar sua vida empresarial às câmeras tridimensionais, revolucionando o mercado com aparelhos funcionais e de baixo custo. Foi um novo fôlego comercial para a tecnologia, uma vez que o chamado “Sistema Verascope” passou a atrair o interesse dos fotógrafos amadores. O primeiro modelo lançado em 1893 deu início a uma era que abrangeu até o final dos anos 1950 (PARENTE, 1999). Durante esse período a Maison Richard lançou pelo menos três linhas de câmeras e mais de um modelo em cada uma delas.

A primeira, denominada *Verascope du Richard*, era compacta e de fácil manuseio. Ao corpo da máquina, acoplava-se um cartucho com capacidade para 10 lâminas de vidro. A partir de 1900, os modelos também dispunham de um temporizador que era acionado por uma espécie de cordão com um botão ao topo. O *Verascope du Richard* acompanhava um stereovisor separado do corpo da câmera. Era confeccionado em madeira, possuindo uma abertura lateral para o encaixe da lâmina, para contemplá-la após a revelação. Ainda era possível comprar uma série de artigos opcionais, como lentes sobressalentes e filtros coloridos. Uma bolsa de couro armazenava esse conjunto. O básico, com lentes simples, custava 175 francos e o que utilizava as lentes *Zeiss* era vendido ao preço de 380 francos.

Um exemplar dessa câmera pode ser observado na Figura 1:

Figura 1 – Câmera Verascope de Richard – modelo de 1908



Fonte: <https://www.andreruiter.nl/verascope-by-jules-richard/>.

O segundo modelo era o *Glyphoscope du Richard*. Lançado em 1905, era o mais acessível da linha, custando apenas trinta e cinco francos. A diferença de preço significativa em relação ao *Verascope* se dava em razão de ser ainda mais compacta. Nela, o visor vinha acoplado à câmera e podia ser separado do corpo da máquina no momento de “assistir” a lâmina já revelada. Por ser mais simples e barata, sua publicidade foi inteiramente voltada ao consumo dos amadores e/ou dos iniciantes na fotografia, conforme pode ser constatado na Figura 2, no anúncio veiculado.

Figura 2 – Anúncio do Glyphoscope em 1912



Fonte: <https://www.andreriuter.nl/the-glyphoscope/>.

A terceira e última câmera foi o *Homeos*, sendo a primeira a utilizar filmes de 35mm. Como as demais, também era acompanhada de um visor estereoscópico (à parte), feito em mogno, mas seu manejo era diferente pois, ao invés da abertura lateral, ele abria no meio, onde se colocava o filme para observá-lo.

Além das câmeras, a *Maison Richard* também produziu, a partir de 1900, uma linha de visores de lâminas de vidro denominada *Le Taxiphote*. Esse dispositivo foi o mais tecnicamente sofisticado de todos os visualizadores estereoscópicos que *Jules Richard* inventou, tendo sido o primeiro modelo de slides estereoscópicos do mercado.

O aparelho, podia ter alturas diferentes, sendo o gabinete compacto para se colocar em cima de uma mesa ou como uma espécie de torre para ser visualizado por uma pessoa em pé. O *Le Taxiphote* era abastecido por dezenas de cartuchos, com vinte e cinco lâminas de fotos cada. O menor modelo tinha capacidade para 300 placas, enquanto o maior deles armazenava até 1.500 slides em suas bandejas de cartuchos. Ao lado da caixa de madeira havia uma manivela que o observador girava para avançar a sequência de fotos, já que as lâminas eram “pinçadas” pelo aparelho para que se visse as fotos de forma semiautomática. Um contador no lado esquerdo mostrava qual slide na bandeja estava sendo carregado e uma segunda alavanca

menor servia para ler o texto na legenda do slide com o olho direito. Havia também um botão para ajustar o foco dos visores e tornar a experiência totalmente imersiva. As Figuras 3 e 4 ilustram o funcionamento do *Le Taxiphote*. Ao contrário do visor estereoscópico, esse dispositivo não era portátil e costumava ficar em um lugar de destaque na sala de estar, para a apreciação de familiares e amigos.

Figura 3 – Le Taxiphote produzido pela Maison Richard



Fonte: https://www.liveauctioneers.com/item/97409628_excellent-le-taxiphote-stereoscope.

Figura 4 – Manual do Le Taxiphote – Maison Richard 1917



Fonte: <https://www.andreruiter.nl/taxiphote-by-jules-richard/>.

Ao distribuir a sua linha de câmeras estereoscópicas, Jules Richard também introduziu um novo formato de negativos de placas de vidro. A novidade possuía as medidas de 45x107mm, sendo mais compacta do que os formatos tradicionais, que eram de 85x170mm.

Segundo Flores (2016), o lançamento foi adotado, principalmente, pelos viajantes, que passavam a levar um equipamento menor como bagagem.

Posteriormente, também foram implementados os formatos de 6x13cm e o menos popular formato de 7x13cm. O último modelo de *Verascope*, o f40 também passou a utilizar o rolo de filme 35mm, substituto das placas secas.

O pioneirismo da *Maison Richard*, que produzia modernos aparelhos a um custo mais acessível, fez com que fosse a marca mais vendida ao longo da “mirada estereoscópica”¹¹. A atuação da empresa nesse mercado também é apontada como tendo sido responsável pela adesão dos fotógrafos amadores à fotografia estereoscópica. No entanto, modelos das empresas francesas *Leroy* e *Gaumont*; das alemãs *ICA*, *Zeiss* e *Ernermann*, também foram amplamente consumidos pelos fotógrafos estereoscopistas.

Os papéis para a fotografia estereoscópica, mais conhecidos como cartões, foram comercializados ainda em 1853, mas o material mais popular como suporte para as imagens foram mesmo as lâminas de vidro (DARRAH, 1977), fabricadas principalmente pela inglesa *Ilford* e pelas francesas *Guilleminot* e *Lumière*. Esta última, pertencente aos irmãos Louis e Auguste Lumière, foi, em 1873, a precursora na fabricação das lâminas de gelatina e brometo de prata, também conhecidas como placas secas¹². Ao contrário da placa de colódio úmido, as placas secas não precisavam ser preparadas (sensibilizadas) minutos antes do uso, dispensando utensílios que incluíam uma tenda escura portátil para a preparação do material químico. Além disso, elas podiam ser guardadas e reveladas sem urgência. Essa característica proporcionava “maior agilidade para o fotógrafo, particularmente nos trabalhos de documentação” (KOSSOY, 1980, p. 81). Outra vantagem era a exposição instantânea, ou seja, bastava um segundo de luz para que os sais de prata fossem ativados, originando as imagens no vidro. Uma caixa de placas secas, com 12 unidades, custava em média 6 francos.

Já as placas para a fotografia colorida, denominadas de “Autochrome”, também foram uma invenção dos irmãos Lumière. Essas inovações tecnológicas contribuíram para que o ato

¹¹ Termo cunhado pelo pesquisador Gavin Adams em sua tese de doutorado em Comunicação e Estética do Audiovisual (ECA/ USP), 2004. Com essa expressão, Adams defende que a estereoscopia é um tipo de experiência visual diferente da provocada pela fotografia. Isso porque contempla o alinhamento de um corpo observador em relação a um aparato de visualização, resultando em uma sensação específica que envolve a percepção tridimensional. ADAMS, Gavin. A mirada estereoscópica e sua expressão no Brasil. In: SANTOS, Maria Isabela Mendonça. *A mirada estereoscópica de Guilherme dos Santos: cultura visual no Rio de Janeiro, séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

¹² As placas secas foram criadas em 1871, por Richard Maddox (1816-1902), substituindo o uso do colódio úmido. Nela, a gelatina contendo sais de prata fotossensíveis era emulsionada, pelo próprio fabricante, em lâminas de vidro. Essa descoberta introduziu a fotografia instantânea, uma vez que facilitou o transporte e a utilização das chapas de vidro, sendo responsável pelo impulsionamento da indústria fotográfica, em especial entre os fotoamadores (TURAZZI, 1995, p. 295).

de fotografar ficasse ainda mais simples e rápido, exigindo menor aparato e menos habilidade por parte do fotógrafo.

Fechando o circuito da fotografia havia a revelação. Segundo Barbosa (2013), os avanços das técnicas fotográficas impeliam os fotógrafos a terem alguma noção de química e até mesmo de óptica. A grande circulação de profissionais de diferentes nacionalidades e a venda de produtos em lojas especializadas foram ajudando a disseminar esses conhecimentos. Assim como os demais processos, a revelação das lâminas também foi sendo simplificada, a ponto de os adeptos da estereoscopia possuírem uma espécie de laboratório caseiro montado em um quarto escuro, especialmente, a partir de março de 1911, quando a Union Photographique Industrielle Établissements Lumière se associou a outra empresa francesa, *Jouglà Reúnis*, iniciando a comercialização de produtos químicos, como os mostrados na Figura 5, voltados para a revelação de fotos em lâminas e papéis fotográficos.

Figura 5 – Revelador e Fixador - 1911



Fonte: <http://lumiere.click-clack.fr/les-produits-chimiques-2.html>.

A primeira etapa consistia em umedecer a placa com água destilada. Em seguida, ela era colocada em um recipiente com um fluido revelador por alguns minutos até que a imagem aparecesse. Depois disso, a lâmina era novamente lavada e secada. O resultado era o negativo da foto. Para vertê-lo em diapositivo, o negativo era exposto à luz e, posteriormente colocado em outro prato para o banho com a solução fixadora (DARRAH, 1977). Um processo denominado de inversão, até hoje utilizado em fotografias analógicas.

O sucesso da fotografia estereoscópica observado na Europa não apenas se repetiu, como foi ainda maior na América do Norte, encontrando novos e entusiasmados usuários nos Estados Unidos. Mais do que fabricar câmeras e materiais fotográficos, algumas empresas como a *Underwood & Underwood* e a *Keystone* passaram a confeccionar e comercializar coleções de imagens, naturais e urbanas, das principais cidades americanas (SANTOS, 2019). O material produzido por fotógrafos profissionais tinha como objetivo despertar o interesse daqueles que desejavam experimentar a novidade apenas como observador.

Em sua obra, *The world of stereographs*, William C. Darrah (1977) catalogou o desenvolvimento e a propagação da estereoscopia nos principais estados americanos, bem como em todos os continentes do mundo, comprovando a sua importância na trajetória técnica da fotografia. Em relação ao Brasil, o autor se restringiu a mencionar brevemente a produção de três séries de estereogramas produzidas entre os anos de 1855 e 1865, no Rio de Janeiro.

2.1 ASPECTOS DA DIFUSÃO DA FOTOGRAFIA ESTEREOSCÓPICA NO BRASIL E NO RN

No Brasil, a fotografia estereoscópica chegou na segunda metade do século XIX, incentivada – assim como a fotografia monocular (bidimensional) – por intermédio do imperador D. Pedro II¹³. Desde o seu surgimento, despertou o interesse de fotógrafos profissionais renomados que podiam ter acesso, financeiro e logístico, à tecnologia. Não por acaso, o fotógrafo da Casa Imperial, o alemão Revert Henry Klumb (1830-1886), foi o pioneiro dessa novidade no país. Além de Klumb, também podemos citar os europeus Georges Leuzinger (1813-1892) e Militão Augusto de Azevedo (1837-1905) e os brasileiros Marc Ferrez (1843-1923) e Augusto Malta (1864-1957).

Mais do que usuários, como podemos aferir na Figura 6, alguns desses profissionais também comercializavam as câmeras e materiais fotográficos, como é o caso de Marc Ferrez e Georges Leuzinger.

Figura 6 – Anúncio dos produtos fotográficos de Marc Ferrez em 1905



Fonte:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_02&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=18481.

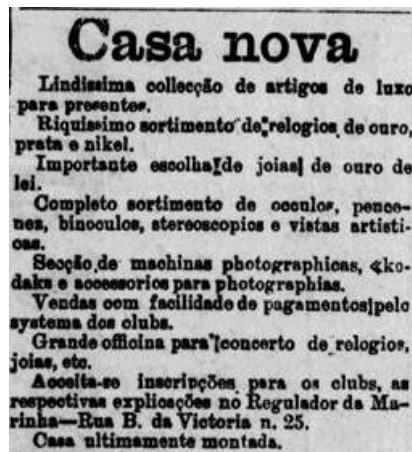
¹³ No que concerne à fotografia, o imperador D. Pedro II (1825-1891) foi um dos precursores no interesse pela técnica no Brasil. Após assistir à demonstração do abade Comte, em janeiro de 1840, adquiriu meses mais tarde o seu próprio aparelho de daguerreotíпия, sendo o primeiro brasileiro a utilizá-lo. Por sua paixão pela prática, tornou-se uma espécie de mecenas, divulgando e incentivando, seja por meio do título de fotógrafo da Casa Imperial, seja por meio de patrocínios (TURAZZI, 1995, p. 105).

Ambos atuavam prioritariamente no Rio de Janeiro, que na condição de polo administrativo, econômico, cultural e político do país, acabou sendo o principal difusor do processo de desenvolvimento da fotografia no Brasil, como atestam as publicações que datam de 1844, a exemplo do *Almanak Laemmert* (TURAZZI, 1995).

Afora a capital federal, a cidade de Recife, no Estado de Pernambuco, por sua proximidade com a Europa, também foi um grande centro de distribuição das novidades tecnológicas, incluindo a fotografia. A partir de 1850, as atividades de fotógrafos estabelecidos por lá começaram a se diversificar, aumentando quantitativa e qualitativamente. A predominância era de fotógrafos profissionais estrangeiros que ofereciam os seus serviços nos mais diversos sistemas fotográficos, do daguerreotipo à estereoscopia. Segundo Turazzi (1995, p. 109), “o único nacional era o Sr. João Ferreira Villela que trabalhava com um vasto aparato tanto para a produção, quanto para a revelação das fotos de seus clientes”.

Nesse anúncio, exibido na Figura 7, publicado em 08 de julho de 1899, no jornal diário recifense *O Pequeno Jornal*, é possível constatar a venda de máquinas e artigos fotográficos, incluindo os estereoscópicos.

Figura 7 – Anúncio de venda de estereoscópios no *Pequeno Jornal*, Recife/ PE em 1899



Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%20189&pesq=&pagfis=1769>.

Mas, se o uso da estereoscopia contou apenas com a adesão de alguns fotógrafos profissionais, foi junto aos amadores, isto é, os que não exerciam a atividade visando torná-la uma fonte de renda, que encontrou o maior número de adeptos. Darrah (1977) afirma que a prática amadora da estereoscopia experimentou duas fases distintas. A primeira compreendendo os anos de 1850 a 1870, onde os adeptos costumavam integrar fotoclubes, e a segunda, de 1905 a 1925, caracterizada pelo fotógrafo mais interessado em registrar o seu

cotidiano. Um comportamento, conforme explicitado anteriormente, incentivado pela facilidade de utilização da tecnologia que, no início do século XX, passou a dispor de modelos relativamente acessíveis financeiramente para esses iniciantes. Para Gavin Adams (2004), esses aspectos consolidaram a possibilidade de autoinserção desses despreziosos fotógrafos em suas próprias criações imagéticas, em perfeita sintonia com a modernidade vigente.

Enquanto os fotógrafos profissionais precisavam vincular sua produção às encomendas de seus clientes, os cliques dos amadores acabavam sendo mais frequentes, com a característica de serem espontâneos e pessoais, pois, além de ser um passatempo, a desambição pecuniária oferecia a esses fotógrafos uma liberdade de escolha temática. Pensar nisso nos auxilia na compreensão da relevância dos legados imagéticos produzidos pelos amadores. Concordamos com Barthes (1984, p. 92) quando defende que é o caráter amador (não no sentido da ausência da técnica) o responsável pelo olhar mais representativo desses registros, afinal,

Via de regra, o amador é definido como uma imaturação do artista: alguém que não pode – ou não quer – alçar-se ao domínio de uma profissão. Mas no campo da prática fotográfica, é o amador, ao contrário, que constitui a assunção do profissional: pois é ele que se mantém mais próximo do noema da fotografia.

Berger (2017, p. 118) também reflete sobre a qualidade do material produzido pelos amadores quando afirma que “todos os melhores fotógrafos trabalharam por intuição. Em relação a suas obras, essa ausência de teoria não teve muita importância”.

Independentemente da motivação do fotógrafo, a despeito do interesse despertado pela fotografia estereoscópica no Brasil, Parente (1999, p. 65) conclui que os registros que documentam o seu uso são escassos e ficaram concentrados, principalmente, nas cidades do Sudeste e Sul, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e em Curitiba. Na região Nordeste, apenas Salvador e Recife foram fotografadas com a tecnologia tridimensional.

No Estado do Rio Grande do Norte, até onde conseguimos pesquisar, não existem registros do uso da estereoscopia pelos fotógrafos profissionais. No final do século XIX e início do século XX, a predominância no mercado de imagens era dos estrangeiros que, em sua maioria, exerciam de forma itinerante (LIRA, 1997), utilizando a fotografia monoscópica. Entre eles, podemos destacar os irmãos alemães Max e Bruno Bourgard¹⁴ e o italiano Nicolas

¹⁴ Bruno e Max atuaram como fotógrafos, se estabelecendo desde o final do século XIX em Recife, mas atuando de forma itinerante no Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Em 1887 romperam a sociedade, tendo

Barra. A fotografia tradicional também parece ter sido a escolha dos brasileiros e potiguares que por aqui atuaram.

Quanto aos amadores, pelo que pudemos aferir através de edições dos jornais da época¹⁵, apenas dois fotógrafos adotaram a tecnologia tridimensional. Um deles foi o químico pernambucano Domingos de Souza Barros¹⁶ (1865-1938), que, após trabalhar no Rio de Janeiro para o político e aviador potiguar Augusto Severo (1864-1902), auxiliando-o com uso do gás hidrogênio nos dirigíveis “Bartolomeu de Gusmão” e “Pax”, veio morar em Natal. Na capital potiguar, Domingos Barros casou-se com a sobrinha¹⁷ de Augusto Severo, ingressando na família Albuquerque Maranhão, que por cerca de 13 anos, após a instauração da República, comandou de forma oligárquica os destinos políticos e administrativos do Rio Grande do Norte.

O outro foi o potiguar Manoel Gomes de Medeiros Dantas, objeto deste estudo a quem iremos apresentar de forma detalhada no capítulo 3.

2.2 USOS, FUNÇÕES E LIMITAÇÕES

Para além das vantagens técnicas da fotografia estereoscópica, um outro fator de adesão foi o encantamento provocado nos espectadores devido ao seu resultado visual de realismo. Sobre esse fator, Rouillé (2009, p. 100) pondera que:

Diante do resplendor do mundo, de sua aceleração, de sua dilatação, diante da desordem causada pela consciência recente da expansão de outros lugares e do inacessível, diante da confrontação reiterada com o novo e o diferente, ou seja, diante da dificuldade crescente em manter uma relação física, direta, sensível com o mundo, a fotografia-documento desempenha um papel de mediação. Graças a ela, observa um jornalista em 1860, “nós nos familiarizamos com todas as coisas, como se as tivéssemos visto [...]”.

De fato, a impressão de pertencimento à cena retratada se entrelaçava à função social desempenhada pela fotografia, de ver e ser visto, terminando por redefinir os status entre as pessoas. Jonathan Crary (2012) nos lembra que, no século XIX, os grupos e classes sociais, que recém ascendiam ao poder econômico como consequência das revoluções políticas

Bruno continuado com a atividade. Em 1889 mudou-se para Parahyba do Norte (atual João Pessoa), onde permaneceu dedicado à fotografia (LIRA, 1997, p. 61).

¹⁵ *Diário de Natal* e *A República*, disponíveis em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>.

¹⁶ FERNANDES, Augusto (1995). Dados disponíveis em: <http://mediocridade-plural.blogspot.com/2011/11/domingos-barros.html>. Acesso em: 19 mar. 2021.

¹⁷ Domingos de Souza Barros casou-se com Maria Leonor de Albuquerque Maranhão (1878-1909) no dia 28 de outubro de 1900. Ela era filha de Fabrício de Albuquerque Maranhão, irmão de Pedro Velho, Augusto Severo e Alberto Maranhão.

burguesas, buscavam a consolidação do direito à igualdade e à felicidade, que a partir de então podiam ser visíveis e mensuráveis, em termos de objetos e signos, a exemplo das imagens. Por essa razão,

Foi a partir dessa época que fotografia e dinheiro se tornaram formas homólogas do poder social. Isso porque ambos passaram a representar uma forma abstrata de relacionar as pessoas e as coisas, estabelecendo uma ilusão que apresentam valores e condições, como sendo aparentemente reais (CRARY, 2012, p. 22).

O apelo adicional, da ilusão tridimensional, ampliava o estímulo das emoções e sensações, como estabelece o conceito que Muniz Sodré (2006) cunhou como “estratégias sensíveis”. Isso porque, para além do registro de uma imagem, essa fotografia era um instrumento de produção de “um certo tipo de realidade, espetacularizada, isto é, primordialmente produzida para a excitação e o gozo dos sentidos” (SODRÉ, 2006, p. 79).

Darrah (1997, p. 5) nos conta que o escritor inglês Charles Dickens (1812-1870), chegou a comparar fotografia estereoscópica com um brinquedo “extremamente bonito que não tem nenhuma utilidade exceto como uma ilustração elegante e valiosa de uma linha de raciocínio científico”.

Já Turazzi (1995) relaciona a estereoscopia ao espetáculo, citando o papel das exposições regionais, nacionais e internacionais à essa prática, a exemplo da exposição de Londres de 1851. “A presença da fotografia na Exposição de Londres iria torná-la (a fotografia) muito mais popular, difundindo a sua prática e o seu consumo em proporções até então inimagináveis” (TURAZZI, 1995, p. 26). Afinal, a fotografia, em especial a nova versão estereoscópica, era um ícone do avanço cultural, da tecnologia de ponta, enfim, da ideia de progresso que as nações desejavam ostentar umas às outras. Assim,

A fotografia encarada como espelho da sociedade no século XIX, converteu-se, por isto mesmo, em imagem simbólica das conquistas que a ciência dessa mesma sociedade era capaz de alcançar, sendo talvez a mais importante delas a aceitação generalizada de sua própria objetividade e eficácia, tão bem representadas pela imagem fotográfica no recinto das exposições (TURAZZI, 1995, p. 39).

Desde a Exposição Internacional de Londres, em 1851, até o ano de 1935, “toda exibição internacional importante foi registrada em *stereo* e, em cada ocasião, por mais de um fotógrafo ou editora” (DARRAH, 1977, p. 159).

Afora o simbolismo, essas exposições cumpriam ainda uma função mais prática, por meio das apresentações dos novos artefatos científicos, onde os fotógrafos profissionais e amadores se atualizavam sobre os lançamentos de equipamentos, materiais e processos. Como

se não bastasse, era uma oportunidade única de realizar um intercâmbio de experiências e informações com os demais praticantes. O resultado era o aumento no número de interessados, em sua maioria, diletantes, cuja motivação era documentar os assuntos que pudessem atrair a atenção desses fotógrafos (TURAZZI, 1995).

No geral, isso incluía as imagens produzidas em viagens, datas comemorativas dentro e fora do âmbito familiar. Além do prazer de registrá-las, serviam ainda como atração para os visitantes, como ilustra a Figura 8, ficando dispostas na sala de estar, um cômodo que alcançava o status de “novo palco do mundo” (SILVERSTONE, 2014, p. 175).

Figura 8 – Família desfrutando do lazer junto ao Le Taxiphote



Fonte: <https://stereosite.com/collecting/le-taxiphote-the-most-famous-french-stereo-viewer/>.

Era nesses espaços de convivência social que as famílias desses fotógrafos e seus amigos, em suas relações cotidianas, experimentavam uma sensação vívida de pertencimento e participação junto à cena registrada na lâmina estereoscópica (SAMAIN, 1998).

De acordo com Parente (1999, p. 12),

As coleções de fotografias tridimensionais passaram a constituir um novo tipo de álbum enriquecido por novos temas. Tornaram-se uma forma de diversão das famílias, que mantinham em suas salas aparelhos e a caixa de vistas. Ver estereoscopia passou a ser uma maneira de deliciar-se com a sempre renovada surpresa.

Para desfrutar do chamado “turismo estereoscópico”, não era necessário ser fotógrafo. Isso porque, além das imagens autorais, os amantes da estereoscopia também podiam comprar as coleções que eram produzidas por empresas (KOSSOY, 1980). Afinal, como já assinalamos, alguns editores, percebendo o potencial desse mercado, passaram a encomendar a produção de vistas fotográficas de diversos países para que o colecionismo fosse ainda mais estimulado como forma de entretenimento cultural e pedagógico (FLORES, 2016).

Nesse sentido, é importante ressaltar que a vocação educativa das fotografias criou “um paradigma educacional que ficou conhecido como educação visual” (SANTOS, 2019, p. 46), onde a possibilidade de imersão tornava a experiência pedagógica ainda mais rica. De acordo com Kossoy (1980, p. 58), “o estereoscópio consolidou a forma mais real, até então existente, de viajar pelos pontos mais afastados da Terra, fruindo o espectador a sensação de realidade tridimensional – sem sair de casa” ou da sala de aula. Assim, mais do que uma forma original de lazer e de aprendizado escolar, as fotos propiciavam conhecer terras distantes e/ou participar dos grandes acontecimentos da época, privilégio, até então restrito a uma minoria com condições financeiras de viajar, isto é, pertencente ou à nobreza ou à burguesia.

Face a essa constatação, creditamos à fotografia estereoscópica um papel que ultrapassa o de um meio técnico que serviu de suporte para a exibição de imagens, sendo, portanto, um canal de contribuição para o despertar de um novo olhar, um novo mundo e um novo modo de perceber esse mundo, a partir de uma nova estética (SILVA, 2011).

Para Barbosa (2013, p. 193),

[...] era preciso documentar o mundo, buscar significações para o desconhecido que podia se tornar próximo, introduzir padrões de imagens, procurando ao mesmo tempo um sentido original e produzindo-as como sintomas de uma visão de mundo. Construíam-se imagens para fixar representações de personagens e lugares que estavam (ou iriam) se transformar ou desaparecer. Diante de um tempo veloz, era preciso fixar instantes.

Em um viés mais coletivo, a fotografia, fosse bidimensional ou tridimensional, foi um instrumento de mediação convenientemente útil à metáfora de progresso, que interessou tanto ao imperialismo quanto ao republicanismo. Seja qual fosse o regime de governo, os brasileiros queriam estar em sintonia com a Europa Ocidental e os Estados Unidos, sendo igualmente atualizados e civilizados. Concordamos com Rouillé (2009, p. 31) ao afirmar que, ainda

Na metade do século XIX, a fotografia foi a melhor resposta para todas essas necessidades. Foi o que a projetou no coração da modernidade, e que lhe valeu alcançar o papel de documento, isto é, o poder de equivaler legitimamente às coisas que ela representava.

Assim, percebemos o uso das imagens na construção de um ideário de um Brasil “moderno” como um projeto nacional, em oposição ao conceito de primitivo. Turazzi (1995, p. 134) pontua que:

O desejo de “ser conhecido” pela exposição de nossas riquezas, de nossa “atividade e civilização” tinha como referência e como meta o que era apresentado pelas nações mais adiantadas. O Brasil estabelecia seus confrontos e suas comparações mais estudadas com os produtos que eram expostos pela Inglaterra, França, Estados Unidos etc., mesmo que tais estudos acentuassem a longa distância que “ainda” nos separava desses países. Porque esta distância, na lógica linear da teoria do progresso, era apenas um percurso a ser seguido, “sempre em frente”, com maior ou menos velocidade.

Para Le Goff (1996), o desenvolvimento econômico, político e social de uma nação era sintetizado em uma palavra: mecanização. E por ser um produto originado dessa industrialização, que também a materializava, a fotografia foi o estandarte perfeito.

Com a intenção exclusiva de elencar os usos e funções destinados a essas imagens, optamos por não aprofundar a relação entre a mentalidade modernista e a queda da monarquia, a exemplo do que houve no Brasil. Isso porque o processo de registro do avanço civilizatório a partir de obras estruturantes e novos espaços urbanos migrou naturalmente de um regime ao outro (SANTOS, 2019). Enquanto o imperador Pedro II contratou Henry Klumb e Marc Ferrez para eternizar os seus feitos administrativos, a prática apenas foi sendo, cada vez mais, aprimorada com a chegada do século XX e seus avanços técnico-científicos.

No que concerne ao uso de imagens tridimensionais a serviço do propósito de propaganda político-administrativa, podemos citar a cobertura fotográfica feita por Guilherme dos Santos¹⁸ (1871-1966), em 1908, no Rio de Janeiro, durante a realização da Exposição Nacional organizada para comemorar o centenário da abertura dos portos às nações e a chegada da família real portuguesa ao país. Para tanto, o evento, cuja missão era a de confirmar a vocação industrial e agropecuária do Brasil, bem como propagar ao mundo a civilidade e avanço socioeconômico do país, foi amplamente documentado em toda a sua magnitude e opulência, a pedido do então prefeito da capital federal, Pereira Passos (SANTOS, 2014).

Enquanto Guilherme dos Santos fez registros ao longo dessa exposição, outros fotógrafos estereoscopistas viram em suas fotos uma forma de apresentar os seus estados de origem para os visitantes. Foi o caso do Rio Grande do Norte, que, em sua “secção”¹⁹ localizada no Pavilhão dos Estados, exibiu uma coleção composta por 200 vistas contendo imagens de paisagens rurais e urbanas, com o objetivo de divulgar as potencialidades naturais e econômicas. Segundo Turazzi (1995, p. 137),

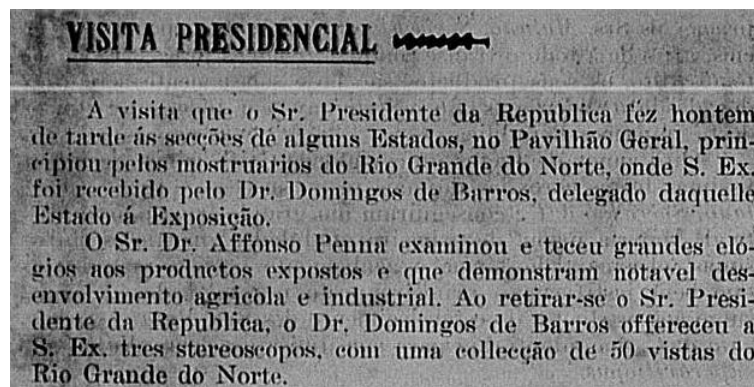
¹⁸ Para mais dados sobre a atuação de Guilherme dos Santos enquanto fotógrafo amador, ver dissertação de Maria Isabela Mendonça dos Santos.

¹⁹ Palavra utilizada na época para designar os espaços (stands) destinados a cada um dos Estados da Federação.

Nas exposições realizadas no Brasil, como em seus pavilhões no exterior, a imagem fotográfica tinha tudo para ser o elemento mais visível e abrangente, sobretudo para o grande público, de nossas imensas riquezas naturais e dos estágios de civilização progressivamente alcançados pelo Império. Os organizadores das exposições nacionais e comissários do Brasil no exterior percebiam claramente o impacto causado por esta visibilidade de nossas riquezas.

O autor das fotos foi o delegado do Rio Grande do Norte junto à Exposição Nacional, o fotógrafo amador Domingos Barros. As imagens fizeram tanto sucesso que no dia 26 de agosto de 1908, durante a visita do Presidente Afonso Pena (1847-1909) à mostra potiguar, o fotógrafo o presenteou com 50 dessas vistas e com dois aparelhos visores, conforme relatado no *Jornal da Exposição*, editado pelo jornalista e poeta Olavo Bilac (1865-1918) e reproduzido na Figura 9.

Figura 9 – Nota sobre a visita do Presidente Afonso Pena à “secção” do RN durante a Exposição Nacional

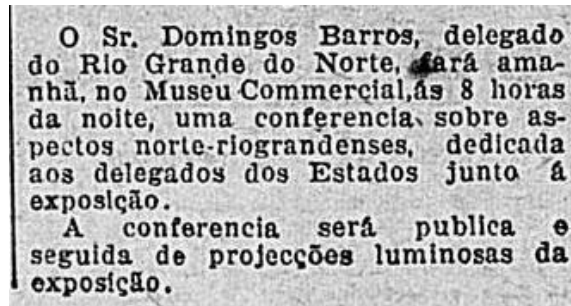


Fonte: *Jornal da Exposição*, Rio de Janeiro, p. 2, 05/10/1908. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=828629&pasta=ano%20190&pesq=%22Rio%20Grande%20do%20Norte%22&pagfis=118>.

Após o encerramento da Exposição Nacional, no dia 15 de novembro de 1908, Domingos Barros voltou a exibir suas fotografias para um público restrito. A ocasião foi uma conferência no dia 09 de dezembro, no Museu do Comércio, onde apresentou o resultado obtido ao longo dos dois meses em que o Estado participou do evento. As fotos estereoscópicas foram projetadas com o auxílio de um aparelho conhecido como lanterna mágica²⁰, conforme a nota jornalística da Figura 10:

²⁰ O aparelho de projeção denominado Lanterna Mágica foi criado em 1646 pelo padre Athanasius Kircher (1602 – 1680). Ela foi a precursora de muitos outros projetores de imagens, como o cinematógrafo dos irmãos Lumière, em 1895. Consistia em um dispositivo onde lâminas diapositivas eram inseridas em seu interior e com a ajuda de uma iluminação artificial, as imagens eram transferidas para uma tela para serem vistas por vários espectadores ao mesmo tempo. Foi muito popular a partir da segunda metade do século XIX (TURAZZI, 1995, p. 279).

Figura 10 – Nota na imprensa sobre a conferência de Domingos Barros



Fonte: O Paiz, Rio de Janeiro, p. 5 08 dez. 1908. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_03&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=18150

O uso da estereoscopia ao longo da Exposição rendeu um reconhecimento ainda maior. Abaixo, no folheto informativo do evento, produzido pelo próprio Domingos Barros e distribuído para a imprensa potiguar como forma de prestação de contas, consta que “a coleção de vistas em diapositivos verascópicos”²¹ foi vencedora do grande prêmio na Seção de Artes Liberais. As imagens 1 e 2 da Figura 11 ilustram essa publicação:

Figura 11 – Material sobre a participação do RN na Exposição de 1908, produzido por Domingos Barros

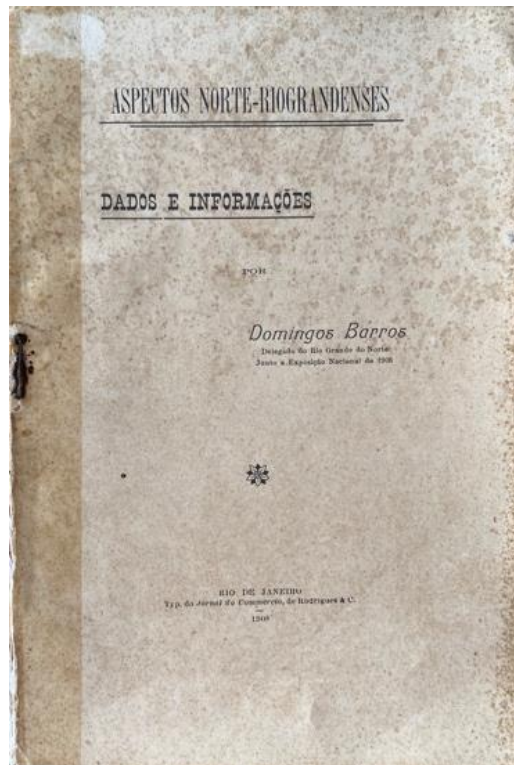


Imagem 1: Capa da publicação.

²¹ Menção às fotografias tiradas pelo equipamento estereoscópico denominado *Verascope du Richard*, lançado em 1893 pela *Maison Richard* de Paris.

SECÇÃO DE ARTES LIBERAES

GRUPO 5

N.	MUNICIPIO	EXPOSITOR	PRODUCTO	PREMIO
139	Natal.....	Domingos Barros.....	Diapositivos verascopicos..... Grande collecção de vistas do Estado reproduzindo o relevo e a grandeza natural das paisagens com toda a perspectiva.	Grande Premio.

GRUPO 8

140	Natal.....	Sociedade Agricola.....	Estatistica geral da produçáo do Estado.....	Medalha de Ouro.
-----	------------	-------------------------	---	------------------

Imagem 2: Premiação das vistas estereoscópicas

Fonte: Acervo Manoel Dantas. Fotos feitas pela pesquisadora

Importante frisar que essa competição envolveu todos os expositores dos demais estados participantes, concorrendo em diversas categorias, como os melhores de cada segmento.

Assim como o Rio Grande do Norte, podemos conferir no trecho de uma nota jornalística na Figura 12, que o Estado de Minas Gerais também exibiu fotografias em sua mostra, tornando-as um atrativo para os visitantes.

Figura 12 – Nota informativa sobre o uso do cinematógrafo

No pavimento terreo do Pavilhão de Minas, foi montado um cinematographo que exhibirá fitas com vistas e assumptos mineiros.

Fonte: Jornal da Exposição. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=828629&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=137>.

A despeito da receptividade do público, o uso desse recurso visual não era inédito. Ainda na 4ª Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1875, o fotógrafo Marc Ferrez empregou esse artifício para projeção de mais de 100 fotografias feitas ao longo de uma expedição no Porto do Recife, no Rio São Francisco e nas cachoeiras de Paulo Afonso, na Bahia. Narra Turazzi (1995, p. 143) que, “com o auxílio de um aparelho denominado estereocophon, Marc Ferrez projetou suas chapas ao final da conferência científica do Professor (Charles Frederick) Hartt”.

Barbosa (2013) também reforça a adesão de caráter público dos dispositivos óticos no Brasil, em especial na capital federal, onde os aparelhos de fantasmagorias, como cosmoramas, panoramas e estereoscópios, não ficaram restritos nem às camadas mais abastadas da sociedade, nem aos espaços domésticos, tendo esses aparatos se proliferado em espaços sociais de convivência como festas de rua, exposições e sessões em teatros, a partir da segunda metade do século XIX.

Não raro, o uso das projeções como entretenimento, com o emprego de lanternas mágicas e cinematógrafos, pode ser observado na imprensa do início do século XX. Comprovando a demanda existente, a oferta desses equipamentos também estava disponível em anúncios publicados nos “classificados” de jornais por todo o país, como os exemplos demonstrados nas Figuras 13, 14 e 15:

Figura 13 – Anúncio de venda de vistas estereoscópicas para exibição pública

BOM NEGOCIO—Vendem-se quatro caixas de vistas estereoscópicas, formando um bloco, para exhibir na via publica. Para ver e tratar, á rua do Lavradio n. 122, casa 15.

Fonte: O Paiz, Rio de Janeiro, p. 11, 10 dez. 1920. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_05&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=4181.

Figura 14 – Anúncio no *Jornal do Brasil* – 09/01/1903 - p. 5

PHOTOGRAPHIA—Vendem-se os aparelhos novas seguintes : Folding Kodak 6 1/2 x 9 objectif Steinheil ; Folding Kodak n. 3 para placas e pelliculas ; verascopio e accessorios ; preço 100\$ cada um; na rua Marquez de Abrantes n. 90, das 7 ás 10 horas da manhã.

Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_02&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=6010.

Figura 15 – Anúncio venda de Verascope de Richard



Fonte: Jornal do Brasil, p. 7, 11/06/1904. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_02&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=14030.

Em sua tese de doutorado, a pesquisadora Maria Isabela Mendonça dos Santos (2019) inventariou 23 endereços, apenas no Rio de Janeiro, entre os anos de 1854 e 1899, que vendiam imagens e aparelhos voltados para a estereoscopia. Podemos supor, portanto, que com o *boom* experimentado a partir de 1900, com a adesão de fotógrafos amadores ao Sistema *Verascope*, esse número tenha aumentado até a década de 1950, quando a tecnologia começa a registrar desinteresse por parte dos usuários (PARENTE, 1999).

O desencanto com a estereoscopia deveu-se, segundo Parente (1999), à exigência do uso de visores para obter o efeito tridimensional das fotografias, já que a percepção do volume e das perspectivas das cenas dependia diretamente da visão binocular. Essa característica intrínseca à tecnologia, condicionou-a e restringiu-a, tornando o uso individual e estático. A limitação fez com que a utilização primordial dessas imagens tenha sido, em grande parte, observada e historiada nas residências dos fotógrafos amadores e dos apreciadores que colecionavam tais vistas estereoscópicas.

Já para Crary (2012, p. 128), nesse modelo fotográfico, “o conteúdo das imagens é muito menos importante do que a rotina incansável de mover um cartão após o outro e de criar o mesmo efeito repetidamente, mecanicamente”. O que contou, segundo o autor, foi a quebra paulatina do encantamento, por não haver um ocultamento completo do processo de produção. Assim, as pessoas podiam ver e entender como aquele efeito era obtido, o que acabava com o mistério, isto é, com a “fantasmagoria”²² da técnica, tornando-o banal.

Por fim, mas não menos importante, lembramos que um outro fator que depôs contra essa tecnologia foi a impossibilidade de ampliação das fotos sem o prejuízo desse efeito mágico. Como as demais, as estereoscopias também podiam ser impressas em papel e visualizadas de forma bidimensional. Mas, neste caso, perdiam exatamente a principal característica que a definia. Para Parente (1999, p. 20):

²² Termo utilizado por Theodor Adorno e Walter Benjamin para descrever a ocultação da produção pela aparição externa do produto (CRARY, 1992, p. 130).

A estereoscopia foi vítima da sua própria magia, seu principal apelo e fator de desenvolvimento. A possibilidade da tridimensionalidade associada à sensação de presença só pode ser obtida através de um estereoscópio que, por mais simples que seja, é sempre um artifício. Livre das limitações do espaço bidimensional, ficou aprisionada às condições de observação.

Essas, portanto, teriam sido as razões pelas quais, esse tipo de fotografia, a partir de 1960, passou a experimentar um gradativo declínio, ao contrário da versão tradicional, de visão plana, que consolidou sua preferência pela facilidade de uso e liberdade de visualização.

Crary (2012, p. 129) complementou essa alegação ao afirmar que o desuso do estereoscópio “não foi parte de um simples processo de invenção e aperfeiçoamento tecnológico; essas formas mais antigas deixaram de ser adequadas às necessidades e aos usos da época”.

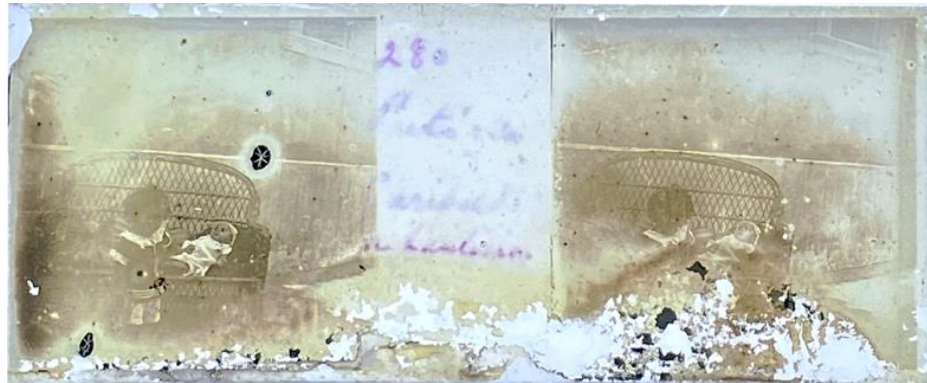
Segundo Flores (2016, p. 12), a condição limitante existente é observada até mesmo no evocar dessas imagens para efeito de estudo, pois é mais “exigente do que qualquer outra tipologia fotográfica. Tal deve-se à necessidade de um visor estereoscópico para que as imagens possam ser adequadamente visionadas”.

De fato, as raras coleções, somadas às barreiras técnicas, explicam, em grande medida, a produção insuficiente de fontes de estudo da estereoscopia.

3 A TRAJETÓRIA DE MANOEL DANTAS RUMO À FOTOGRAFIA

Não existem registros escritos sobre quando Manoel Dantas iniciou sua atividade como fotógrafo amador. No entanto, a primeira foto passível de datação em seu acervo é dos seus filhos, Garibaldi e Christovam pequenos, possivelmente no ano de 1900. Na legenda, apesar de ter colocado apenas o nome dos meninos, percebemos que Christovam, nascido em abril de 1900, ainda era um bebê de colo, e Garibaldi, nascido em 1898, aparentava ter por volta de dois anos de idade, como se pode examinar na Figura de número 16:

Figura 16 – Foto nº 280 – Pretória – Garibaldi e Christovam, conforme legenda de Manoel Dantas



Fonte: Acervo Manoel Dantas.

Observando essa foto e admitindo que possa ter sido a primeira, nos interessamos em averiguar como um sertanejo potiguar, nascido em uma família com recursos financeiros limitados pode arcar com um hobby que exigia dinheiro, informação e canais de acesso para ser praticado. À medida em que fomos nos aprofundando nas pesquisas, percebemos que o resultado se encontrava imbricado em aspectos culturais, históricos, econômicos, sociais e, até mesmo, em características intrínsecas à sua personalidade. Assim, verificamos que investigar a incursão de Manoel Dantas pelo mundo da fotografia demandava o conhecimento do momento histórico em questão, haja vista este ter sido determinante para que fosse possível tecer o tecido social, político e econômico, que nos parece ter influenciado e, principalmente, patrocinado o interesse e o ingresso de Manoel Dantas à fotografia estereoscópica.

Essa constatação é reforçada pelo trecho do discurso do ex-governador potiguar, Juvenal Lamartine, proferido no ano de 1943, onde defende que

Para se poder estudar um homem do valor e da atuação de Manoel Dantas na vida intelectual do Rio Grande do Norte, torna-se necessário fazer uma sondagem no

meio social e político em que ele viveu e agiu, a fim de localizar com segurança as suas atividades²³.

Acreditamos que apenas com o resgate da biografia de Manoel Dantas, de forma cronológica, é possível compreender como a conjuntura política deu origem aos entrelaçamentos sociais e familiares, favorecendo-o profissional e economicamente, explicando em grande medida a admissão dele no mundo da política, da imprensa e, em última instância, da fotografia.

A trajetória de Manoel Gomes de Medeiros Dantas ou simplesmente Manoel Dantas (como se autodenominou formalmente a partir de 1899) se iniciou no dia 26 de abril de 1867, onde nasceu, na fazenda Riacho Fundo²⁴, localizada no sertão do Rio Grande do Norte, na então Vila do Príncipe, atual município de Caicó. Foi o primeiro dos onze filhos (sem contar os que nasceram e morreram antes dos dois anos de idade), frutos da união do capitão Manoel Maria do Nascimento Silva (1838-1929), que se casou com sua sobrinha Maria Miquelina Francisca de Medeiros (1848-1936).

É importante mencionar que os casamentos consanguíneos, entre pessoas da mesma família, era uma prática comum neste período, especialmente no Seridó Potiguar, em razão da historicidade da ocupação da área, bem como para a perpetuação dos bens familiares. Esses enlaces também eram utilizados para o fortalecimento político dos líderes da região, que através de seus netos unificavam ainda mais as árvores genealógicas.

Examinamos que essa característica está presente na biografia de Manoel Dantas, tanto em sua ascendência quanto em sua descendência. A condição de primogênito fez com que seu pai, conhecido como Manoelzinho do Navio²⁵, tomasse decisões que iriam interferir nos rumos de sua vida acadêmica/profissional e conjugal.

A primeira delas foi escolhê-lo para ser o filho letrado da família. Constam no diário pessoal de Manoel Dantas, intitulado “Algumas datas de minha vida”²⁶, os relatos de sua trajetória escolar, detalhados de forma metódica, conforme se constata na Figura 17:

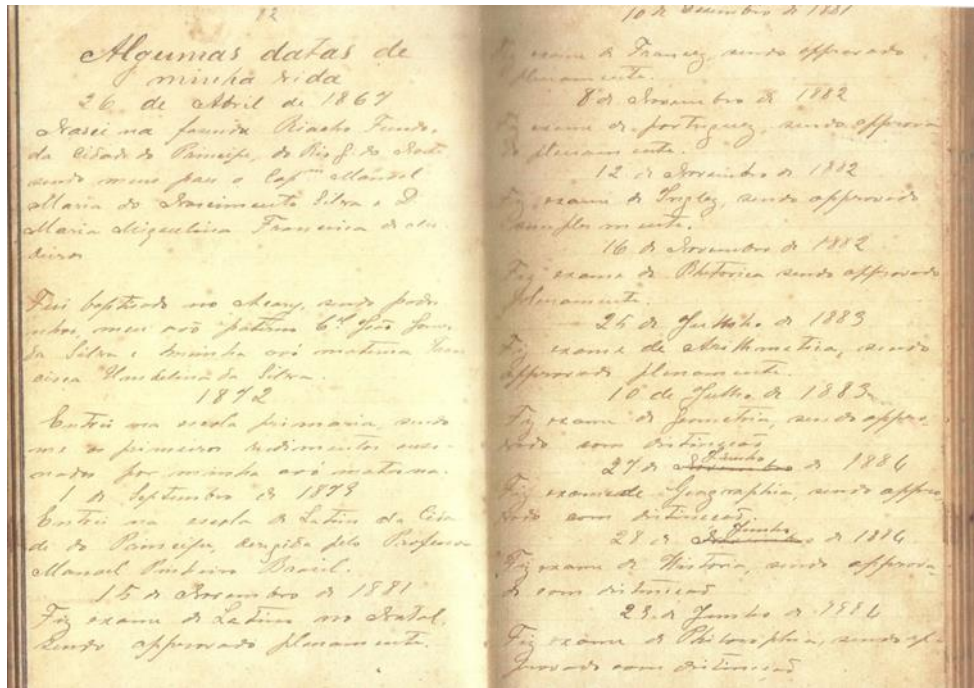
²³ Esse discurso foi proferido em uma sessão pública da Academia Norte-rio-grandense de Letras em homenagem póstuma a Manuel Dantas, patrono da cadeira nº 26 daquela instituição.

²⁴ Essa fazenda pertencia aos avôs paternos de Manoel Dantas, Francisca Umbelina e Christóvão Vieira de Medeiros Filho.

²⁵ Esse apelido fazia referência ao nome de sua Fazenda Navio, localizada no município de Acari.

²⁶ Manoel Dantas deixou um diário pessoal intitulado “As datas de minha vida”, onde relatou os principais acontecimentos pessoais e profissionais entre os anos 1867 e 1920. Esse diário encontra-se em poder da família.

Figura 17 – Diário Pessoal de Manoel Dantas



Fonte: Acervo Manoel Dantas. Foto tirada pela pesquisadora.

Obedecendo à cronologia dos fatos, anotou que foi alfabetizado por sua avó materna, Francisca Umbelina da Silva (que também era sua tia, uma vez que era irmã de seu pai), ainda aos cinco anos de idade. Já no ano seguinte, começou a frequentar a escola primária, mantida nos domínios da fazenda. Ao final daquele ano, 1873, já estava lendo, escrevendo e fazendo os primeiros cálculos matemáticos. Em 1879 estudou latim na escola em Caicó e, dois anos mais tarde, já era aprovado nos exames dessa língua, bem como também nos de francês, inglês e português no Colégio Atheneu em Natal, onde concluiu os estudos médios.

Nesse período, no Brasil, os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, inspirados pela Revolução Francesa (1789), estavam sendo gestados no seio de parte de uma elite essencialmente rural, que, estando insatisfeita com o governo imperial, aspirava pela prosperidade administrativa, julgando ser possível atingi-la com a implantação de um regime republicano. No Rio Grande do Norte, “a crença otimista de que ele [o governo republicano] curaria todos os males provocados por 65 anos de Monarquia era uma das mais recorrentes” (BUENO, 2016, p. 30).

Também é relevante informar que nos anos 1880, antecedentes à instauração do novo governo, era a mesma Vila do Príncipe o berço político do “republicanismo mais autêntico do Rio Grande do Norte” (BUENO, 2016, p. 68). Por essa razão, cientes dos novos tempos vindouros, fazendeiros do sertão potiguar passaram a enviar alguns de seus filhos para estudar

medicina ou direito nas faculdades de Salvador e Recife, respectivamente. Isso porque o ensino superior no Rio Grande do Norte só foi instaurado no ano de 1923, a partir da criação da Faculdade de Farmácia.

Embora não fosse um dos grandes proprietários rurais do sertão, Manoelzinho do Navio, capitão da guarda imperial, gozava de certa influência política na região e comungava com os demais líderes a percepção de que era preciso buscar novos meios de legitimação do poder tradicional. Nesse sentido, a educação e formação superior de pelo menos um de seus filhos, se mostrava como uma das poucas possibilidades de ascensão social e acesso a cargos administrativos do ainda governo vigente (BUENO, 2016).

Assim, em consonância com os planos do seu pai, em 10 de abril de 1885, Manoel Dantas foi encaminhado para a Faculdade Direito da capital da província pernambucana para ser o “doutor” da família. Para Bueno (2016, p. 70), essa decisão foi

Aparentemente surpreendente, dentro dos marcos dessa sociedade tradicional, foi a decisão de alguns fazendeiros da região, que teria uma importante consequência no desenvolvimento do movimento republicano seridoense, a ponto de fazê-lo antecipar-se ao próprio republicanismo da capital.

A Escola de Direito do Recife²⁷, tendo em suas bases ideais liberais e republicanos, defendia o pensamento clássico do século XVIII e os princípios difundidos pela Revolução Francesa. Muitas dessas inspirações moldaram os pensamentos e atitudes de Manoel Dantas, contribuindo para a criação de uma identidade em consonância com valores progressistas e de vanguarda. O período dedicado à academia rendeu a ele, além dos conhecimentos jurídicos, novos e importantes vínculos de amizade. Entre eles, está o que construiu com os irmãos – também estudantes caicoenses de direito – Janúncio Salustiano da Nóbrega Filho (1869-1899) e Diógenes Celso da Nóbrega (1861-1928).

Janúncio da Nóbrega já despontava como um jovem líder de aspirações republicanas, tendo fundado, no dia 26 de julho de 1886, o primeiro núcleo republicano potiguar, que, reorganizado a 7 de abril de 1889, passou a se chamar Centro Republicano Seridoense (BUENO, 2016). Antes mesmo da formatura, ocorrida no dia 29 de novembro de 1890, os irmãos Nóbrega e Manoel Dantas retornaram ao RN, passando a apoiar publicamente os ideais do novo regime, a partir da criação de um jornal intitulado *O Povo*, produzido em

²⁷ Para mais informações sobre essa instituição, consultar: GOMES, Adriana. *A Escola de Recife e o culturalismo no pensamento jurídico brasileiro no oitocentos*. Artigo apresentado no XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis/SC, jul. 2015. Acesso em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945030_a9dc89ff250ccf5c17335cfd06ebd4a1.pdf.

Caicó e circulante nas cidades vizinhas da região do Seridó. Bueno (2016, p. 60) relata que esse “jornal colocava-se, assim, como uma ‘ponte’ entre o tradicionalismo dos coronéis e as ideias ‘avançadas’ veiculadas em Recife [...]”.

Acreditamos na possibilidade de terem sido esses ideários políticos a fonte do interesse pelo jornalismo que Manoel Dantas manifestou por toda a sua vida. Afinal, foi sobretudo na imprensa partidária da época, que o movimento republicano encontrou um espaço privilegiado para a divulgação dos seus pensamentos e propostas, como Bueno (2016, p. 21) destaca:

Era nas gazetas que se publicava não só os manifestos partidários ou as cartas nas quais se apresentavam os programas eleitorais, mas também os artigos editoriais sobre a conjuntura política do momento ou sobre questões candentes em que se expunha a posição do partido ou do articulista independente.

Enquanto a vida acadêmica, em curso, já desenhava as suas bases filosóficas, a sua vida conjugal também estava sendo decidida conforme as conveniências familiares. Visando fortalecer os interesses políticos do grupo ao qual Manoelzinho do Navio estava ligado, um dos mais tradicionais líderes do município de Acari²⁸, o Coronel Silvino Bezerra de Araújo Galvão (1836-1921) enviou uma carta para Manoel do Navio (de quem também era primo), arregimentando o casamento entre seus filhos.

Em 23 de dezembro de 1888, enquanto Manoel Dantas ainda estava no Recife dedicado aos estudos, o Cel. Silvino e sua filha, Francisca Anália Bezerra de Araújo (1865-1951), firmaram junto à Família Dantas, a promessa do noivado. Mas, estando ele ausente, como registrou em seu diário, só selaram presencialmente esse compromisso em 19 de janeiro de 1889. O casamento se deu no dia 23 de dezembro de 1890, quando do retorno definitivo do novo bacharel ao Rio Grande do Norte.

Concluimos que, tornar-se genro do Cel. Silvino Bezerra e a relação estreita com os irmãos Nóbrega trouxeram ao convívio social de Manoel Dantas alguns dos nomes mais influentes da política do Seridó, a exemplo do Tenente-Coronel José Bernardo de Medeiros (1837-1907), a quem os adversários chamavam de Bispo.

Para Bueno (2016, p. 45), “como rezavam as regras de compadrio, era tarefa do “coronel” cumprir as necessidades de seus inúmeros parentes, afilhados, compadres, agregados ou clientes, importantes para manter o curral eleitoral”. Assim, percebemos como

²⁸ Município pertencente à Região Seridó, onde o pai de Manoel Dantas tinha a Fazenda Navio.

as alianças e relações de parentesco foram a causa e a consequência de suas posições políticas, influenciando diretamente nos espaços administrativos que ocupou.

Em razão do protagonismo republicano, em 19 de novembro de 1889, apenas quatro dias após a Proclamação da República, Manoel Dantas começou a trabalhar, sendo nomeado Promotor da cidade de Jardim do Seridó, iniciando uma promissora carreira jurídica. Foi ainda Promotor do município de Acari (1890), Juiz substituto do Juízo Federal (1891), tendo sido o primeiro juiz após a criação da Justiça Federal no RN, e primeiro Procurador Geral do Estado no ano de 1908. Também exerceu a advocacia privada com destaque nas áreas do patrimônio e contratos comerciais atendendo a clientes como o Cel. Francisco Cascudo²⁹ e a companhia ferroviária inglesa Great Western of Brazilian Railway, que gerenciava o transporte ferroviário em alguns estados do Nordeste, a exemplo do Rio Grande do Norte.

Além do direito, a educação também foi uma das áreas administrativas a que se dedicou. Em 1894, Manoel Dantas pediu exoneração do cargo de Juiz para tomar posse como Diretor-Geral da Instrução Pública, na segunda administração do Governador Pedro Velho (1856-1907). Nessa gestão, seu sogro era o vice-governador, embora, na prática, eles não desfrutassem de um bom alinhamento político, já que o governador não perdia uma oportunidade de preteri-lo, preferindo chamar o presidente do Congresso, Jerônimo Câmara, (1843-1920) para assumir a cadeira quando precisava se ausentar. Segundo Câmara Cascudo (1965, p. 244):

Conta-se que a cada transmissão de governo de Pedro Velho a Jerônimo Américo Rapôso da Câmara correspondia a um chamado urgente para o velho Silvino de parte dos amigos. E o grande sertanejo, deixando Acari, surgia em Natal para assumir. E nunca assumia.

À frente da pasta, no cargo análogo ao de Secretário Estadual de Educação, Manoel Dantas promoveu importantes avanços³⁰ para a educação pública potiguar, como a inauguração de escolas em municípios que ainda não dispunham de uma sede, classes voltadas para os adultos e a criação de aulas de técnicas agrícolas, inaugurando as aulas extraclasse ou aulas de campo (LIMA, 1924). Para Manoel Dantas, a educação era a chave para modificação de um comportamento de apatia e indolência atribuído ao sertanejo, para

²⁹ O Coronel Francisco Justino de Oliveira Cascudo (1863 - 1935) foi um próspero comerciante e político da capital potiguar. Também foi proprietário do jornal A Imprensa, que fundou em 1914. Foi neste jornal que seu filho, Luís da Câmara Cascudo (1898 – 1986) iniciou sua carreira como redator, aos 19 anos de idade. (LEMOS, Thadeu. Prefácio. In: CASCUDO, Luís da Câmara. O livro das velhas figuras. Natal: Gráfica Manimbu, 1979.

³⁰ Para saber mais, ver MORAIS, Isabela Cristina Santos de. A atuação de Manoel Dantas na Instrução Pública Norte-riograndense (1897-1924). 165f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN: Natal, 2018.

que este tivesse condições de enfrentar e superar dificuldades, a exemplo das secas que historicamente sempre assolaram a região nordeste. Escreveu nas páginas de *O Povo* sobre esse tema:

O sertanejo é ativo e empreendedor, e a indolência ou inércia que às vezes se observa em seu caráter, não destrói o princípio estabelecido; é uma consequência da má orientação que ele tem de sua vitalidade. Deem-lhe os conhecimentos precisos, ponham-no a par do progresso em suas diversas manifestações e o sertanejo será o modelo típico do povo do trabalho como esse deve sê-lo. Todo o mal tem sido não se educar o povo por meio de um ensino proveitoso (DANTAS, 1889, p 1).

Em 1902, Manoel Dantas tornou-se sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte³¹, atuando como orador da instituição de 1916 até 1924. Em novembro de 1907, assumiu o seu primeiro cargo eletivo, tomando assento como deputado do 6º Congresso Legislativo, sendo escolhido como 1º secretário. Nesse período já se interessava sobremaneira pelos aspectos geoeconômicos do Estado. No ano de 1905, com a dispensa do cargo de Diretor-Geral da Instrução Pública, começou a lecionar a disciplina de Geografia no Colégio Atheneu em Natal. Permaneceu como docente até 1908, quando foi nomeado o primeiro Procurador Geral do Estado.

Manoel Dantas retornou ao cargo máximo na Instrução Pública em 01 de janeiro de 1911, durante o segundo governo de Alberto Maranhão (1872-1944), e nessa função permaneceu até 02/01/1924.

Entre os anos de 1915 e 1919, passou representar o Rio Grande do Norte nos Congressos Brasileiros de Geografia, como os ocorridos no estado de Pernambuco (1915), Bahia (1916) e Belo Horizonte (1919). Além do RN, também foi eleito representante dos Institutos Históricos e Geográficos dos Estados da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Paraíba, bem como sócio ordinário, em 1917, da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Por ocasião do 5º Congresso Brasileiro de Geografia, realizado na Bahia, no dia 04 de setembro de 1916, apresentou um Ensaio Corográfico³² sobre as características geográficas e potencialidades econômicas do Rio Grande do Norte. Compreendendo a necessidade de que

³¹ Ver: COSTA, Bruno Albino Aires da. A emergência do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte: como, para que e por quem foi criado. *Revista de História*: USP, São Paulo, n. 179, a05519, 2020. Acesso em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/160169/163490>.

³² O “Estudo Chorográfico” (grafia da época) foi um levantamento das condições e potencialidades agropecuárias do Estado do Rio Grande do Norte. Foi encomendado a Manoel Dantas pelo Governador Alberto Maranhão em decreto realizado em 29/09/1909, publicado no dia 01/11/1909, nas atas da 3ª. sessão da 6ª. legislatura do Congresso Legislativo. Esse estudo foi concluído e apresentado em 1916, por ocasião do 5º. Congresso Brasileiro de Geografia, ocorrido na Bahia. Em 1918, foi editado no formato de cartilha e distribuído pelo governo para as escolas públicas como material didático, servindo também de guia para muitas das políticas públicas que foram implantadas por governos futuros.

os dados passassem a fazer parte do conteúdo acadêmico, o então Governador Joaquim Ferreira Chaves (1852-1937) ordenou que o conteúdo do estudo virasse uma publicação em folheto a ser distribuído nas escolas públicas estaduais.

É claramente notável que o conferencista de “Natal daqui a cinquenta anos” fez com a arte e saber, um resumo eruditamente escolhido dos últimos estudos sobre o Brasil. Conhecedor profundo do interior do seu Estado, devido as suas longas e fatigantes viagens, vê-se, através de seus escritos científicos, a observação própria, feita por quem claramente viu a nossa natureza e os nossos costumes (CASCUDO, 1918, p. 3)

Em 1922, lançou outro projeto voltado para a disseminação do conhecimento dos aspectos ligados às cidades do Rio Grande do Norte, intitulado “Denominação dos Municípios”.

Retornando à política partidária, no dia 30 de março de 1924, elegeu-se Intendente de Natal – cargo equivalente ao de prefeito – para o triênio 1923-1925. Mas, Manoel Dantas mal pode governar a capital. Assumiu no dia 1º de maio e veio a falecer no dia 15 de junho de 1924, após ser acometido por febre tifoide. Assumiu a função em seu lugar o genro Omar O’Grady.

Ninguém era mais útil à sua terra e à sua gente. E só assim, senhores, é que se pode preencher bem a vida. Quando, porém, a aurora dos galardões e das recompensas parecia tingir de rubro o horizonte de sua existência preclara e laboriosa eis que cambaleia e morre o lutador insigne, que lega à sua distinta prole e ao seu Estado o mais venerando exemplo de abnegação e de operosidade. A perda é grande demais, é imensa para que a compreendamos devidamente agora. O tempo a definirá melhor (LIMA, 1924, p. 313).

A trajetória profissional crescente de Manoel Dantas, que o fez integrar em uma restrita elite da época, nos ajuda compreender a obtenção das condições econômicas necessárias que o possibilitaram exercer a fotografia estereoscópica de forma amadora. Também aponta para a facilidade de acesso a insumos que eram adquiridos, tanto no exterior (geralmente em Paris), quanto em cidades brasileiras como Rio de Janeiro, Recife e até mesmo Natal. Por fim, a incursão no jornalismo, favorecendo a convivência com o mundo pujante das notícias, das novidades e das personalidades que, assim como ele, já se interessavam pela fotografia.

3.1 UMA VIDA DEDICADA AO JORNALISMO

Após elencarmos o cruzamento dos acontecimentos na esfera pessoal com a ascensão profissional, seguimos destrinchando os aspectos ligados à trajetória de Manoel Dantas como fotógrafo amador. Se até aqui percebemos que ela foi pautada pela multiplicidade de atividades e interesses, podemos inferir que a maior de suas vocações foi o jornalismo. Como afirmou o jornalista e político potiguar, Eloy de Souza (1873-1959), em 17 de setembro de 1955, durante homenagem por ocasião da inauguração do retrato de Manoel Dantas no salão de Honra da Imprensa Oficial: “Sua tribuna era o jornal; e só aí revelou sua força intelectual, fosse escrevendo o editorial ou o suelto, fosse redigindo tópicos humorísticos ou noticiando fatos da vida diária” (SOUZA, 1955, p. 2)³³.

De fato, desde muito jovem, a imprensa atuou como sua tribuna perpétua para defesa e reivindicação dos seus interesses políticos e pessoais. Câmara Cascudo nos conta, em uma de suas colunas do *Diário de Natal*, em 25 de maio de 1962, que, em 1883, aos 16 anos de idade, Manoel Dantas teria colaborado para o jornal circulante nos corredores do colégio Atheneu denominado *Echo Estudantil*. Nele, fazia reclamações, a exemplo da necessidade de melhorias para a biblioteca daquela instituição de ensino. Assim, percebemos que sua contribuição para a prática da imprensa potiguar, contabilizou 41 anos ininterruptos dedicados à carreira jornalística, conciliando-a com as demais responsabilidades jurídicas, partidárias e administrativas. Para Cascudo (1962, p. 3),

Manoel Dantas foi a mais completa organização jornalística que o Rio Grande do Norte já possuiu. Em um meio pequeno, pacato e sem assuntos para as bisbilhotices dos repórteres, ele fazia, diariamente e meses a fio, todo o jornal, desde o artigo de fundo, sisudo e doutrinário, como exigiam os leitores da época, até o anúncio, passando pela crônica social, noticiário, a tradução dos telegramas, a seção humorística e o folhetim.

Por meio da imprensa, também podemos acompanhar a forma como Manoel Dantas desenvolveu sua sociabilidade, participando ativamente de movimentos culturais e sociais, na condição de homem público. Mais à frente, veremos como essas interações foram simultaneamente retratadas por sua câmera.

Foi na cronologia da atividade jornalística, seguindo a orientação do grupo político do Seridó, onde obtivemos evidências das suas movimentações partidárias.

³³ Discurso proferido por Eloy de Souza por ocasião da inauguração do retrato de Manoel Dantas no Salão de Honra da Imprensa Oficial em 17 de setembro de 1955. O manuscrito do discurso é parte do acervo documental de Manoel Dantas.

Com a mudança de domicílio para a capital da província, em junho de 1891, Manoel Dantas deixou de escrever para *O Povo*, retornando a uma redação quando, em março de 1893, decidiu fundar, juntamente com o Dr. Manoel Porfírio de Oliveira Santos (1851-1933), o primeiro *Diário de Natal*. O jornal, que tinha uma linha editorial oposicionista – motivada pelo rompimento entre os grupos políticos do Seridó com a dinastia Maranhão – teve curta duração, sobrevivendo até setembro do mesmo ano, quando encerrou suas publicações por falta de verba publicitária, haja vista que nenhum comerciante com “juízo” ousaria anunciar em veículo contrário ao poderio político-administrativo do chefe do executivo estadual³⁴.

Nos escritos de seu diário particular, Manoel relatou que, no dia 09 de outubro de 1894, publicou o primeiro número do jornal *O Estado*. As pautas continuavam com um tom crítico de oposição ao governo vigente. Esse semanário político circulou até março de 1895.

O posicionamento político só mudou em fevereiro de 1897, com o restabelecimento do alinhamento dos líderes do Seridó junto ao primeiro governador republicano, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão. Foi então que Manoel Dantas abandonou o discurso contumaz de oposição para integrar a redação de *A República*, órgão do partido situacionista pertencente ao governador. Após três anos, as relações profissionais e políticas foram ficando cada vez mais estreitas, até que em 24 de março de 1900, ele foi alçado à condição de redator-chefe, para substituir Alberto Maranhão, que se elegera ao Governo do Estado.

Entre 1900 e 1908, também foi o seu dirigente. Neste último ano, desligou-se oficialmente do periódico para assumir a Procuradoria do Estado. Mas, apesar do seu nome não constar no expediente, nunca se afastou de fato da sua manufatura. Em 1923, retornou à direção do jornal, mantendo-se nessa condição até o dia de seu falecimento. O comprometimento com *A República* era tão grande que na sede da redação funcionava também o seu escritório de advocacia.

Além da atuação nos impressos já citados, os escritos de Manoel Dantas puderam ser lidos nos jornais *A Liberdade*, *o Rio Grande do Norte* e *o Nortista*. Foi também colaborador do *Jornal da Manhã* e, em 1906, correspondente potiguar do diário carioca *O Paiz*.

Nas páginas desses periódicos, foram temas de seus artigos as movimentações políticas, sociais e econômicas do Rio Grande do Norte no início do século XX. *N'A República*, manteve uma coluna denominada de “Através das Revistas”, onde traduzia textos de suas revistas internacionais com os temas que julgasse curiosos, informativos e/ou inéditos.

³⁴ O episódio do “rompimento” é detalhado no livro *História da República do Rio Grande do Norte* (CASCUDO, 1965, p. 221).

Um exemplo foi a tradução que fez, em 1897, de um artigo que anunciava a fotografia colorida. Também era o tradutor do telégrafo que havia na redação do jornal, tendo, inclusive, abastecido Natal com as informações da I Guerra Mundial (1914-1918) que vinham direto da Europa³⁵. Além disso, forneceu os capítulos diários dos folhetins nos jornais que editou. Essa seção era mantida a partir da tradução de obras literárias que pertenciam à biblioteca de Manoel Dantas, que, segundo Câmara Cascudo (1924), era composta por 5.000 volumes.

A maioria das matérias, embora fossem redigidas por Manoel Dantas, não vinham assinadas, com exceção do expediente. Mas, quando lhe convinha, fazia uso de pseudônimos, como “Abelhudo”, por exemplo, especialmente ao tratar de temas traiçoeiros, para alfinetadas políticas.

Utilizando o pseudônimo de Brás Contente, falou das “Coisas da Terra” nas crônicas que evidenciavam os acontecimentos, as personalidades e aspectos diversos das atividades rurais do RN, em especial o problema da seca, que castigava impiedosamente o sertanejo potiguar. No dia 05 de outubro de 1908, nessa mesma coluna, Manoel Dantas trouxe notícias da Exposição Nacional que estava em curso no Rio de Janeiro. A temática da nota era sobre o sucesso do “Verascope” de Domingos Barros, dando pistas sobre quem poderia ter lhe apresentado a novidade tecnológica:

As notícias da exposição trazem sempre, entre outras, a nota do sucesso do verascope de Domingos Barros, que é a *great attraction* da nossa modesta, porém significativa exibição. Domingos Barros, não tivesse já outros títulos de benemerência, bem poderia passar à posteridade como homem do verascope. Não foi o inventor desse maravilhoso instrumento photographico, porém podemos dizer, sem medo de errar, que foi o introductor dos aparelhos Richard no Brazil, onde eram quase inteiramente desconhecidos antes d'elle. E cabe ao Rio Grande do Norte a prioridade dessa vulgarização, notando-se mais que aqui, com a propaganda de Domingos Barros, o verascope, que faz sucesso presentemente no Rio, está se tornando vulgar (CONTENTE, 1908, p. 1)³⁶.

Na imprensa, voltou a falar outras vezes sobre Domingos Barros, elogiando o amigo e correligionário, que havia conhecido por volta de 1900, quando Barros mudou-se para o Rio Grande do Norte e, ao tornar-se genro do Coronel Fabrício Maranhão (1852-1924), começou a ocupar espaços na gestão pública estadual. Certa vez afirmou: “temos motivos para ser gratos a Domingos Barros, que vem prestando serviços relevantes á nossa terra, que elle ama como sua que é, pelos laços da família que aqui prenderam-no” (CONTENTE, 1908, p. 1).

³⁵ Informação obtida no discurso de Juvenal Lamartine na *Revista das Academias de Letras*, Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil, Rio de Janeiro, ano VII, n. 45, maio – jun. 1943.

³⁶ Braz Contente era o pseudônimo de Manoel Dantas na coluna “Coisas da Terra”, publicada em A República.

Julgamos que a proximidade social e política que Manoel Dantas e Domingos Barros partilhavam com a família Albuquerque Maranhão pode ter sido a responsável por torná-los tão próximos. Para além da política e da fotografia, comungavam ainda do mesmo gosto pelos aspectos geográficos e agrários da terra potiguar. Razão pela qual ambos integraram a Sociedade Brasileira de Agricultura, bem como fundaram a Sociedade Norte-rio-grandense de Agricultura, editando em 1913, a revista *O Lavrador*. O interesse pelas características da geografia estadual em Manoel Dantas pode ser ainda observado no estudo Corográfico feito por ele em 1910.

Além da possibilidade de ter apresentado o *Verascope du Richard* para Manoel Dantas, admitimos a hipótese de que Domingos Barros, que era farmacêutico, químico e fotógrafo amador, tenha ensinado o potiguar a fazer as suas próprias revelações. Esse argumento é reforçado pelas lembranças do filho caçula, Osório Bezerra Dantas (1910-2004)³⁷, em escritos datados de outubro de 2000, onde relatou lembrar do ateliê fotográfico montado no porão da Vila Pretória³⁸, “onde ele revelava as chapas, passando do negativo para o positivo, em banhos que só ele sabia fazer”. Pereira (2016, p. 77) aponta para o fato de que os “fotógrafos amadores faziam de sua residência um tipo de estúdio, com seus laboratórios e inumeráveis álbuns de família”.

Na obra de Manoel Dantas, a relação da fotografia com o jornalismo é percebida quando relacionamos a correspondência dos seus cliques com as narrativas que descreveu nos jornais. Para Rouillé (2009, p. 126), o informar terá sido “a função mais importante atribuída à fotografia-documento”.

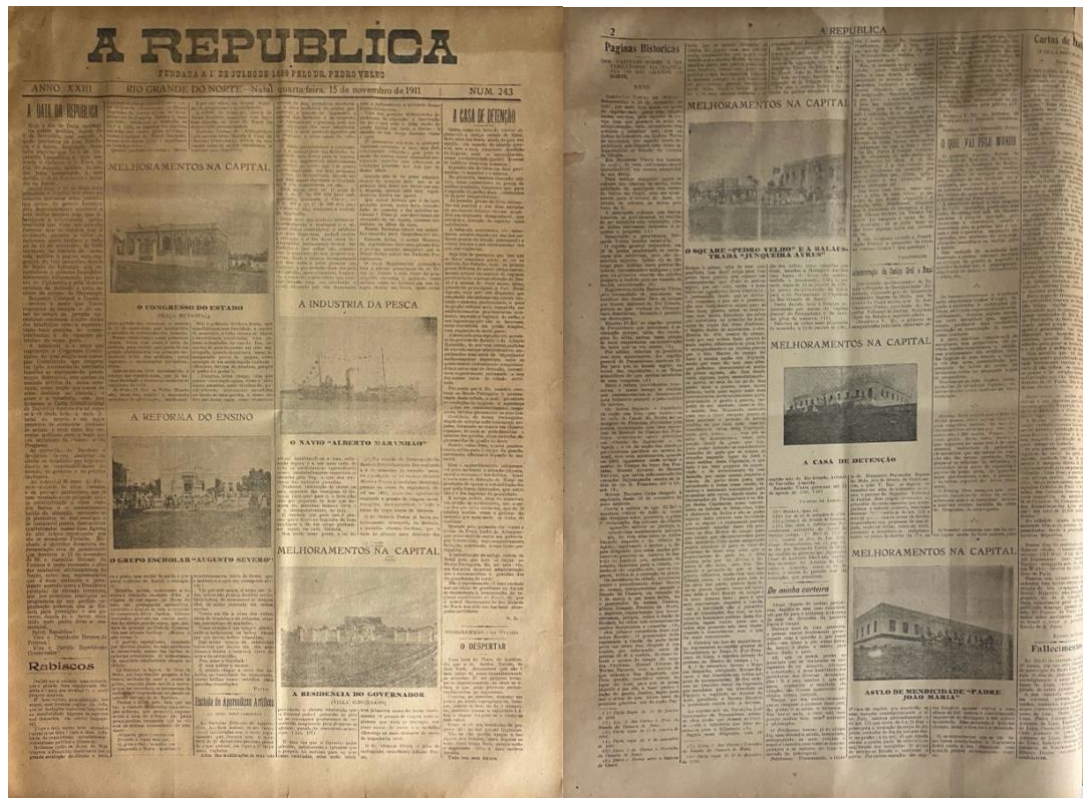
É o caso dos fatos de maior abrangência pública, como a visita do Presidente Afonso Pena ao Rio Grande do Norte, em 1906; a morte do governador Pedro Velho, em 1907; a Exposição Nacional, em 1908; além de inaugurações de praças e estátuas, como a de Augusto Severo, em 1913, festas cívicas e movimentações partidárias.

A despeito da relevância dos temas acima, constatamos que, ao longo de sua vida, é possível ter conseguido publicar apenas sete de suas fotografias no jornal *A República* em uma única oportunidade. A ocasião foi a edição especial do dia 15 de novembro de 1911, a ser observada na Figura 18:

³⁷ Notas escritas por Osório Bezerra Dantas, de próprio punho, que constam anexas aos documentos do acervo.

³⁸ Vila Pretória é o nome dado por Manoel Dantas a sua propriedade localizada no bairro de Cidade Alta, em Natal/ RN, onde foi morar, segundo assento em seu diário pessoal, em 29 de junho de 1891, com sua esposa para constituir família. Atualmente, a Vila Pretória compreenderia os quarteirões localizados entre a Rua Seridó e a Rua Manoel Dantas, no bairro de Petrópolis.

Figura 18 – Edição ilustrada d' *A República* do dia 15/11/1911 – Pg. 1 e 2



Fonte: Arquivo Público do RN – Foto da pesquisadora.

Conforme afere-se no texto a seguir (Figura 19), a explicação dada pelo redator, para que esse feito não fosse corriqueiro, foi o alto custo para a confecção dos clichês:

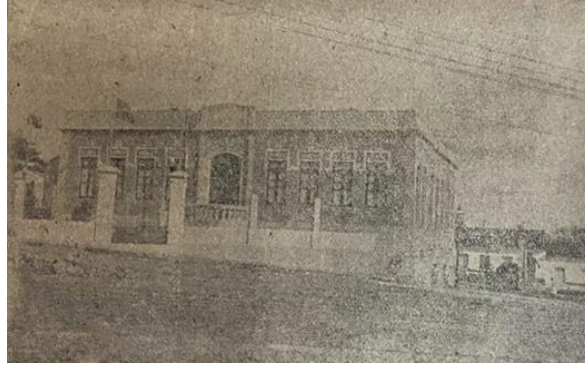
Figura 19 – Matéria sobre a comemoração do aniversário da Proclamação da República em *A República* de 15/11/1911 – Pg. 3

anos. Ha outras obras, já concluidas umas, outras em construcção, que deixam de figurar na presente edição, devido as dificuldades com que luctamos na aquisição dos clichês. E' nosso desejo, entretanto, doravante, irmos de vez em quando, estampando nas columnas d'A REPUBLICA photogravuras dos melhoramentos da cidade, afim de satisfazer a curiosidade dos leitores do interior e de fóra do Estado. A edição de hoje registra apenas sete :

Fonte: Arquivo Público do RN – Foto da pesquisadora.

No acervo de Manoel Dantas é possível, inclusive, encontrar fotos semelhantes às que foram impressas, a exemplo da imagem da fachada do Congresso do Estado, expostas nas Figuras 20 e 21:

Figura 20 – Foto do Congresso Estadual



Fonte: A República, 15/11/1911 – p. 1.

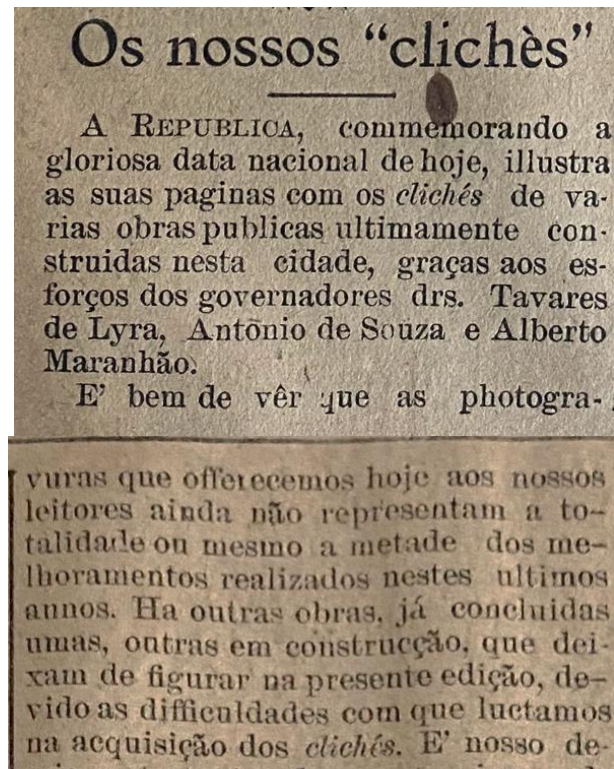
Figura 21 – Foto do Congresso Estadual



Fonte: Acervo Manoel Dantas.

O investimento financeiro feito pela *A República*, ao encomendar os sete clichês de fotografia para estampar essa edição comemorativa, deu-se em razão do uso estratégico das imagens para a publicização das obras estruturantes dos governadores republicanos Tavares de Lyra, entre os anos de 1904 e 1906, Antônio de Souza, nos anos de 1907 e 1908, e Alberto Maranhão, que estava com o seu segundo mandato em curso. O primeiro foi de 1900 a 1904 e o segundo havia começado em 1908 e terminaria em 1913. A nota que introduzia as fotografias de Manoel Dantas pode ser apreciada na Figura 22:

Figura 22 – Nota sobre a motivação das imagens na edição de A República de 15/11/1911 – Pg. 3



Fonte: Arquivo Público do RN – Foto da pesquisadora.

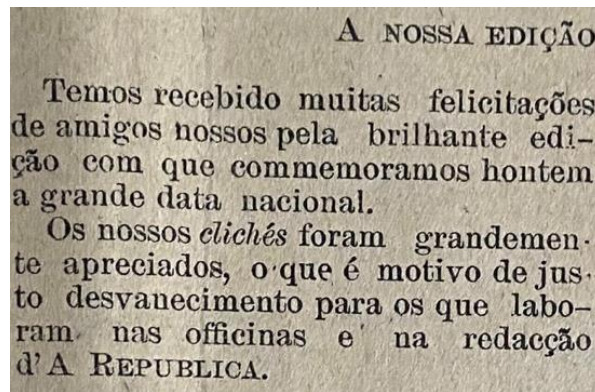
Conforme já pontuamos sobre o uso das fotografias no capítulo 2 desta dissertação, em alguns casos, as imagens serviam o propósito de difundir um ideário de modernidade e progresso atrelado ao regime republicano. Manoel Dantas, enquanto membro do partido, jornalista e fotógrafo amador, aparenta atrelar os seus cliques às suas convicções políticas quando cobria os eventos cívicos, as inaugurações de obras arquitetônicas e demais eventos administrativos da gestão pública vigente. Segundo Mauad (2013, p. 13), essa função política destinada a “transmissão de mensagem para dar visibilidade às estratégias de poder” é o que se constitui como fotografia pública. Seja por meio da imprensa, nesta oportunidade, seja em seu espaço social, observamos o uso dessas narrativas visuais por Manoel Dantas para difundir suas ideologias políticas. “Quando se alia a noção de prática fotográfica a de um engajamento político a um projeto, no qual o fotógrafo se associa para orientar o seu arco de ação, confere-se à produção fotográfica, mais do que uma intenção pessoal, um sentido autoral” (MAUAD, 2013, p. 16).

É importante estabelecer que o status de fotografias públicas independia de suas publicações. Isso porque o critério para essa caracterização está relacionado com a representação do espaço público ou comum, isto é, se “faz parte da memória social e política”

(LEDO, 1998, p. 37). “Portanto a fotografia pública se torna pública, porque associa às funções de representação de diferentes formas de poder na cena pública; são, ainda, suportes da memória pública sancionada pelas diferentes culturas políticas” (MAUAD, 2013, p. 19).

A estratégia adotada por Manoel Dantas parece ter obtido o êxito esperado. Na edição do dia seguinte, 16/11/1911, estampada já na primeira página, figurava a nota ilustrada na Figura 23:

Figura 23 – Nota em A República do dia 16/11/1911 – Pg. 1



Fonte: Arquivo Público do RN – Foto da pesquisadora.

O resultado da impressão das suas fotos não deve tê-lo surpreendido, pois, enquanto educador, sabia do apelo visual didático de uma imagem para os leitores, especialmente no início do século XX, onde o índice de analfabetismo ainda era significativo no Rio Grande do Norte³⁹. Ele costumava utilizá-las em aulas ou exposições de seus trabalhos geográficos como recurso didático, afinal, “Lia-se também com imagens” (BARBOSA, 2013, p. 152). E não só para os iletrados.

Voltando à imprensa, a complementação do texto pela imagem, representou, segundo Barbosa (2013, p. 176), “a maior transformação na forma de ler os periódicos”. Traduz-se em uma demanda crescente, já que para o leitor a ilustração dava uma conotação de realidade e de participação, podendo conferir melhor as circunstâncias relatadas na notícia. Freund (1976) também relata como a introdução da fotografia na imprensa possibilitou às massas o acesso aos acontecimentos que se davam do outro lado do mundo.

³⁹ De acordo com o censo demográfico de 1900, o número de analfabetos era de 218.393, o que correspondia a 79,61% do total da população potiguar. Disponível em: http://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Ana-Em%C3%ADlia-Cordeiro-Souto-Ferreira_-Carlos-Henrique-de-Carvalho.pdf.

A associação do texto com a imagem foi tão proveitosa que, já em 1842, apenas três anos após o surgimento da fotografia no mundo, o seu uso pela imprensa podia ser observado nas revistas ilustradas europeias, como a inglesa *The Illustrated London News*, seguida da francesa *Illustration*, em 1843. Ambas as publicações utilizavam a técnica da xilogravura, onde as imagens tinham de ser copiadas por artistas que talhavam a madeira resultando em uma gravura com relevo, para poder ser transferida para o papel, como um carimbo (BONI; OLIVEIRA, 2016, p. 16). Como pode-se supor, era um processo demorado e de custo elevado.

Boni e Oliveira (2016, p. 20) explicam que, “no Brasil, para a maioria dos historiadores da imprensa, o primeiro periódico a publicar fotografias pelo sistema de autotipia⁴⁰ foi o semanário Revista da Semana, cujo primeiro número circulou encartado no Jornal do Brasil em 20 de maio de 1900”.

Os investimentos em impressão de fotografias em jornais brasileiros só começaram a ser adotados quando os proprietários desses periódicos passaram a tratá-los como empreendimentos, cujo objetivo principal deveria ser o lucro e não apenas um instrumento de finalidade política. Isso porque “era um processo caro e, não raro, exigia a mudança de praticamente todos os equipamentos do parque gráfico do jornal ou revista” (BONI; OLIVEIRA, 2016, p. 24). Por essa razão, a adoção das imagens fotográficas para complementar o sentido da notícia, foi gradualmente implementada (MAUAD, 2013).

Importante frisar que esta pesquisa não se debruçou sobre o desenvolvimento da impressão de imagens na imprensa do Rio Grande do Norte, muito embora tenhamos aferido que até o ano de 1924, não consta outra utilização de fotos nos periódicos potiguares.

Assim, mesmo a despeito da impossibilidade econômica de imprimir novamente suas fotos, observamos que os registros feitos por Manoel Dantas seguiram possuindo um caráter documental, apontado como sendo um dos critérios do fotojornalismo (BONI; OLIVEIRA, 2016). A despeito da intenção de documentar e compartilhar aspectos das representações sociais aos quais se associava ideologicamente, Manoel Dantas recorria ao status de verdade fotográfica (MAUAD, 2013). Isso porque muitos desses cliques foram feitos de forma a não interferir no acontecimento em curso, fotografando sem que os personagens enquadrados tomassem ciência de que estavam sendo flagrados. É o que Rouillé (2009, p. 62) denominou

⁴⁰ A autotipia, também conhecida como clichéria é um sistema de impressão de fotos, criado em 1882 na Alemanha. Nesse processo, as áreas escuras de uma imagem são gravadas em alto-relevo em uma chapa e, dessa forma, podem ser montados em conjunto com os blocos de texto e impressos simultaneamente. A autotipia representou uma revolução no jornalismo, consolidando o uso de fotografias nos jornais e revistas (BONI; OLIVEIRA, 2016, p. 20).

de fotografia-documento, onde “alguma coisa palpável, matéria, preexistente, a uma realidade desconhecida, se fixa com a finalidade de registrar as pistas e reproduzir fielmente a aparência”. Para Berger (2017, p. 97) o compromisso de trazer a “verdade para casa, para o mundo” era compartilhado entre os fotógrafos que desejavam estampar suas imagens nos jornais até os anos 1930.

Por outro lado, em várias outras ocasiões, especialmente nas fotografias realizadas em seus meios sociais, os participantes eram avisados e se organizavam fazendo poses (PEREIRA, 2016). Foram muitas as oportunidades em que Manoel Dantas fotografou a sociedade potiguar. Afinal, ele foi um intelectual que desfrutou de intensa sociabilidade, participando do corpo diretivo de diversas instituições. Entre elas, elencamos: presidente do Natal Club, em 1911, orador do Instituto de Proteção e Assistência Infantil de Natal, presidente do Instituto dos Advogados, além de membro fundador da Liga de Ensino, que fundou em 1914 a Escola Doméstica, de ensino exclusivo para mulheres.

Também esteve engajado com outras atividades sociais com viés literário. A primeira dessas agremiações foi o Grêmio Polymático, em 1899, fundado em parceria com Alberto Maranhão, Auta de Souza (1876-1901), Henrique Castriciano (1874-1947), Augusto Tavares de Lyra (1872-1958), Juvenal Lamartine, entre outros sócios. Esse Grêmio editava a *Revista do RN*, que se propunha a divulgar os textos produzidos por essa associação.

Em outro grupo denominado Congresso Literário de Natal lançou, em março de 1907, a revista quinzenal *A Tribuna*, que elaborava em conjunto com Ovídio Fernandes (1873-1928), Ezequiel Wanderley (1872-1933), Henrique Castriciano (1874-1947) e José Pinto. Colaborou ainda com a *Revista Pedagogium*, com textos sobre a educação (MORAIS, 2018). Muitas dessas atividades encontram-se amplamente registradas em seu acervo, como veremos adiante, no capítulo 4.

Escreveu ainda sobre os “Homens de Outrora”, contando casos sobre personalidades marcantes da historiografia potiguar. Esse material foi legado, postumamente, a José Augusto (1884-1971)⁴¹, que em 1941 o publicou. Foi também das mãos desse mesmo sobrinho que, em 1946, veio o reconhecimento de uma vida dedicada ao ofício das palavras, alçando Manoel Dantas à condição de patrono da cadeira de número 26 na Academia Norte-rio-grandense de Letras.

⁴¹ José Augusto Bezerra de Medeiros foi um advogado e político potiguar tendo sido Deputado Estadual e Federal, além de Governador do Rio Grande do Norte entre os anos de 1924 e 1927. Era sobrinho de D. Chiquinha Dantas, filho de seu irmão Manoel Augusto Bezerra de Araújo. Para saber mais: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/jose-augusto-bezerra-de-medeiros>.

3.2 MANOEL DANTAS E SEU PERFIL FUTURISTA

No decorrer do aprofundamento das pesquisas, surgiram pistas sobre Manoel Dantas ter sido uma pessoa curiosa e atenta às novidades de seu tempo. Afinal, foi possível observar que o gosto pelo pioneirismo e pela inovação marcou muitas de suas ações profissionais.

Essa característica aparentemente recorrente em sua biografia nos fez indagar se o interesse pela fotografia, em especial a estereoscópica, poderia estar relacionado a um perfil “modernista” e até “futurista”, denotado a partir das inclinações e identificações que suas ideias e práticas sugeriram. Isso porque, sabemos que esta tecnologia tinha como atributo a modernidade, isto é, o progresso da técnica, da mecanização e da racionalização da produção (LE GOFF, 1996, p. 192).

Nesse sentido, um dos principais fatores que apontam para essa correlação é o fato de ele ter sido uma das primeiras pessoas físicas a possuir uma caixa postal no Rio Grande do Norte. Consta no primeiro registro das assinaturas de caixas postais feito em 1911⁴², que ele foi um dos dez potiguares que possuíam esse dispositivo para receber encomendas de todos os lugares do mundo. À época, no total, havia 26 caixas postais: 10 pertencentes a potiguares, 5 de estrangeiros e 11 de empresas, como pode ser observado na Figura 24:

Figura 24 – Relação de Caixas Postais no RN (em ordem alfabética), em 1911

Assignantes de caixas postaes	
Alves & C. ^a	2
Andrade & C. ^a	15
Angelo Roselli	1
Epaminondas Brandão	17
Estrada de Ferro Central	12
F. Solon	6
Francisco Cascudo & C. ^a	18
Francisco Salgado de Albuquerque Maranhão	14
Henry J. Green	11
João C. Galvão	8
Joaquim Etelvino	22
John Charles Smith	26
Julius von Söhsten	10
M. Machado & C. ^a	20
Manoel Dantas, Dr.	13
Matheus Petrovich	21
Melhoramento do Porto	3
Odilon de Amorim Garcia	4
Olympio Tavares & C. ^a	5
Pedroza, Tinoco & C. ^a	7
Pio Barreto	16
Sebastião José Leite	24
The North East Brasil Development C.º Ltd.	23
Vasconcellos & C. ^a	9
Vianna & C. ^a	25
William Calvin Porter	19

Fonte: Almanak Laemmert.

⁴² Almanak Laemmert. Edição B00068 - 1911, p. 3720.

Se organizarmos a lista por ordem cronológica, a de Manoel Dantas, de número 13, foi a quarta caixa postal adquirida por um potiguar (pessoa física), apontando para o seu interesse em receber periódicos europeus, americanos e de outros estados brasileiros em primeira mão. Seu filho, Osório Dantas, disse se recordar que ele

[...] tinha uma sede imensa de ler, assinar revistas e jornais de toda a parte. Era a atualidade personificada. Com certeza estaria nos dias de hoje inserido na mídia e plugado na internet. Tudo o que ganhava era empregado no papel escrito, no seu aperfeiçoamento intelectual e da sua família⁴³.

De fato, a biblioteca de Manoel Dantas, hoje integrada ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, é grande e diversificada⁴⁴, constituída por diversos livros de literatura, política, direito, ciências, enciclopédias, romances e atlas, na sua maioria franceses e portugueses (Portugal), a exemplo da coleção de Júlio Verne, com 16 volumes. Além destes, também existem centenas de exemplares de revistas, em especial as ilustradas. São elas as francesas:

- *Revue des Revues* (1900-1915);
- *Ancienne Revue des Revues*, com 71 volumes;
- *Le Monde Moderne* (1895-1897), com 5 exemplares;
- *Lectures pour tours – Illustrée* (1901 e 1902) – 4 exemplares;
- *Le Contemporaine: Revue Illustrée* (sem ano) – 8 exemplares;
- *Historia Magazine Illustrée* (Paris – 1912 e 1913) – 5 exemplares;
- *L'Illustration* (1900, 1902, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908, 1909, 1910, 1913 e 1914) – 458 exemplares;

As inglesas:

- *The Studio* – Na illustred magazine of fine and applied art (1911 e 1912) – 6 exemplares;
- *The Sphere* – an illustred for the home (sem ano) – 47 exemplares;
- *The Illustrated London News* (1910 a 1912) – 151 exemplares;

⁴³ Notas escritas em outubro de 2000, por Osório Bezerra Dantas, de próprio punho, que constam anexas aos documentos do acervo.

⁴⁴ A biblioteca que pertenceu a Manoel Dantas possui 2.398 volumes (contagem da pesquisadora) entre livros, jornais e revistas de diversas nacionalidades e temáticas. Desde a década de 1930 foi vendida pela família ao Governo do Estado, que posteriormente a doou para o Instituto Histórico e Geográfico do RN, onde se encontra atualmente. O levantamento dos títulos dessa biblioteca foi realizado pelo historiador William Pinheiro e cedido a esta pesquisadora em outubro de 2020.

- *Black and White* – An illustred magazine (1910 a 1912) – 94 exemplares;

A americana:

- *American Magazine* – NY (1910 e 1912) – 44 exemplares.

E as brasileiras:

- *Fon Fon* – RJ (1908 e 1922) – 5 exemplares
- *Kosmos: Revista artística, científica e literária* – RJ (1904-1908) – 24 exemplares;
- *A ilustração brasileira* – RJ (1909 a 1912) – 84 exemplares e (1922 e 1923) – 12 exemplares;
- *Revista da Semana* – RJ (1922 e 1923) – 67 exemplares;
- *A ilustração: Revista universal* (impressa em Paris) (1885 e 1886) – 47 exemplares;
- *O Malho* – RJ (1923) – 26 exemplares.

Como constatado pelas nomenclaturas de algumas dessas revistas, a maioria era ilustrada e, naturalmente, traziam artigos sobre os últimos lançamentos tecnológicos, incluindo os do mercado fotográfico. Pereira (2016, p. 44) relata que, ainda em 1903, uma propaganda na revista francesa *L'Ilustration*, afirmava: “tout le monde sera photographe” [Todo mundo será fotógrafo]. Assim, pressupomos que Manoel Dantas era familiarizado com a fotografia (técnica, máquinas, materiais e processos).

Para além do seu proveito particular, a leitura desse material, conforme já dissemos, era base para suas informações, as quais transcrevia na imprensa. Essa atitude fazia com que compartilhasse de forma pioneira algumas notícias não apenas em Natal, mas em todo o Brasil. Um exemplo é o fato de que no dia 05 de junho de 1909, Manoel Dantas realizou a primeira tradução e publicação do Manifesto futurista⁴⁵ do poeta italiano Filippo Tommaso Marinetti em um jornal brasileiro, n’A *República*. A segunda publicação só ocorreria em dezembro desse mesmo ano em um jornal da cidade de Salvador. O documento, que foi um dos marcos da criação do futurismo – um dos primeiros movimentos da arte moderna – propunha, ao longo de 11 itens, a ruptura com o que acreditava serem formas ultrapassadas de

⁴⁵ Para saber mais: <https://mundoeducacao.uol.com.br/artes/futurismo.htm>

se ver o mundo, aproximando o homem dos avanços, a exemplo das máquinas, da velocidade e do dinamismo do novo século.

É importante frisar que esse manifesto foi publicado no dia 05 de fevereiro de 1909, na Itália, e publicado quinze dias após no jornal parisiense *Le Figaro*, ao qual Manoel Dantas deve ter tido acesso em sua caixa postal.

Mas o episódio que acabou por notabilizá-lo, ao longo dos anos, como “futurista”, foi a realização da conferência intitulada “Natal daqui a cinquenta anos”, realizada no dia 21 de março de 1909. Em tom profético, Manoel Dantas conduziu a sua audiência, formada por intelectuais e membros da alta sociedade natalense, a contemplar o progresso da capital potiguar como se no ano de 1959 estivessem. Nela, previu obras como a construção do Açude Gargalheiras (obra iniciada apenas em 1921 e concluída em 1959), a existência de uma estrada costeira em Natal (que se concretizou em 1985), invenção dos outdoors e algumas outras obras que reforçavam que o Rio Grande do Norte seria uma terra de prosperidade social e econômica (DANTAS, 1989).

Anos mais tarde, parte de suas previsões se concretizaram, como se observa nos exemplos citados. Outras não passaram de um exercício de imaginação e ludicidade, como é o caso da ponte que ligaria Natal a Londres, capital da Inglaterra.

Por esse perfil pessoal, traçado a partir das ocasiões explicitadas, assinalamos que a escolha da tecnologia que adotou para tirar as suas fotografias pode ter sido causa e consequência de sua sintonia com a modernidade. É necessário pontuar que os avanços tecnológicos observados em razão da Revolução Industrial se refletiram no aparecimento de novas técnicas e modernos equipamentos fotográficos, sendo diretamente responsáveis pela popularização da fotografia que dependia de questões práticas, facilitando o uso dos amadores (TURAZZI, 1995). Acreditamos que Manoel Dantas acompanhava esses progressos, seja por meio da imprensa, seja através de suas relações pessoais.

4 AS VISTAS ESTEREOSCÓPICAS E DEMAIS CONTEÚDOS DO ACERVO

Tanto pelo número de fotografias que constituem o acervo, quanto pelos relatos das pessoas próximas a Manoel Dantas, o seu interesse pela fotografia fica patente. A câmera era companheira inseparável do jornalista, tanto que em discurso proferido por ocasião da morte de Manoel Dantas, Câmara Cascudo (1924, p. 2) teria dito:

Todos nós nos acostumamos à sua figura. Era como um ornato indispensável às festas. Antecipando a sua chegada, a indefectível fotografia, tão regular, tão natural, tão sua e inerente ao seu hábito que, julgamos possível vê-lo ressurgir vivo e são, na tarde de seu enterramento, para bater mais uma chapa fotográfica.

Atualmente, estão catalogadas 2.146 fotografias estereoscópicas, sendo 216 negativos e 1.930 diapositivos. No entanto, um de seus herdeiros familiares, o geólogo e professor universitário aposentado, Edgard Ramalho Dantas, garante que o legado imagético deixado por seu avô foi pelo menos cinco vezes maior, uma vez que pode ter produzido mais de 10.000 fotografias⁴⁶. O pai de Edgard, o filho caçula de Manoel, Osório Dantas, relembra que ele

Fotografava toda Natal, todas as recepções familiares e oficiais, chegadas de pessoas ilustres, Deputados, Senadores, Governadores, paradas escolares e militares, tudo enfim que merecesse no seu julgamento, uma imagem. Era tamanha a sua fúria fotográfica que a maior parte dos seus amigos diziam que a máquina de Dr. Dantas não tinha filme⁴⁷.

O julgamento ao qual o sr. Osório se referiu nos parece estar diretamente relacionado aos seus interesses pessoais, profissionais e partidários, a exemplo das fotos sobre a educação, política, agricultura, arquitetura, paisagens naturais, viagens e, principalmente, fotos familiares nas quais a vida cotidiana e datas comemorativas foram eternizadas.

Apesar disso, admitimos a possibilidade de nem todas as fotografias existentes no acervo serem de autoria de Manoel Dantas, haja vista desconhecermos o fato de ter estado em Versailles, na França ou em Buenos Aires, na Argentina, conforme vistas de cenários das duas cidades, presentes na coleção. Com exceção destas, todas as demais remetem a aspectos pessoais como agenda de viagens/eventos e ocasiões pessoais/profissionais, embora nem

⁴⁶ Número estimado pelo neto de Manoel Dantas, Edgard Ramalho Dantas, em entrevista concedida à pesquisadora em 14 de setembro de 2020.

⁴⁷ Notas escritas em outubro de 2000, por Osório Bezerra Dantas, de próprio punho, que constam anexas aos documentos do acervo.

mesmo essas sincronidades garantam que algumas das fotos não tenham sido um presente, ou ainda, uma cópia de negativos de outros fotógrafos.

Examinando o critério adotado por Manoel Dantas para a organização das lâminas, percebemos o uso de legendas, datas e números, apesar de que, apenas poucas possuem todas essas informações em uma mesma imagem. Conforme denota ser praxe, uma vez que Guilherme dos Santos e Alberto Sampaio⁴⁸ também assim procediam, o espaço na lâmina entre as duas imagens era reservado à legenda da foto. Além da descrição do tema, elas costumavam também ser numeradas, muitas vezes com um número acima e outro abaixo, conforme demonstrado na imagem da Figura 25:

Figura 25 – N°. 129 e 179 tirada por ocasião do aniversário do Casamento de Manoel Dantas



Fonte: Acervo Manoel Dantas.

No tocante aos números, não conseguimos estabelecer uma coerência para compreender o procedimento adotado, uma vez que, em alguns casos fica evidente que o número de cima se trata da temática e o de baixo, da sequência, isto é, do número de fotos que tirou desse mesmo assunto. Mas, em outros, essa mesma lógica não satisfaz.

Por essa razão é que um outro costume adotado entre os fotógrafos estereoscopistas amadores era o de transcrever os dados contidos na foto em uma espécie de livro de registro. No caso de Manoel Dantas, se ele tinha um livro desse tipo, não resistiu ao tempo, o que mais uma vez corrobora a dificuldade de decifrar a numeração de algumas lâminas.

Entretanto, percebemos que ele escreveu informações sobre a maioria das cenas. Do total contido no acervo, menos de 100 imagens diapositivas encontram-se sem qualquer identificação. Além dessas, todos os negativos também não possuem legenda e nem todos eles correspondem a uma foto em diapositivo e vice-versa.

⁴⁸ Alberto Sampaio (1870- 1931) foi um advogado e fotógrafo amador que viveu em Petrópolis (RJ). Para saber mais, ver: PEREIRA, Adriana Martins. *Lentes da memória: a descoberta da fotografia de Alberto de Sampaio 1888-1930*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2016.

Um outro aspecto observado é que apenas um pequeno número de fotos foi datado por ele. Apesar disso, muitas delas puderam ter suas datas estimadas, uma vez que se tratava de inaugurações de praças e monumentos, eventos públicos e datas comemorativas pessoais, como bodas, aniversários, viagens, entre outras ocasiões que foram anotadas no diário pessoal de Manoel Dantas. Pelo que foi possível aferir, essas imagens possuem correspondência com fatos ocorridos entre 1900 e 1924.

Sobre as temáticas, seguem abaixo, nas Tabelas 2 e 3, as relações sobre as principais categorias, subcategorias e quantitativo, feitas a partir das anotações de Manoel Dantas nas lâminas, que constam no acervo:

Tabela 2 – Categorias, Subcategorias e quantitativo das lâminas do acervo

Categoria	Subcategoria	Quantidade
Natal	Ruas	61
Natal	Praças	36
Natal	Paisagens	38
Natal	Portos e navios	17
Natal	Inaugurações	56
Natal	Escola Doméstica	61
Natal	Natal Clube	21
Natal	Missa campal	12
Natal	Bispo	21
Natal	Teatro Carlos Gomes	7
Natal	Funeral Pedro Velho	11
Natal	Festas escolares	83
Natal	Eventos	30
Natal	Personalidades	109
Natal	Centenário Padre Miguelinho	51
Natal	Centenário 1922	33
Estados	Rio de Janeiro	110
Estados	Rio de Janeiro – Exposição Nacional	111
Estados	Bahia	85
Estados	Pernambuco	43
Estados	Paraíba	52

Categoria	Subcategoria	Quantidade
Estados	Ceará	3
Estados	Alagoas	4
Estados	São Paulo	9
Estados	Minas Gerais	37
Estados	Rio Grande do Sul	16
Países	Argentina (Buenos Aires)	2
Países	França (Versailles)	1
Interior do RN	São José	5
Interior do RN	Santa Cruz	1
Interior do RN	Areia Branca	1
Interior do RN	Mossoró	1
Interior do RN	Parelhas	3
Interior do RN	Pau dos Ferros	1
Interior do RN	Villa Nova	3
Interior do RN	Santana do Matos	3
Interior do RN	São Gonçalo	4
Interior do RN	Assu	16
Interior do RN	Macau	8
Interior do RN	Angicos	9
Interior do RN	Ceará-Mirim	12
Interior do RN	Penha	10
Interior do RN	Acari	20
Interior do RN	Gargalheiras	12
Interior do RN	Excursão de José Augusto	32
Interior do RN	Fazendas de parentes no Seridó	57
Família	Fotos de Manoel Dantas	18
Família	Esposa	20
Família	Filhos e filhas	110
Família	Netos	34
Família	Demais familiares	32
Família	Eventos	37
Pretória	Fotos de Manoel Dantas	7

Categoria	Subcategoria	Quantidade
Pretória	Esposa	3
Pretória	Filhos e filhas	66
Pretória	Netos	13
Pretória	Casamento de Beatriz	16
Pretória	Pretória	55
Pretória	Atividades	62
Pretória	Amigos e familiares	53
Pretória	Piquenique Dr. Chaves	9
Geral	Lâminas sem identificação	53
Negativos	Lâminas sem legenda	216
Total		2.146

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 3 – Categorias e suas respectivas quantidades

Categoria	Quantidade
Natal	656
Estados	481
Países	3
Interior do RN	202
Família	251
Pretória	284
Geral	53
Negativos	216
Total	2.146

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme explicitamos, ao realizar uma incursão no acervo, foi possível perceber o quanto as suas atividades profissionais estão relacionadas com os seus cliques. Na educação, por exemplo, temos fotos de vários grupos escolares, a fundação da Escola Doméstica de Natal, formaturas, festas escolares e escoteiros. Até mesmo ao viajar, seja para o interior do Rio Grande do Norte, seja para outros estados, também se atentava em tirar fotos relacionadas à educação.

Em relação à política, nos deparamos com uma coleção de personalidades da época, como os governadores Alberto Maranhão, Joaquim Ferreira Chaves, Antônio Melo e Sousa e José Augusto, o ministro Augusto Tavares de Lira, o presidente da República Afonso Pena e seus ministros, os senadores Eloy de Souza e Henrique Castriciano, entre outras figuras de renome nacional como Rui Barbosa e o Barão do Rio Branco. Esses registros foram feitos por ocasiões diversas como: solenidades, viagens, situações sociais e discursos políticos.

As fotografias feitas em outros estados são, em sua maioria, em razão dos Congressos Brasileiros de Geografia, dos quais Manoel Dantas participou na condição de representante do Rio Grande do Norte. Nessas ocasiões, além das fotos do evento propriamente dito, trazia recordações das praças, monumentos, cemitérios, igrejas, cais, ruas e tudo o mais que pudesse caracterizar o lugar que visitava, para lembrar e mostrar aos que não havia para lá viajado. São pelo menos dez estados brasileiros, alguns com imagens de mais de um município. O destaque dessa seção é a cobertura da Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro, com 111 fotos, especialmente, dos pavilhões onde os Estados fizeram as apresentações de seus produtos.

Já no interior do Estado, as fotos também são sobre inaugurações de obras, festividades escolares, cívicas e religiosas, movimentações políticas e, principalmente, sobre as fazendas de amigos e parentes, mostrando paisagens, retratos de pessoas etc.

As fotos nos permitem perceber o interesse particular de Manoel Dantas em obras como porto, ruas, praças, estátuas, mercado, estrada de ferro, entre outras, demonstrando o quanto queria registrar os feitos republicanos do governo vigente. Por outro lado, também se ocupou em fotografar paisagens naturais, como praias, jardins e cenários rurais.

Acreditamos que, com raras exceções, as fotografias descritas acima possuem um apelo público, isto é, poderiam ter sido utilizadas para ilustrar matérias jornalísticas. Isso porque as inaugurações, obras, eventos sociais e políticos, personalidades e até as fotos de viagens eram relevantes para a sociedade da época.

Em um foro mais privado, é inegável o destaque dado à família, tanto quantitativa quanto qualitativamente. Manoel Dantas fez questão de registrar seus filhos em diversas ocasiões e idades. Dos mais solenes, como: aniversários, batizados, casamento, formaturas, até os mais cotidianos, como as crianças brincando, estudando, fantasiados, com animais de estimação e em muitas outras circunstâncias triviais. Parte dos assentamentos no seu diário pessoal atesta que ele foi muito devotado à sua família, uma vez que fez anotações sobre

todos os filhos, não apenas os 11⁴⁹ que chegaram à idade adulta, bem como os demais que morreram antes do primeiro mês de vida. Nos escritos constam data de nascimento e/ou falecimento, batismo, dia em que andaram, trocaram dentição, feitos escolares e muito mais.

Na categoria denominada Pretória, também encontramos fotos da família, além de imagens dos cômodos, jardim, atividades agrícolas, eventos com parentes, amigos e correligionários.

No tocante a alguns eventos, como o casamento de sua filha mais velha, Beatriz, ocorrido em fevereiro de 1914, percebemos pela numeração que tirou centenas de fotografias. As primeiras que estão no acervo são de número 306 e as últimas, 678. No entanto, o total de fotografias sobre essa passagem no acervo, é de 16 lâminas.

Já a posse do governador Joaquim Ferreira Chaves, em 1913, se inicia no número 214 e termina em 996, mostrando que tirou pelo menos 782 fotos na ocasião. A exemplo destes, existem vários outros sobre como, aparentemente, Manoel Dantas tirava centenas de fotografias em um único acontecimento.

Todas as imagens do acervo estão impressas em lâminas de vidro, medindo 45 x 107mm. O uso de pelo menos duas marcas distintas de lâminas é facilmente percebido em decorrência da diferença de espessura (umas mais finas do que outras). Como anteriormente relatado, esse formato foi introduzido no mercado por Jules Richard e sua *Maison Richard* de Paris.

Quanto ao modelo utilizado, a foto que fez em frente ao espelho em 1911 demonstra a utilização de uma *Verascope du Richard* do ano de 1900, com a lente simples, ou seja, o modelo de entrada da marca. Por possuir o temporizador (corda que se encontra em cima da mesa), pudemos inferir que se trata do modelo denominado de nº 1, produzido a partir de 1893. Essa investigação foi possível graças ao uso de uma ampliação da foto abaixo, demonstrada nas Figuras 26 e 27, em que apresenta o aparelho, com a ajuda de um aplicativo que utiliza inteligência artificial⁵⁰.

⁴⁹ Seus filhos, por ordem cronológica, foram: Silvino Bezerra Dantas (1882-1954); Beatriz Bezerra Dantas (1983-1981); José Garibaldi Dantas (1898-1979); Isabel Theodomira Bezerra Dantas (1899-1925); Christovam Bezerra Dantas (1900-1964); Vinício Bezerra Dantas (1901-1958); Ignez Bezerra Dantas (1902-1982); Leonor Bezerra Dantas (1905-1972); Umberto Bezerra Dantas (1908-1987); Edgar Bezerra Dantas (1909-1930) e Osório Bezerra Dantas (1910-2004).

⁵⁰ De acordo com os desenvolvedores, o Let's Enhance oferece um serviço on-line, executado por inteligência artificial que permite melhorar imagens e ampliá-las sem perder qualidade. Disponível em: <https://letsenhance.io/>.

Figura 26 – Fotografia com Manoel Dantas e sua esposa, D. Francisca. Ele utilizando seu Verascópio



Fonte: Acervo de Manoel Dantas.

Figura 27 – Ampliação do tamanho em pixels da foto

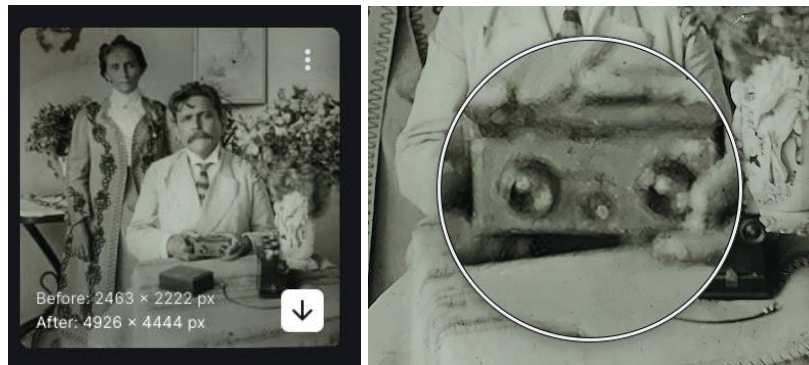


Imagem 1: Foto após ampliação

Imagem 2: Ampliação destacada da câmera

Fonte: Acervo de Manoel Dantas.

De acordo com as especificações do fabricante⁵¹, o primeiro modelo era o mais simples, com corpo de cobre folheado a prata, lente reta de alta velocidade, obturador duplo de alto desempenho, moldura de repetição intercambiável que pode conter 12 placas de 45x107 mm, duas lentes simples e mecanismo de precisão absoluta. Esse modelo custava a partir de 175 Francos. Já o modelo 1A, era mais caro, custando 380 Francos devido ao par de lentes *Zeiss*. Ambos vinham em uma caixa marroquina rica com alça, fechadura dupla e chave.

O passo seguinte foi realizar a comparação dos modelos com as fotos existentes na internet e catálogos da marca, conforme observado na Figura 28.

⁵¹ Descrição obtida a partir do catálogo Manufrance de 1900, da Câmera Verascope. Disponível em: https://www.collection-appareils.fr/gestion_catalogue/html/recherche_eng.php?nom=&type_appareil=&marque=Richard+Jules&modele=&format_fr=45+x+107+mm&marque_obj=&modele_obj=&ouverture=&marque_obtu=&modele_obtu=&submit=Find+it+%21. Acesso em: 07 set. 2021.

Figura 28 – Catálogo de venda do Verascope de 1899

81

PHOTO-PLAIT, 37 et 39, Rue Lafayette — Paris-Opéra

Vérascope N° 1

Modèle ordinaire

Dans le N° 1 les objectifs sont des rectilignes de premier choix munis d'obturateur à instantané et à pose, viseur à hauteur de poitrine et viseur clair pour photographier à la hauteur de l'œil; douille conique dans le corps pour fixation sur un pied à tête cône.



Fig. 1

Prix 192. »

Vérascope Nos 2 et 2A

Modèle perfectionné

Le Vérascope N° 2 ne diffère du N° 1 que par la substitution d'un compteur automatique au compteur au doigt, et par l'adjonction d'un dispositif permettant de faire varier la vitesse d'instantanéité de l'obturateur.

Les accessoires, offerts gratuitement au moment de la livraison de ce Vérascope, sont les mêmes que pour le modèle précédent.



Fig. 2

Prix 220. »

Le modèle 2A est exactement le même que le N° 2 au point de vue mécanique. La partie optique est seule différente, les objectifs rectilignes sont remplacés par des anastigmatiques f, 8 de Krauss.

Prix 445. »

Fonte: https://www.collection-appareils.fr/x/html/camera-21020-Richard%20Jules_V%C3%A9rascope%20N%C2%B01A.html.

Também comparamos a bolsa da câmera existente na Figura 29, com a foto de Manoel Dantas utilizando uma muito semelhante, demonstrada na Figura 30:

Figura 29 – Verascope Modelo 1



Fonte: <https://www.ebay.fr/itm/265282876133?hash=item3dc41772e5:g:7WUAAOSwF3Vggb1X>.

Figura 30 – Manoel Dantas com a câmera na mão e a bolsa no ombro



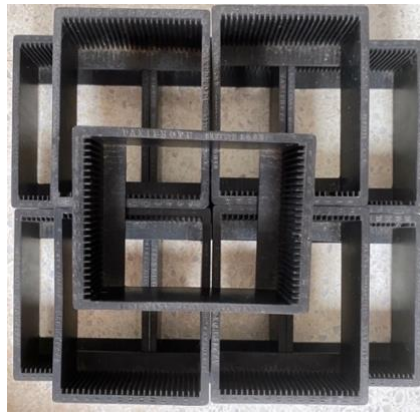
Fonte: Acervo Manoel Dantas.

Quanto à revelação das lâminas, escreveu em seu diário pessoal, em maio de 1911, que havia começado a “trabalhar em photographia com o Verascope”. Analisamos que essa data é compatível com o início da comercialização dos produtos químicos da empresa

Lumière para a revelação amadora. Antes, supomos que as placas precisassem ser enviadas para outros centros, como Recife ou Rio de Janeiro.

É provável que Manoel Dantas também tenha possuído um aparelho *Le Taxiphote*, da Maison Richard, uma vez que no acervo existem 40 cassetes desse dispositivo, com capacidade para 25 lâminas cada.

Figura 31 – Cassetes do Le Taxiphote



Fonte: Acervo Manoel Dantas. Foto tirada pela pesquisadora.

Além das fotografias também constam materiais acessórios como stereovisores, caixas de lâminas em papel e caixas de madeira para acomodar as lâminas. Os três visores, pertencentes a Manoel Dantas, são de marcas distintas. Como se observa na Figura 32, o primeiro é da fábrica francesa *Unis France* e o segundo da alemã *Stereolette*. Ambos são semelhantes, com o corpo em madeira e binóculos e manivela em ferro. Já o último não possui uma marca impressa, mas é do modelo denominado ópera, sendo de tamanho menor e fabricado em aço e couro.

Figura 32 – Os três visores estereoscópios pertencentes ao acervo de Manoel Dantas



Fonte: Foto realizada pela pesquisadora.

Quanto às lâminas de vidro, em seu acervo existem duas caixas, são elas: as lâminas secas de gelatina e brometo de prata, “Blue Label”, fabricada pelos irmãos Lumière, na França e a da *Ilford*, do modelo *Gaslight Lanterns*, de Londres, conforme a Figura 33:

Figura 33 – Caixas de lâminas pertencentes ao acervo de Manoel Dantas



Fonte: Foto realizada pela pesquisadora.

O acervo também dispõe de duas caixas de madeira (Figuras 34 e 35) para o armazenamento de lâminas. A primeira com uma capacidade para 50 placas de vidro. A outra, com um espaço para acondicionar um visor estereoscópico e um compartimento menor para a colocação de lâminas.

Figura 34 – Caixas para guardar lâminas pertencentes ao acervo de Manoel Dantas



Fonte: Foto realizada pela pesquisadora

Figura 35 – Caixa de madeira para guardar estereoscópio e lâminas



Imagem 1: Interior da caixa

Imagem 2: Caixa fechada

Fonte: Acervo Manoel Dantas. Fotos tiradas pela pesquisadora.

Já a figura 36 demonstra os dez suportes confeccionados em papelão, com capacidade para 2 lâminas em cada folha:

Figura 36 – Suporte de papelão para inserir lâminas



Fonte: Acervo Manoel Dantas. Foto tirada pela pesquisadora.

Além de todo esse material, o acervo também contempla seis fotografias que foram impressas em papel, conforme ilustrações constantes nas imagens de 1 a 6, da Figura 37:

Figura 37 – Fotos da família reveladas em papel



Imagem 1: Manoel Dantas

Imagem 2: Filhos mais novos

Imagem 3: Leonor e Umberto



Imagem 4: Beatriz e Eunice

Imagem 5: Silvino e Garibaldi

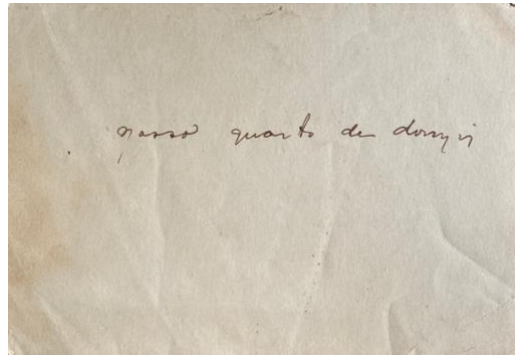


Imagem 6: Quarto de Manoel Dantas e D. Chiquinha

Fonte: Acervo Manoel Dantas. Reproduções feitas pela pesquisadora.

Como pode-se observar na Figura 38, apenas esta última possui uma anotação manuscrita no verso, dizendo: “Nosso quarto de dormir”.

Figura 38 – Anotação no verso da fotografia do quarto do casal



Fonte: Acervo Manoel Dantas. Foto tirada pela pesquisadora.

Sabendo que Manoel Dantas tinha acesso à informação, seja através das publicações, seja por meio de suas relações pessoais, acreditamos que não encontrou obstáculos para adquirir esses insumos. Afinal, como demonstramos no capítulo anterior, comprar esses materiais não era difícil e podia ser feito, ainda no início do século XX, em estabelecimentos comerciais nas grandes capitais, a exemplo do Rio de Janeiro e Recife, onde ia de trem, com certa frequência, por ser advogado da empresa ferroviária.

Além dos anúncios já apresentados, encontramos opções de venda de material fotográfico no *Almanak Laemmert*, onde, desde 1900, a loja de Marc Ferrez fazia publicidade. Nessa mesma publicação, a partir de 1908, também surgiram os anúncios da própria *Maison Richard*, em Paris. A compra de qualquer produto podia ser efetuada por intermédio de um agente (despachante), o sr. H. Mahler⁵², que já em 1896 realizava esse intercâmbio comercial entre o Brasil e a França.

Na capital potiguar, até onde pudemos pesquisar em razão da escassez de periódicos, o acesso a materiais fotográficos era mais restrito. Encontramos apenas um anúncio na edição de *A República* do dia 22 de maio de 1907, conforme se constata na Figura 39:

⁵² Anúncio Almanak Laemmert, 01/02/1891, p. 580. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394&pesq=%22H.%20Mahler%22&pagfis=2111>. Acessado em: 07 set. 2021.

Figura 39 – Anúncio venda de materiais fotográficos em Natal



Fonte: A República, p. 2, 22/05/1907.

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=138924&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=2985>.

Afora essas opções, Manoel Dantas também podia contar com amigos que viajavam para a Europa para fazer suas encomendas. Um exemplo foi seu correligionário, o aviador Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, que morou em Paris, de outubro de 1901 até abril de 1902⁵³, quando lá morreu em um acidente aéreo. Domingos Barros também esteve na capital francesa no ano de 1910.

Mas, como já mencionamos, apesar da demanda de ofertas dos produtos, a prática amadora da fotografia, em especial a estereoscópica, demandava recursos financeiros. Além da aquisição da câmera, era necessário comprar as lâminas e o material químico para a revelação (sem contar os acessórios, como tripé, lentes etc.).

Conforme observado nos catálogos, o modelo básico da *Verascope du Richard*, podia ser adquirido por 175 francos. Em uma das caixas de lâminas que pertenceu a Manoel Dantas, vimos que 12 placas secas da marca *Lumière*, custavam em média 6 francos, compradas diretamente na loja Photo-Hall em Paris. Já os valores dos materiais químicos não puderam ser orçados por falta de fontes.

No tocante às condições financeiras de Manoel Dantas, aferimos que, em 1897, quando foi nomeado Diretor da Instrução Pública, passou a receber um salário anual de 5:200\$000⁵⁴ (5 contos e duzentos mil-réis). Apenas a título de comparação, na seção comercial do jornal *A República*, do dia 4 de janeiro de 1902, reportado na figura abaixo, um quilo de açúcar produzido em usina custava \$500 (Quinhentos réis). Também na mesma coluna, o valor do Franco estava cotado em \$762 (Setecentos e sessenta e dois réis). Logo,

⁵³ Para saber mais: <https://www.facebook.com/arquivonacionalbrasil/posts/766011080159439/>

⁵⁴ Valor divulgado na seção “Quadro demonstrativo dos funcionários das repartições públicas do Estado do Rio Grande do Norte”, nas Mensagens do Governador para a Assembleia (RN), 1890-1930, p. 89. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=873330&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=1715>. Acesso em: 07 set. 2021.

uma câmara de 175 francos, custava 133\$350 (Cento e trinta e três mil-réis e trezentos e cinquenta réis) ou o equivalente a 266,7 quilos de açúcar.

Figura 40 – Parte Comercial publicada no jornal

PARTE COMMERCIAL		MERCADO PUBLICO		Linha de Carambola		Cera de carnauba		Carambola	
E MARITIMA		PREÇOS CORRENTES		ata	1.200	Uma	13000	100	10 I/2
Moeda, 4 de Janeiro de 1902		Carna verde k. 800		Sabão k. 700	700	Cabros de palha Um	10400	100	10 I/2
Cambio 12 1/3		Carna de sol 1.200		Café do Rio " 700	700	Cabros de palha Um	10400	100	10 I/2
TABELA DE CAMBIO		Carna de xarope superior 2.200		Café do Rio " 1.400	1.400	Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Libras 194200	29800	Carna de porco 2.200		Manteiga de leite " 1.800	1.800	Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Francia 2060	29800	Bacalhão 2.200		Manteiga de leite " 2.700	2.700	Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Março 284	29800	Cebola 2.000		Manteiga de leite " 4.500	4.500	Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Dollar 38800	29800	Alho maço k. 2.400		Manteiga de leite " 2.500	2.500	Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Praca do Natal		Banha garrafa k. 400		Ovos " 60	60	Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Generos de exportação		Vinagre nacional garrafa k. 400		NOTA		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
PREÇOS CORRENTES		Assete doos nacional garrafa k. 3.000		TRIBUNAL DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Algodão do agreste 78000 per lb. k.	78000	Vinagre de Lisboa litro 180		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Algodão " verde 68000 " " k.	68000	Macarrão k. 3.000		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Ameiã lenço 2000 " " k.	2000	Alfêria k. 3.000		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
F do Dama 68000 " " k.	68000	Pimenta do reino k. 2.800		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Genros salgados 118000 " " k.	118000	Arroz " 1.800		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Macarrão litro 080		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Farinha k. 400		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Folho mulatino k. 400		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Folho de corda k. 180		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Folho verde molho 040		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Batata inglesa k. 500		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Batata doce k. 080		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Coco seco um 120		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Folho k. 400		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Pálido maço 100		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Mandioca uma 100		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Ameiã de usina k. 300		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Ameiã mouro k. 400		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Ameiã especial k. 700		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Ameiã relame k. 200		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Milho litro 700		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Alfêira garrafa 400		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2
Faltes de carneiro 600 " " k.	600	Alfêira garrafa 400		REPUBLICA DO ESTADO		Chapecos de palha Um	4000	100	10 I/2

Fonte: A República, p. 2, 04/01/1902.

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=138924&pasta=ano%20190&pesq=%22parte%20comercial%22&pagfis=1481>.

De qualquer forma, admitimos, a despeito do tempo transcorrido e consequentes variações cambiais, que esses cálculos retratam uma outra época, dificultando uma comparação simplista. Mesmo assim, esperamos que sirva para ilustrar os custos de se comprar uma câmara fotográfica e arcar com os demais insumos, que eram importados diretamente da Europa.

O que pretendemos foi estabelecer a condição financeira exigida para essa prática amadora, especialmente na intensidade com que Manoel Dantas a desempenhou. Lembrando que ele ainda exercia as atividades de advogado e de jornalista, as quais não sabemos os valores de seus vencimentos. Portanto, percebemos que em razão de sua posição socioeconômica, não lhe faltaram recursos monetários para dispendir com a atividade fotográfica.

4.1 O RECORTE DA PESQUISA

Aprendemos que para a compreensão do universo temático registrado pelo fotógrafo Manoel Dantas seria necessária a exposição da totalidade das imagens. Isso porque “as fotografias testemunham uma opção humana sendo exercida numa dada situação. A fotografia é o resultado da decisão do fotógrafo de que vale a pena registrar um evento ou um objeto

específico foram vistos” (BERGER, 2017, p. 38). No entanto, em razão do número elevado de imagens, optamos por realizar um recorte na pesquisa, selecionando uma mostra de cada subcategoria, listadas na tabela do tópico anterior.

Aqui também fizemos uma escolha cujo critério adotado foi a condição de conservação das lâminas. Afinal, conferimos que as fotografias, em sua maioria, encontram-se em cinco estados distintos: as conservadas; as quebradas; as manchadas; as descascadas e as que possuem alteração na tonalidade, isto é, muito escuras ou claras. Os níveis de deterioração em cada um desses estados variam de leve a moderado. Apenas uma das lâminas do acervo encontra-se totalmente estragada. Abaixo, alguns exemplos dos estados de conservação catalogados:

Figura 41 – Exemplo de lâmina quebrada

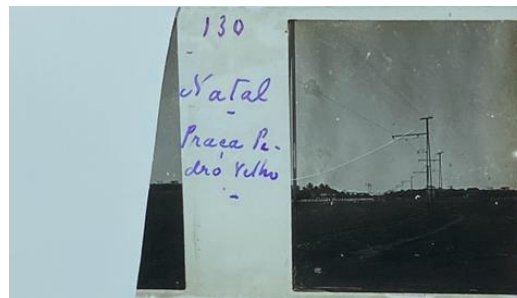


Figura 42 – Exemplo de lâmina manchada



Figura 43 – Exemplo de lâmina descascada



Figura 44 – Exemplo de lâmina escura



Figura 45 – Exemplo de lâmina clara

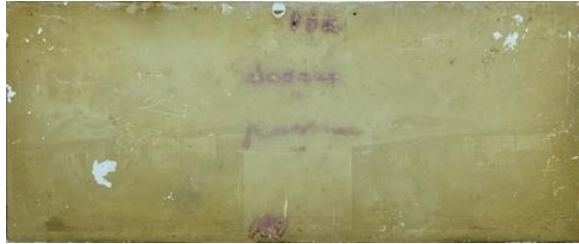


Figura 46 – Lâmina totalmente danificada





Fonte: Fotos do Acervo de Manoel Dantas

Assim, para efeito desse recorte, com exceção das subcategorias que possuem apenas uma fotografia, as demais foram selecionadas de acordo com o melhor índice de conservação possível. No total, a tabela a seguir elenca 63 fotografias catalogadas nos tópicos: categoria, subcategoria, legendas técnica e contextual e um exemplar fotográfico.

Tabela 4 – Categorias, subcategorias, legendas técnica e contextual e amostra de fotografias


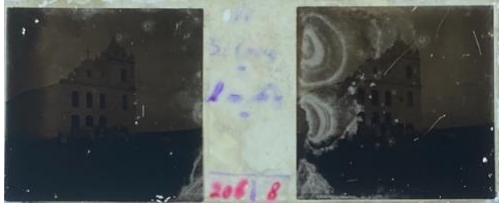
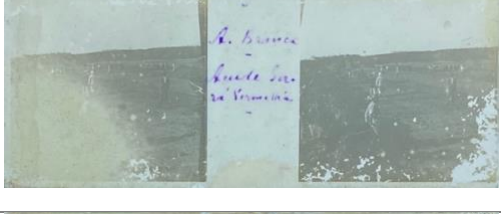

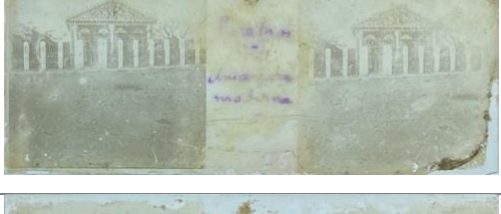


Categoria	Subcategoria	Legenda técnica	Legenda contextual	Fotografias
Natal	Ruas	Av. Rio Branco em Natal		

Categoria	Subcategoria	Legenda técnica	Legenda contextual	Fotografias
Natal	Paisagens	Paisagem (praia) em Natal		
Natal	Portos e navios	Destroyer Paraná em Natal. A oficialidade		
Natal	Inaugurações	Inauguração do Mercado da Ribeira – Natal	(1901 aprox.)	
Natal	Escola Doméstica	Inauguração novo prédio. Gov. Chaves falando	(Set/ 1914)	
Natal	Natal Clube	O Natal Clube em 1918		
Natal	Missa campal	Missa campal no Alecrim. O clero		
Natal	Bispos	Bispos na lancha em 1911		

Categoria	Subcategoria	Legenda técnica	Legenda contextual	Fotografias
Natal	Teatro Carlos Gomes	Teatro Carlos Gomes em Natal		
Natal	Funeral Pedro Velho	Funerais na Rua Conceição em Natal	(Dez/1907)	
Natal	Festas Escolares	Festa das Escolas em 7 de setembro. Alunos na Praça		
Natal	Eventos	Um casamento em Natal		
Natal	Personalidades	Chegada de Pedro Velho em Natal	(Antes de dez/1907)	
Natal	Centenário Padre Miguelinho	Préstito na Av. Junqueira Aires em Natal	(12/06/1917)	




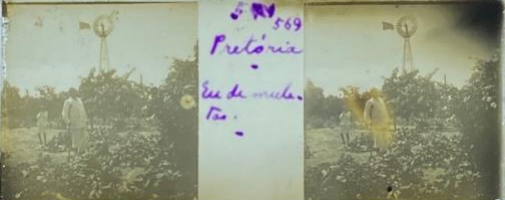



Categoria	Subcategoria	Legenda técnica	Legenda contextual	Fotografias
Natal	Centenário 1922	Inauguração do monumento Préstito escolar	(07/09/1922)	
Estados	Rio de Janeiro	Senhoras		
Estados	Rio de Janeiro – Exp. Nacional	Exposição São Paulo	(1908)	
Estados	Bahia	Ladeira do Bonfim em Salvador/ BA	(Set/ 1916)	
Estados	Pernambuco	Faculdade de Direito em Recife	(Set/ 1915)	
Estados	Paraíba	Grupo de congressista s no Palacete Vergara. João Pessoa/PB	(Mai/1922)	




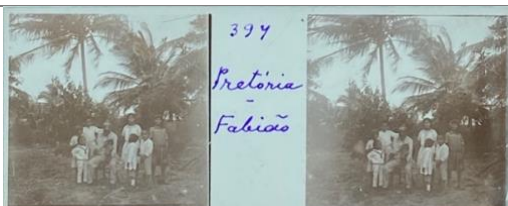

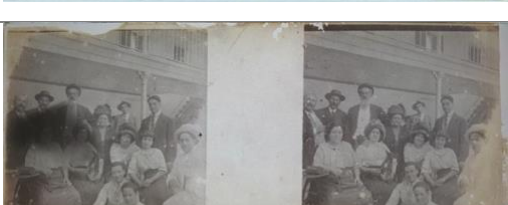

Categoria	Subcategoria	Legenda técnica	Legenda contextual	Fotografias
Estados	Ceará	Juazeiro no Ceará		
Estados	Alagoas	Estátua de Floriano Peixoto em Maceió/ AL		
Estados	São Paulo	Rua em São Paulo		
Estados	Minas Gerais	Correio na Av. Afonso Pena em Belo Horizonte/ MG	(Set/ 1919)	
Estados	Rio Grande do Sul	Santana do Livramento/ RS. Gaúcho		
Países	Argentina (Buenos Aires)	Palermo em Buenos Aires/ AR		
Países	França (Versailles)	Versailles/ FR		

Categoria	Subcategoria	Legenda técnica	Legenda contextual	Fotografias
Interior do RN	São José	Praça da Matriz em São José		
Interior do RN	Santa Cruz	A matriz em Santa Cruz		
Interior do RN	Areia Branca	Açude Serra Vermelha em Areia Branca		
Interior do RN	Mossoró	Salina [ilegível] em Mossoró		
Interior do RN	Parelhas	Uma casa moderna em Parelhas		
Interior do RN	Pau dos Ferros	Grupo Escolar Joaquim Correia em Pau dos Ferros		
Interior do RN	Villa Nova	Na ponte [nome ilegível] em Vila Nova		

Categoria	Subcategoria	Legenda técnica	Legenda contextual	Fotografias
Interior do RN	Santana do Matos	Santana do Matos		
Interior do RN	São Gonçalo	O povoado em São Gonçalo		
Interior do RN	Assu	Carnaúbas em Assu		
Interior do RN	Macau	Lavando o sal em Macau		
Interior do RN	Angicos	São Miguel A vivenda em Angicos		
Interior do RN	Ceará-Mirim	A cheia do rio em Ceará-Mirim		
Interior do RN	Penha	Praça na Penha		

Categoria	Subcategoria	Legenda técnica	Legenda contextual	Fotografias
Interior do RN	Acari	A matriz em Acari		
Interior do RN	Gargalheiras	Cavas de fundação no Gargalheiras	(1921)	
Interior do RN	Excursão de José Augusto	José Augusto na excursão pelo Seridó, em Parelhas	(1923)	
Interior do RN	Fazendas de parentes no Seridó	Um vaqueirinho na Fazenda Navio em Acari		
Família	Fotos de Manoel Dantas	Eu e os meninos		
Família	Esposa	Chiquinha, Umberto e Edgar	(1911)	
Família	Filhos e Filhas	Silvino Dantas em Natal em Out/ 1911		

Categoria	Subcategoria	Legenda técnica	Legenda contextual	Fotografias
Família	Netos	Lygia, Eunice, Beatriz e Sylvia	(1918)	
Família	Demais Familiares	Coronel Silvino Bezerra	(Antes de 1921)	
Família	Eventos	Meu retrato em um almoço em 01/01/1921		
Pretória	Fotos de Manoel Dantas	Eu de muletas		
Pretória	Esposa	Eu e Chiquinha no escritório		
Pretória	Filhos e Filhas	Batizado de Umberto em Pretória	(29/03/1908)	
Pretória	Netos	Eunice na Varanda	(Após Jan/1915)	

Categoria	Subcategoria	Legenda técnica	Legenda contextual	Fotografias
Pretória	Casamento Beatriz	Casamento de Beatriz – Os noivos	(14/02/1914)	
Pretória	Pretória	O jardim de Christovam		
Pretória	Atividades	Demons- tração agrícola		
Pretória	Amigos e familiares	Fabião das Queimadas		
Pretória	Piquenique Dr. Chaves	Piquenique do Dr. Chaves		
Geral	Lâminas sem identificação		Pessoas no Teatro Carlos Gomes	
Negativos	Lâminas sem legenda		Bonde elétrico em Natal (Após 1911)	
Total				63 fotografias

A opção pelo aspecto qualitativo também se justifica pela possibilidade de apreender mais detalhes dos elementos icônicos da fotografia (KOSSOY, 2007). Assim, acreditamos ser possível representar cada subcategoria de forma mais objetiva.

Apesar de estarmos trazendo a representação para um campo particular, isto é, com mostras unitárias das subcategorias, é o conjunto das demais fotografias que complementa os dados informativos. Isso porque as imagens, carregadas desses elementos icônicos, favorecem a busca complementar em outras fontes de pesquisa. É o agrupamento que “gera coerência, lógica, unidade” (ROUILLÉ, 2009, p. 105).

Na tabela acima, a sistematização dessas informações foi adotada com base na metodologia proposta por Kossoy (2014), na qual sugere reunir os tópicos essenciais para a caracterização do documento iconográfico. Na coluna denominada “Legendas técnica e contextual”, agrupamos as informações presentes na legenda escrita pelo fotógrafo, aos dados obtidos nas pesquisas bibliográficas e documentais. Isso quer dizer que novos elementos que ampliam o significado do conteúdo da imagem foram adicionados por meio de levantamento histórico-temporal, com o objetivo de expandir o entendimento do contexto do registro fotográfico.

Um exemplo disso são as fotos tiradas em Recife, Salvador, Belo Horizonte e João Pessoa. Em cada uma dessas coleções existem outras imagens demonstrando que as viagens foram feitas por ocasião da participação de Manoel Dantas nas edições anuais dos Congressos Brasileiros de Geografia, nas quatro capitais acima. Consultando o seu diário pessoal, encontramos as datas (mês e ano) em que os eventos estavam acontecendo, nos anos de 1915, 1916, 1919 e 1922, respectivamente. O mesmo procedimento foi feito com fotografias de pessoas cujas datas de nascimento ou morte também puderam ser acessadas.

Essa abordagem complementa o inventário de informações proposto pela Análise Iconográfica, uma vez que detalhamos os elementos constitutivos das imagens (KOSSOY, 2014).

Inicialmente, trouxemos dados sobre a tecnologia empregada, em aspectos técnicos, econômicos, sociais e comerciais do equipamento utilizado, suporte de superfície fotossensível, processo fotográfico empregado, formato da imagem e natureza do original (negativo/ positivo).

Em seguida, como Kossoy (2014) determina, enfocamos as informações referentes ao fotógrafo como: biografia, acesso, tempo, espaço, fotógrafos atuantes no local e a época e a natureza do ofício, no caso, a de fotógrafo amador.

Em terceiro lugar, elaboramos a compilação temática, evidenciando os assuntos registrados. Aqui, também fizemos uma relação com os aspectos intrínsecos e extrínsecos aos contextos pessoais e profissionais do fotógrafo.

As investigações iconográficas do acervo produzido por Manoel Dantas se encerram no tópico seguinte a partir do levantamento da procedência e da destinação do acervo por parte dos seus guardiões legais.

4.2 O PASSADO E O FUTURO DESTES LEGADOS

A história do legado, na qual se inclui o acervo, teve início com a morte de Manoel Dantas, em 15 de junho de 1924. De acordo com a cronologia observada nos jornais da época, podemos inferir que sua piora foi rápida e inesperada. Isso porque, apesar de no dia 29 de abril do mesmo ano, três dias após o seu aniversário, uma nota n' *A República* afirmar que ele estava muito doente, no mês seguinte, em 11 de maio, parecia estar melhor, a ponto de proferir uma conferência no Instituto Histórico e Geográfico por ocasião do Centenário de Tomaz Araújo⁵⁵. Entretanto, apenas um mês mais tarde, viria a falecer, vítima de febre tifoide⁵⁶.

Edgard Dantas⁵⁷ nos conta que, em razão da *causa-mortis* ter sido uma doença infecciosa, a Vila Pretória precisou ser desocupada e posta em regime de quarentena ou o “nojo”, como também era chamado o período de desinfecção. A viúva e seus filhos menores se abrigaram na casa do casal de amigos Nestor Marinho e Amélia Aranha. Após esse período, D. Francisca retornou à Vila Pretória, onde viveu em relativa tranquilidade até o ano de 1930. Relembra o filho Osório Dantas:

O ano de 1930 foi desastroso para a nossa família. Edgard morre no seu voo solo no Aero clube de Natal e, em outubro a Revolução destituiu Juvenal Lamartine, meu tio, do governo do Estado. José Augusto, meu primo, Senador, Christóvam, meu irmão, Deputado Federal, Omar O'Graddy, meu cunhado e sócio, perdem seus mandatos e ganham o exílio e ostracismo. As responsabilidades da condução da nossa família

⁵⁵ O capitão seridoense Tomaz de Araújo Pereira (1765-1847) foi o primeiro presidente da Província do Rio Grande do Norte, nomeado em 25 de novembro de 1823. Governou entre os dias 5 de maio e 8 de setembro de 1824. DANTAS, Manoel. *Homens de Outrora*. Natal: Sebo Vermelho, 2001.

⁵⁶ A Febre Tifoide é uma doença bacteriana aguda, causada pela *Salmonella enterica* sorotipo Typhi, de distribuição mundial. A doença está diretamente associada a baixos níveis socioeconômicos, principalmente em regiões com precárias condições de saneamento básico, higiene pessoal e ambiental. Se não tratada adequadamente, a Febre Tifoide pode matar. Fonte: <http://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/febre-tifoide>.

⁵⁷ Edgard Ramalho Dantas, neto de Manoel Dantas, em entrevista concedida à pesquisadora em 14 de setembro de 2020.

ficam comigo, aos 19 anos, e meu cunhado Júlio de Melo Rezende, em um tempo de lutas e privações⁵⁸.

Foi nesse período que D. Chiquinha começou a se desfazer do acervo pessoal de Manoel Dantas. As correspondências administrativas do Partido Republicano, no qual Manoel Dantas foi secretário-geral desde a sua fundação, foram destinadas ao sobrinho José Augusto. A ele e ao cunhado Juvenal Lamartine também foram legados alguns outros documentos políticos da época⁵⁹.

Os livros, revistas e periódicos que compunham a biblioteca foram vendidos em 1931 para o Governo do Estado, que posteriormente os doou para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, onde ainda hoje permanecem.

Em 1933, na mesma Vila Pretória, José Augusto fundou o Partido Popular. Nessa época, o terreno que se configurava como o sítio da família Dantas foi loteado, vários deles tendo sido ocupados por filhos de Manoel Dantas, a exemplo de Silvino, Inês e Osório.

Edgard Dantas recorda que o acervo de fotografias estereoscópicas ficou sob a tutela do filho mais velho, Silvino Bezerra Dantas. Ele relata que o tio-avô acondicionava o material em pelo menos três grandes baús de couro reforçado, acomodados em um quarto anexo à casa principal. Narrou Edgard (2020):

“Em julho de 1954, Silvino Dantas se suicidou e seus pertences permaneceram intocados. Algum tempo depois, sabendo que o acervo de fotografias se encontrava entre eles, meu pai, Osório Dantas, que morava muito próximo ao irmão falecido, manifestou à viúva o interesse em ficar com os baús. No entanto, o tempo em que as lâminas ficaram guardadas de forma indevida, sujeitas a infiltração de umidade da chuva e excremento de ratos, fez com que a maior parte delas se deteriorasse”.

Terminada a transferência dos baús, foi a vez do longo e exaustivo trabalho de limpeza e seleção das fotos que ainda estavam em bom estado de conservação, feito pela esposa de Osório, Sylvia Ramalho Dantas (1921-2014). Edgard, filho mais velho do casal, conta que tinha por volta de 13 anos de idade e acompanhou todo esse processo. Ele declara que cerca de 25% do total de lâminas permanecera e os 75% restantes precisaram ser descartadas porque estavam completamente estragadas.

Após esse período, as lâminas estiveram bem acondicionadas, com acesso restrito à família, afinal, era o único legado de Manoel Dantas que havia sido preservado.

⁵⁸ Notas escritas em outubro de 2000, por Osório Bezerra Dantas, de próprio punho, que constam anexas aos documentos do acervo.

⁵⁹ Manoel Dantas, além de tio de José Augusto e concunhado de Juvenal Lamartine, foi correligionário de ambos no Partido Republicano. Os três eram representantes da ala seridoense do partido.

Em 2004, Osório faleceu e, dez anos mais tarde, foi a vez de sua esposa, Sylvia. Com a morte da matriarca da família, os quatro filhos herdeiros, decidiram que era hora de disponibilizar o acesso público às imagens. Para tanto, decidiram que iriam fundar um instituto que, ao mesmo tempo em que manteria as lâminas preservadas, resgataria a importância de seu avô, junto às futuras gerações de potiguares.

Nesse sentido, tendo em vista que Manoel Dantas já havia sido objeto de estudos acadêmicos acerca de sua trajetória enquanto intelectual, educador e jurista, a primeira missão era fazer o levantamento histórico de sua atividade enquanto fotógrafo amador, o que está sendo viabilizado a partir desta pesquisa acadêmica.

Enquanto pesquisadora, tivemos acesso irrestrito ao acervo (fotografias, materiais e documentos), mediante o compromisso de realizar a manipulação das lâminas conforme instruções técnicas obtidas em intercâmbio com especialistas (já mencionados na introdução deste trabalho).

Em razão da extensão, os itens precisaram ser catalogados para em seguida serem analisados, conforme etapas demonstradas nas Figuras 47, 48 e 49:

Figura 47 – Armazenamento das lâminas em envelope de papel apropriado⁶⁰



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora.

⁶⁰ Papel couché, acid free, sem brilho. Especificações fornecidas pelo IMS/ RJ.

Figura 48 – Separação de lâminas conforme catalogação temática



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora.

Figura 49 – Lâminas catalogadas, armazenadas em arquivo



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora.

Atualmente, o Instituto Manoel Dantas encontra-se em processo de criação estatutária. Vencidas as etapas jurídicas, os familiares deverão constituir os corpos diretivo, administrativo e técnico, capacitado para a digitalização das imagens e documentos, elaboração da plataforma de disponibilização de consultas das fotos e demais procedimentos administrativos. A expectativa é que tudo esteja pronto até o ano de 2024, quando a família planeja um calendário de comemorações em razão do centenário de falecimento de Manoel Dantas.

A criação desse instituto confirmará uma das grandes vocações desse patrimônio histórico e cultural. Concordamos com Rouillé (2009, p. 97) ao afirmar que “uma das grandes funções da fotografia-documento terá sido a de erigir um novo inventário do real, sob a forma

de álbuns e, em seguida, de arquivos”. Assim, a destinação do legado de Manoel Dantas seguirá a mesma finalidade da maioria dos acervos de estereoscopias existentes no Brasil. É possível deparar-se com coleções em museus, como o Museu Imperial (RJ), Biblioteca Nacional (RJ), Museu da Imagem e do Som⁶¹ e espaços dedicados à conservação e difusão de imagens, a exemplo do Instituto Moreira Sales⁶² (SANTOS, 2019).

No caso do acervo de Manoel Dantas, o trabalho está apenas no início. Kossoy (2014, p. 96) afirma que pesquisas como esta, “num primeiro momento resultam numa série de dados puramente informativos, que são, neste estágio, apenas o ponto de partida para posteriores desdobramentos de cada item em particular, bem como para o estudo de suas inter-relações”. Samain (1998, p. 42) também conclui que “a reconstituição por meio da fotografia não se esgota na competente análise iconográfica”.

Isso porque, estejam em instituições ou em posse de particulares, é preciso ter em mente que esses legados iconográficos resistem como preciosos artefatos que remetem a aspectos únicos de nossa trajetória (PARENTE, 1999). Nos contam sobre o passado, mediando não apenas as cenas e cenários da época, mas a percepção e o entendimento sobre a necessidade humana atemporal em experimentar o mundo de modos cada vez mais sensoriais e afetivos. Por esta razão, acreditamos que a criação do Instituto Manoel Dantas poderá oferecer novas e importantes contribuições em diversas áreas do conhecimento.

⁶¹ Museu da Imagem e do Som (MIS) – Instituição pública presente nas cidades do Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP), mantidos pelos respectivos governos estaduais. Se concentra nas áreas de música, cinema, artes gráficas e fotografia, com objetivo de difundir a cultura, a educação e a memória. Para saber mais: <https://www.mis-sp.org.br/> <http://www.mis.rj.gov.br/>.

⁶² Instituto Moreira Sales (IMS) – Centro cultural privado dedicado à fotografia, música, literatura e iconografia. Possui sede nas cidades do Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Poços de Caldas (MG). Para saber mais: www.ims.com.br.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cientes de que muitos aspectos da trajetória de vida de Manoel Dantas já haviam resultado em estudos acadêmicos, nos dispomos a realizar um levantamento da sua atividade que – ainda – se mostrava anônima: a de fotógrafo estereoscópico amador do início do século XX, no Rio Grande do Norte. Assim, o que se procurou fazer através deste estudo, foi uma investigação da prática social, isto é, dos meios de acesso, usos e funções designados por ele. A pergunta da pesquisa parecia ser simples: Quem foi Manoel Dantas enquanto fotógrafo estereoscópico amador? No entanto, a resposta que encontramos abarcou diversos aspectos sociais, econômicos, culturais e, sobretudo, históricos.

A partir das pesquisas exploratórias no seu acervo inédito, composto por 2.146 imagens estereoscópicas, documentos primários e secundários, conseguimos estabelecer que – provavelmente – iniciou essa atividade no ano de 1900 e permaneceu fotografando até 1924, ano em que morreu.

A prática em caráter amador, isto é, sem rendimentos monetários, nos fez indagar sobre as condições financeiras que ele precisaria ter obtido para arcar com o aparente hobby, que exerceu ativamente por 24 anos ininterruptos. Ao realizamos uma investigação acerca da trajetória profissional crescente de Manoel Dantas, descobrimos que os aspectos sociais e econômicos em sua vida estavam imbricados com as questões políticas e culturais da época, tecendo uma complexa trama com seus laços de amizade, de matrimônio, de parentesco e de afinidades políticas, tornando-o membro de uma restrita elite da época. Apenas com a inserção da pesquisa dentro dos padrões dos costumes e mudanças pujantes, observadas no início do século XX, é que conseguimos compreender os muitos fatores que podem ter sido decisivos para o desenvolvimento financeiro dessa atividade em Manoel Dantas. Para além do dinheiro, também precisávamos tentar descobrir como se dava o acesso aos materiais fotográficos em um lugar como o Rio Grande do Norte, que – aparentemente – não teve outro praticante da estereoscopia, exceto ele e o pernambucano Domingos Barros.

Nesse escopo, nos debruçamos sobre a investigação da trajetória da fotografia estereoscópica, do seu surgimento à prática da modalidade no Brasil, em especial, no Rio Grande do Norte. Compreendemos o sucesso da tecnologia em razão do encantamento e do apelo de participação que o efeito tridimensional provocava, bem como os fatores que culminaram em seu declínio, a partir dos anos 1950.

Realizando a contextualização histórica, nas fontes bibliográficas e documentais, como os periódicos da época (ainda que restritos), mapeamos os avanços tecnológicos observados em razão da Revolução Industrial, no comércio fotográfico, culminando no aparecimento de novas técnicas e modernos equipamentos fotográficos, sendo diretamente responsáveis pela popularização da fotografia que dependia de questões práticas, facilitando o uso desses amadores. Também pudemos verificar alguns dados acerca do acesso aos insumos de produção e revelação, ainda que importados da Europa e dos EUA, eram adquiridos com certa facilidade, principalmente em cidades brasileiras como Rio de Janeiro e Recife.

Estabelecendo uma relação da fotografia com o jornalismo, percebemos em que medida a incursão na imprensa favoreceu a sua convivência com o mundo pujante das notícias, das novidades e das personalidades que, assim como ele, já se interessavam pela fotografia. Aferimos que imprensa foi o *medium* por onde acompanhou os progressos industriais, nos levando a acreditar que por meio de suas muitas revistas ilustradas, brasileiras e importadas, já estivesse relativamente familiarizado com os lançamentos mundiais de câmeras e insumos. Entre elas, a estereoscopia, que pode ter sido escolhida por ser uma opção moderna, prática e de efeito visual fascinante.

Na imprensa potiguar, à qual tantos anos se dedicou, descobrimos não ter impresso suas imagens, com a desejada frequência, em razão do alto custo dos clichês. Apenas experimentou uma única vez a satisfação de estampá-las em uma edição especial. Mesmo assim, apontamos o caráter documental de seus cliques. Isso porque, embora os acontecimentos de foro público também fossem transcritos para os periódicos, fazia questão de registrá-los fotograficamente para que os avanços administrativos do governo republicano, os eventos sociais e cívicos, os acontecimentos políticos e cotidianos pudessem também ser expostos por meio de uma narrativa visual.

Igual preocupação e importância deu às situações familiares. As passagens relevantes de sua vida junto aos 11 filhos, esposa e netos foram todas eternizadas em imagens para serem rememoradas ao longo dos anos.

Assim, no presente estudo, os aspectos públicos e privados de seus cliques puderam ser explicitados neste estudo por meio de categorização feita a partir de temas, subtemas e legendas. Também foi possível exemplificar cada uma delas a partir do exemplar mais bem conservado de cada uma dessas categorias.

Conseguimos pesquisar acerca do modelo da câmera que utilizou e caracterizar alguns de seus pertences fotográficos, como fabricante, especificações técnicas, entre outras informações.

Com as fontes de dados disponíveis, às quais tivemos acesso, observamos que Manoel Dantas pode ter sido o precursor potiguar dessa tecnologia no Rio Grande do Norte, demonstrando o seu interesse pela modernidade. Sobre isso, inclusive, ressaltamos, o seu modo de vida aparentemente dicotômico. Se, por um lado, havia o sertanejo de gostos simples, apegado aos aspectos regionais, às raízes familiares, por outro, havia um intelectual de perfil polimático, de atuação diversificada, comprometido com suas ações sociais, políticas e administrativas.

Ao final dessas considerações, esperamos que a metodologia escolhida tenha sido bem-sucedida na investigação inédita dessa atividade que Manoel Dantas desenvolveu. Nos propomos a estudá-la por entendermos a necessidade de estabelecer, ao longo da história, os marcos midiáticos que explicam em grande medida o nosso consumo de dispositivos, visuais e táteis, enquanto aparelhos que estão incorporados, definindo até mesmo o nosso senso de identidade.

Se, na prática, este estudo foi realizado, olhando para trás, sua contribuição foi pensada com vistas ao nosso futuro enquanto sociedade. Foi tão trabalhoso quanto prazeroso, nos debruçarmos sobre o acervo de Manoel Dantas. Tentamos abarcar o máximo de aspectos possíveis para preencher as lacunas acerca dessa atividade, mas é claro que ainda há muito a ser estudado. Sugerimos, a partir da disponibilização dessas fotografias, pelo Instituto Manoel Dantas, a continuação desse levantamento, aprofundando as questões atinentes à recepção e produção de sentido, especialmente no tocante a contribuição dessas imagens como instrumento de memória. Em outras searas do conhecimento, este material será ainda mais frutífero, possibilitando pesquisas históricas, arquitetônicas, educacionais, sociológicas, entre outras áreas.

Em dado momento, ficamos com a impressão de que alguns fatos na vida de Manoel Dantas foram marcados pelo acaso. De ter sido o filho primogênito pinçado para ser letrado. Das amizades obtidas em Recife, bem como todo o conhecimento liberal que adquiriu no período acadêmico. Do casamento e a estabilidade política, financeira e familiar que adveio dessa união. Dos avanços tecnológicos experimentados com a industrialização. Das relações sociais, da atuação na imprensa, da inclinação modernista. Entretanto, vimos que por trás de tudo isso, havia uma personalidade de um homem devotado aos seus ideais, que soube pautar o destino rumo às conquistas de sua vida.

Enfim, o desafio de concluir este trabalho foi imenso. Mas, cada nova descoberta fez o percurso valer muito a pena!

REFERÊNCIAS

ADAMS, Gavin. **A mirada estereoscópica e a sua expressão no Brasil**. Tese (Doutorado em Comunicação e Estética Audiovisual) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

ARAÚJO, Mariza Silva de. **Contribuições do intelectual Manoel Dantas para a instrução pública no Rio Grande do Norte (1889-1923)**. 145f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

ARRAIS, Raimundo. et al. **O corpo e alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930**. Natal: EDUFRN, 2008.

AUMONT, Jaques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993.

BAHIA, Juarez. **História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. v. 1.

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2017.

BELTRAMIM, Fabiana. **Entre o estúdio e a rua: a trajetória de Vincenzo Pastore, fotógrafo do cotidiano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: E-compós**, Brasília, v.14, n.1, jan./abr. 2011.

BRITO, Anderson Dantas da Silva. **Em nome(s) dos interesses: imaginários toponímicos do Rio Grande do Norte na Primeira República**. 266 f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

BONI, Paulo César; OLIVEIRA, Michel de. **A fotografia na mídia impressa**. Londrina: Midiograf, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BUENO, Almir de Carvalho. **Visões de República: ideias e práticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)**. Natal: EDUFRN, 2016.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: UNESP, 2004.

CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da República no Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Editora do Val, 1965.

CASCUDO, Luís da Câmara. Lembrando Manuel Dantas. **Diário de Natal**, RN, 8 maio 1962. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_01&PagFis=6685&Pesq=Manuel%20Dantas. Acesso em: 02 set. 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. Manoel Dantas, jornalista. **Diário de Natal**, RN, 25 mai. 1962. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 03 mar. 2019.

CASCUDO, Luís da Câmara. A imprensa. **A República**, ano V, n. 1.158, 1º dez. 1918.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dr. Manoel Dantas. **A imprensa**. 18 jun. 1924. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12947215/homenagem-de-camara-cascudo-museu-camara-cascudo>. Acesso em: 05 mar. 2019.

CIAVATTA, Maria. O mundo do trabalho em imagens: memória, história e fotografia. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, 12, p. 33-46, jan-abr 2012. ISSN 1884-6657. Disponível em <http://submission-pepsic.scielo.br/index.php/rpot/index>. Acesso em: 11 mar. 2021.

COSTA, Helouise; RODRIGUES, Renato. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

DANTAS, Manoel. **Homens de outrora**. Natal: Sebo Vermelho, 2001.

DANTAS, Manoel. **Natal daqui a cinquenta anos**. Natal: Fundação José Augusto, 1996.

DANTAS, Manoel. A vida sertaneja. **O Povo**, RN, 30 nov. 1899. Disponível em: <http://www.bczm.ufrn.br/jornais/O%20POVO/1889/000001BE.001-%20O%20POVO%2030Nov.1889,p.1.png>. Acesso em: 17 set. 2020.

DARRAH, W.C. **The world of Stereographs**. Nashville, Tennessee: Land Yacht Press, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**. São Paulo: Editora 34, 2013a.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. São Paulo: Papyrus, 1993.

- FABRIS, Annateresa (org.) **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- FERNANDES, Luiz. **A imprensa periódica no Rio Grande do Norte (1832 a 1908)**. Natal: Sebo Vermelho, 1998.
- FLORES, Victor. **A terceira imagem: a fotografia estereoscópica em Portugal**. Lisboa: Editora Documenta, 2016.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- FREUND, Gisèle. **Fotografia e sociedade**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1995
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 5. ed. São Paulo: Ateliê, 2014.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- KOSSOY, Boris. **Origens e expansão da fotografia no Brasil: século XIX**. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.
- LAMARTINE, Juvenal. **Revista das Academias de Letras: Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil**, Rio de Janeiro, ano VII, nº 45, maio-jun.1943.
- LEDO, Margarita. **Documentalismo fotográfico: éxodos e identidade**. Madrid: Cátedra, 1998.
- LE GOFF, Jaques. **História em memória**. Campinas: Unicamp, 1992.
- LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de família**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- LIMA, Nestor dos Santos. Traços Biographicos do Dr. Manoel Dantas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, p. 308, 1923-1925.
- LIRA, Bertrand de Souza. **Fotografia na Paraíba: um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850-1950)**. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.
- LYRA, Augusto Tavares de. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1921.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes**: ensaios sobre história e fotografias. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia pública e cultura do visual em perspectiva histórica. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 2, n. 2, 2013.

MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. **Seridó**. 2. ed. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de. **Ser(Tão) Seridó em suas cartografias espaciais**. 122f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MELLO, Maria Teresa Bandeira de. **Arte e fotografia**: o movimento pictorialista no Brasil. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte: 1907- 1987**. Natal: Fundação José Augusto, 1987.

MELO, Pedro de Alcântara Pessoa de. **Natal de ontem**: figuras e fatos de minha geração. Natal: Sebo Vermelho, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, Isabela Cristina Santos de. **A atuação de Manoel Dantas na Instrução Pública norte-rio-grandense (1897-1924)**. 165f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

NEVES, Margarida da S. **As vitrines do progresso**. Rio de Janeiro: PUC, 1986.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PARENTE, José Inácio. **A estereoscopia no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

PEREIRA, **Adriana Martins**. **Lentes da memória**: a descoberta da fotografia de Alberto de Sampaio 1888-1930. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2016.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Maria Isabela Mendonça dos. **Cenas cariocas**: o Rio de Janeiro através das estereoscopias de Guilherme dos Santos (1910-1957). 137f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense/UFF: Niterói, 2014.

_____. **A mirada estereoscópica de Guilherme dos Santos: cultura visual no Rio de Janeiro (séculos XIX e XX)**. 315f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

SILVA, Guilherme Rodrigues Ferraz. **Diante da fotografia: ética e estética do contato no pensamento de Georges Didi-Huberman**. 2014. 116f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Comunicação e Estéticas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 4. ed. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. A grande imprensa. In: SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1966. p.287-447.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUGEZ, Marie-Loup. **História da fotografia**. Lisboa: Dinalivro, 2001.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

SOUZA, Itamar de. **A República Velha no Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRRN, 2008.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo - 1839/1889**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VASQUEZ, Pedro Karp. **A fotografia no Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. (Série: Descobrimos o Brasil).

Consultas à internet

<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<https://aimagem.wordpress.com/2009/04/18/surgimento-da-fotografia-na-imprensa-parte-1/>

http://potiguarte.blogspot.com/2013/04/a-memoria-fotografica-potiguar_9.html

<http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/handle/123456789/20?offset=20>

<http://www.bczm.ufrn.br/jornais/>

<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=estereoscopia>

<http://principo.org/pontos-de-vista-modernidade-e-viso-estereoscopia1.html>

<http://genealogiadorner.blogspot.com/2011/10/manuscritos-de-genealogia-manuelzinho.html>

<http://ronalddealmeidasilva.blogspot.com/2015/12/171-portos-exposicao-nacional-do.html>

<http://walfredogurgel.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=148155&ACT=&PAGE=&PARM=&LBL=Materia>

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/pJjc45sz3z4mvfFJfYxmTbN/?lang=pt>

<http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/181-experiente-na-preservacao-de-acervos-fotograficos-historiadora-fala-a-alunos-sobre-o-papel-da-imagem-na-historia?tmpl=component&print=1&page=#.XSdjVpNKhg>

<https://citaliarestauro.com/fotografia-estereoscopica/>

<https://rioprimeirasposes.ims.com.br/a-fotografia-amadora-e-a-estereoscopia-na-passagem-do-seculo-xix-para-o-xx/>

<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=5545>

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-665720120001

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3865/fotografia-estereoscopica>

<https://www.andreruiter.nl/verascope-by-jules-richard/>

<https://tvbrasil.ebc.com.br/midia-em-foco/2018/11/acervo-e-memoria>

<https://www.pacificrimcamera.com/pp/zistereocupido.htm>

<http://pubdantan.canalblog.com/archives/2008/05/07/9086970.html>

<https://tokdehistoria.com.br/2014/03/08/pequena-historia-dos-bondes-de-natal/>

http://www.earlyphotography.co.uk/site/entry_C24.html

https://www.londonstereo.com/early_processes.html

<https://picclick.fr/Photo-cam%C3%A9scopes/Photographie-ancienne/Appareils-photo-anciens/Appareils-st%C3%A9r%C3%A9oscopiques/>

<https://www.collection-appareils.fr/x/html/appareil-6850.html>

<http://lumiere.click-clack.fr/les-produits-chimiques-2.html>

https://www.pagina12.com.ar/321020-por-el-futuro-del-patrimonio-fotografico?utm_source=FB

Depoimentos orais

Edgard Ramalho Dantas em entrevista concedida à pesquisadora no dia 14 de setembro de 2020.